

Marcos Fábio Belo Matos
José Neres
(organizadores)



Mural das Minas

(ANTOLOGIA LITERÁRIA FEMININA MARANHENSE)

Editora
estampa

Marcos Fábio Belo Matos
José Neres



Mural das minas

Editora
estampa

Copyright © 2024
MARCOS FÁBIO BELO MATOS
JOSÉ NERES

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
sob quaisquer meios sem autorização dos autores.

MURAL DAS MINAS

PROJETO GRÁFICO EDITORA ESTAMPA

COORDENAÇÃO EDITORIAL WESLEY ALMEIDA

CAPA WESLEY ALMEIDA
Auxílio IA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO EDITORA ESTAMPA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M433m

Matos, Marcos Fábio Belo; Neres, José / Mural das
minas / Marcos Fábio Belo Matos, José Neres — 1.
ed. — Imperatriz: Estampa, 2024.

420 p.; il.

ISBN: 978-65-6039-176-5 [*e-book*]

1. Antologia — Maranhão 2. Literatura feminina. 3.
poesia, Reflexão e ensaio literário. I. Título.

CDD: 800.40
CDU: 800(082.21)

EDITORA ESTAMPA

Rua Godofredo Viana, 1234 — Centro — Imperatriz-MA
Tel.: (99) 99104-6605 / (99) 98484-2775
E-mail: editoraestampa@gmail.com

Agradecimentos

A todas as escritoras que aceitaram nosso convite para compor este Mural da literatura feminina maranhense contemporânea.

Apresentação

O Maranhão é uma terra privilegiada em termos culturais. É muito difícil alguém caminhar pelas ruas de qualquer uma de nossas cidades e não se deparar com algum artista. Pintores, escultores, músicos, cantores, escritores, dançarinos, compositores, mímicos, atores e muitas outras pessoas envolvidas com as artes parece que aparecem de repente diante de nós, como se surgissem do nada.

Mas...

Sempre tem um “mas”. Mas parece que esses artistas de múltiplos talentos são invisibilizados por alguma força estranha à nossa própria vontade, passando a nítida impressão de que, para tentar alcançar o merecido sucesso, a pessoa precisa sair de sua terra natal e tentar a sorte em outros recantos. Isso vem ocorrendo há décadas. Talvez há séculos e permanece

como um indevassável mistério sem a devida solução.

Que dizer então das mulheres que produzem arte em nossa terra? Que dizer dessas mulheres que dividem o pouco tempo disponível que lhes resta e ainda encontram disposição para criar e disseminar arte? Que dizer dessas mulheres que peregrinam em busca de um apoio que nem sempre vem? Que dizer dessas mulheres que tantas vezes nem mesmo um simples e sincero aplauso recebem?

É preciso fazer algo para tentar corrigir essa distorção.

Em nossa terra, que muitas vezes só aparece nos noticiários nacionais em função do baixíssimo IDH, da pobreza quase absoluta de grande parte da população ou por causa de algum escândalo, há uma infinidade de talentos que precisam ser vistos, lidos e comentados, contudo falta um trabalho de divulgação. No caso específico da produção literária de autoria feminina, poucos são os estudos que se concentram nesse gigantesco e fértil terreno para estudos. Claro que há artigos, monografias, dissertações e teses sobre obras, autoras ou te-

máticas específicas da produção intelectual de nossas escritoras. Mas, quase sempre, tais estudos ficam restritos a uma pequena parcela da população.

Claro que há estudos importantes sobre a produção literária das mulheres maranhenses, como é o caso do livro *As aves que aqui gorjeiam – vozes femininas na poesia maranhense*, do acadêmico e pesquisador Clóvis Ramos; e *No Pantheon*, livro de Maria Thereza de Azevêdo Neves, no qual a autora estuda vinte e seis personalidades femininas de diversas áreas da cultura maranhense “de ontem e de hoje”, como fez questão de frisar a autora no sumário do livro. Contudo, o livro de Clóvis Ramos foi publicado em 1993 e há muito tempo está esgotado. O de Maria Thereza de Azevedo Neves é mais recente, de 2019, mas por conta do período pandêmico que assolou nosso planeta no ano seguinte, não teve a merecida divulgação.

Foi então que o jornalista, professor e escritor Marcos Fábio Belo Matos teve a feliz ideia de divulgar a produção literária de escritoras maranhenses contemporâneas nas páginas do jornal *O Progresso* – um dos mais importantes veículos de comunicação e também no site *Região Tocantina*.

As escritoras encamparam o projeto e passaram a contribuir com seus textos, e o que parecia ser algo esporádico ganhou corpo e se transformou em um projeto capaz de reunir pessoas que talvez nem mesmo se conheçam pessoalmente, mas que comungam dos mesmos objetivos.

Após as primeiras publicações, a caixa de mensagem de Marcos Fábio começou a ficar repleta de textos, nomes e sugestões de novas escritoras. Aquilo de que já suspeitávamos por hipótese acabou se confirmando de modo empírico: temos um verdadeiro tesouro literário oculto em nosso Estado.

Há muito tempo as mulheres deixaram de exercer o papel apenas de musas, personagens ou de consumidoras de obras literárias e assumiram outros papéis decisivos: o de produtoras, de divulgadoras e incentivadoras de novas publicações. Desse modo, o Maranhão, que já contava com nomes de suma importância, como Maria Firmina dos Reis, Mariana Luz, Laura Rosa, Dagmar Destêrro, Conceição Aboud e Lucy Teixeira, agora tem divulgadas outras cinco dezenas de nomes que também merecem destaque em nossa plêiade de escritoras.

Possivelmente, muitos das escritoras que aparecem nas páginas deste livro são desconhecidos até mesmo para quem estuda com afinco as letras maranhenses. Isso é uma demonstração inequívoca de três situações que são complementares entre si. 1) há muitas mulheres produzindo e que precisam de algum tipo de espaço para mostrarem seus trabalhos; 2) a produção literária maranhense contemporânea de autoria feminina abarca uma profusão de estilos e de temáticas que merece maior atenção por parte dos estudiosos; 3) não é por escassez de artistas da palavra que a literatura maranhense irá perecer nas próximas décadas.

Uma das provas do que foi dito acima é que, assim que cada pessoa começar a folhear o livro irá imediatamente sentir falta de determinadas escritoras que poderiam (e mereceriam) estar aqui. Isso ocorre pelo fato incontestado de que existe um número muito grande de mulheres que produzem literatura em cada município do Estado, o que faz com que cada tentativa de mapeamento esteja sempre fadada à incompletude. E isso é bom. Ruim seria se, nas páginas deste trabalho, toda a produção das escritoras maranhenses pudesse ser abarcada.

Mas...

Como foi dito antes, sempre existe um “mas”. O projeto “Mural das Minas” não termina com a publicação deste volume. Na verdade, este livro é apenas o início de um longo percurso que apenas se inicia. Há muito mais a ser estudado. Há muitas escritoras que aparecerão nos próximos volumes.

Agora é aguardar para ver, ler e crer. Temos certeza de que vale a pena esperar.

JOSÉ NERES

Sumário

Apresentação / 07

Prefácio / 17

Adriana Moulin / 21

Anna Liz / 29

Aline Piauilino / 35

Conceição Formiga / 43

Isabel Cristina Galletti / 49

Cristianne Magalhães / 55

Dilercy (Aragão) Adler / 61

Maria Divina (Diva) Lopes / 67

Elany Moraes / 73

Eliane Moraes Araújo / 79

<i>Eró Cunha</i>	/ 85
<i>Maria da Graça Barros</i>	/ 93
<i>Heloísa Sousa</i>	/ 99
<i>Liratelma Cerqueira Alves</i>	/ 107
<i>Luana Gonçalves</i>	/ 113
<i>Luiza Cantanhêde</i>	/ 121
<i>Maira Soares</i>	/ 131
<i>Márcia Reis</i>	/ 139
<i>Natércia Garrido</i>	/ 145
<i>Regilane Maceno</i>	/ 155
<i>Rilnete Melo</i>	/ 163
<i>Samara Volpony</i>	/ 171
<i>Sharlene Serra</i>	/ 181
<i>Tereza Bom-Fim</i>	/ 191
<i>Wanda Cunha</i>	/ 199
<i>Andressa Picoli</i>	/ 211
<i>Arlene Azevedo</i>	/ 219

<i>Betânia Pereira</i>	/ 227
<i>Dorlene Macedo</i>	/ 233
<i>Edna Ventura</i>	/ 241
<i>Elisa Lago</i>	/ 249
<i>Eva Soares</i>	/ 259
<i>Floriza Gomide</i>	/ 267
<i>Gabriela Lages Veloso</i>	/ 275
<i>Geane Lima Fiddan</i>	/ 283
<i>Helena Frenzel</i>	/ 291
<i>Hyana Reis</i>	/ 299
<i>Liduína Tavares</i>	/ 307
<i>Linda Barros</i>	/ 317
<i>Lindevania Martins</i>	/ 325
<i>Neves Azevedo</i>	/ 333
<i>Eliete Barbosa</i>	/ 341
<i>Maria Helena Ventura</i>	/ 347
<i>Maria Natividade</i>	/ 355

Marina Gorezis / 363

Neusilene carvalho / 369

Rakel de Jesus Pinho / 377

Samanta Matos / 385

Socorro Borges / 395

Lilia Diniz / 409



Prefácio

Um mural para a literatura feminina do Maranhão contemporâneo

O ano era 2021. Pandemia grassando no mundo e nós com medo dentro de casa, tentando de todas as formas preservar as nossas vidas dentro do mínimo de normalidade – se é que podíamos, naquela época, usar este termo... Eu, então, tive a ideia de iniciar um projeto literário – mais um! – com foco na visibilidade da literatura maranhense.

Desta vez, o objetivo era mostrar as escritoras maranhenses. Eu sabia, por ter já feito outras iniciativas de publicação com este formato, que havia uma grande quantidade e diversidade de mulheres que escreviam, espalhadas por todas as regiões do nosso estado. Foi assim que nasceu o projeto “Mural das Minas” – no caso, minas como corruptela de meninas/moças/mulheres.

A ideia era publicar 50 perfis, preferencialmente, de escritoras distribuídas pelo estado. Como plataforma de divulgação, usamos a página da Academia Imperatrizense de Letras – AIL – no jornal *O Progresso* – o mais antigo de Imperatriz – e no site *Região Tocantina* – do qual sou editor-chefe.

Fiz um chamado nas redes sociais, no jornal e no site, e recebi textos de uma dezena de autoras. A partir das primeiras publicações, outras autoras se interessaram e se incorporaram à iniciativa. E, assim, conseguimos nosso objetivo: criar uma coletânea de escritoras contemporâneas, a mais diversa que pudemos fazer: algumas já conhecidas, outras anônimas; algumas muito jovens, outras já maduras; autoras da capital e do interior.

O projeto publicou sua primeira página em fevereiro de 2022, com o perfil literário da escritora Adriana Moulin. Depois vieram, na sequência, as escritoras: Anna Liz, Aline Piauilino, Conceição Formiga, Cristina Galletti, Cristiane Magalhães, Dilercy Adler, Diva Lopes, Elany Moraes, Eliane Moraes, Eró Cunha, Graça Barros, Heloísa Sousa, Liratelma Cerqueira, Luana Gonçalves, Luiza Cantanhede, Maira Soares, Márcia Reis, Natércia Garrido, Regilane Macedo, Rilnete Melo, Samara

Volponi, Sharlene Serra, Tereza Bom-Fim, Wanda Cunha, Andressa Picoli, Arlene Azevedo, Betânia Pereira, Dorlene Macedo, Edna Ventura, Elisa Lago, Eva Soares, Floriza Gomide, Gabriela Lages Veloso, Geane Fiddan, Helena Frenzel, Hyana Reis, Liduína Tavares, Lindalva Barros, Lindevania Martins, Maria das Neves, Maria Eliete, Maria Helena Ventura, Maria Natividade, Marina Gorretz, Neusilene Carvalho, Rakel de Pinho, Samantha Matos, Socorro Borges e Lilia Diniz. Todos os perfis literários estão publicados nas páginas da AIL no jornal *O Progresso*, que pode ser acessado no site do jornal em PDF e também no site *Região Tocantina*, na aba “Mural das Minas”, que pode ser acessado neste link: <https://regiaotocantina.com.br/arquivos/cultura/mural-das-minas/>

Agora, chegamos à segunda etapa do projeto, que é a publicação desta coletânea, com o mesmo conteúdo e guardando a mesma cronologia do que foi publicado no jornal e no site. É uma edição singela, poucos exemplares, mas muito significativa, porque marca mais um formato para a iniciativa, transformando-a em documento peregrino e marcando a sua trajetória na literatura maranhense do século XXI.

Agradeço às escritoras que aceitaram nosso convite e se juntaram a nós (a mim e ao profes-

sor-amigo José Neres, que comigo organizou a coletânea). Temos certeza de que todos e todas que lerem este livro terão contato com um panorama do que se escreve, em termos de gêneros literários, temáticas e visões estéticas, atualmente, no nosso estado, a partir do olhar feminino.

Boa leitura!

MARCOS FÁBIO BELO MATOS



Adriana Moulin e suas palavras sensíveis



Adriana Moulin de Alencar Picoli - Adriana Moulin - nasceu em Colatina - ES e reside em Imperatriz - MA desde 1990. Formada em Medicina pela UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) e pós-graduada em Medicina Interna no HUCAM. Hoje trabalha como Administradora no Setor de Transporte de Passageiros.

É casada com Anderson Mateus Picoli, mãe de Andressa, Felipe e Anna Maria e avó da Paloma, Angelina e Valentina.

É pianista e dedica-se também ao estudo de línguas e psicanálise.

Membro da Academia Imperatrizense de Letras - Cadeira nº 18 - e Membro Correspondente da ALLCHE - Academia Longaense de Letras, Cultura, História e Ecologia.

Recebeu o título de cidadã imperatrizense em 2008.

Autora de *Para sempre o nosso Sol - Todos os pais são heróis* (2008), de *Nua como a Lua* (poemas, 2015), *Palavras & amp; Hiatos* (poemas, 2018), *Almas Gêmeas In/Versos* (poemas, 2019 - em coautoria com o poeta Ribamar Silva) e *Poemas em Ré Maior* – 2020.

SOBRE SER UMA MENINA DO INTERIOR

Nunca vou deixar de ser uma menina do interior. Nunca. Porque não sei e também porque não quero.

Guardo na memória cada pedaço da minha aldeia... E em minutos volto a ser aquela menina cheia de sonhos que cortava a cidade a pé com ares de propriedade.

Regularmente fazia isso aos sábados pela manhã. Entrava e saía das lojas, falava com um, com outro, com muitos...

Fazia umas comprinhas básicas e me sentia a dona do mundo - só porque passeava em minha aldeia, sozinha, caminhando, escolhendo ruas, esquinas e apreciando o movimentar frenético do comércio da minha cidade.

Colatina continua lá. Cresceu, está diferente... Mas a menina que me habita ainda vive lá também, e, para ela, nada mudou. Tudo continua como ela deixou.

A menina que nunca se esqueceu do cheiro insistente do café nem da alegria da sua gente.

E essa menina, por mais que ande pelo mundo, conheça outras gentes, enverede por outras línguas, nunca vai deixar de ser aquela menina do interior, com longos cabelos castanhos, sempre apressada e resolvida, que cortava a sua cidade aos sábados pela manhã, fazendo disso um ritual de felicidade, de vida!

DE JANELA À JANELA

O abismo reside
onde eu me calo

O hiato – viagem de ida –
é história sem volta,
amor esquecido no concreto
e nos vãos do absurdo

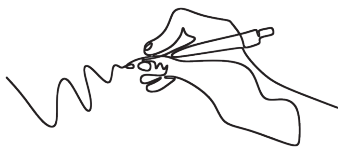
É o vazio
que ocupa tudo
(de janela à janela)
com o mar ao fundo...

A ARTE SALVA

O que seria de mim
sem Pablo, Fernando, Carlos
e Manoel de Barros?
E sem Clarice, Cecília, Frida
e Cora Coralina?
O que seria de mim
sem Riobaldo e Diadorim?
Sem Guimarães
para colorir de (Rosa) os meus dias
e me fazer chorar de dor e de rir
no meio de uma pandemia?!
O que eu faria
sem Marlos Nobre, Bach,
Beethoven e Mozart?
E ainda me perguntam
se eu acredito que a arte salva...
A arte nos salva da morte!
A arte nos salva da vida!!

INCÊNDIO

Sei ser Chuva fina
que acinzentava os dias
ou uma Lua nua
a atormentar os sonhos seus.
Posso ser Estrela que brilha
nas alturas - sozinha e sem medo -
na noite escura,
mas quando invento de ser Sol...
Moooço! Aí sou tudo!
Luz que ilumina e incendeia o mundo!



Anna Liz

Literatura com argúcia e sensibilidade



Anna Liz é de Santa Luzia, Maranhão. Poeta, cronista e professora.

Tem participação em quase 100 antologias lançadas no Brasil e em diversos outros países, além de já ter publicado oito livros solo.

Organizou duas antologias com obras de 25 escritoras maranhenses. Ao longo de sua trajetória recebeu vários prêmios de Literatura de entidades relevantes no campo literário no Brasil e em outros países.

Faz parte de algumas Academias e Núcleos Acadêmicos de Letras e Artes no Brasil, Chile, Argentina e Portugal, é membro correspondente da Academia Ludovicense de Letras.

Atualmente, é presidente/coordenadora da Associação de Jornalistas e Escritoras Brasileiras, coordenadoria Maranhão/AJEB-MA.

Em 2021, ficou em 3º lugar no Prêmio Alejandro Cabassa, 3º, categoria crônica, da União Brasileira de Escritores-RJ.

QUANDO A ESCRITA CHAMA

Ela desperta, abre a porta e as janelas, ouve os bem-te-vis e rouxinóis, percebe as folhas das árvores movendo-se, aspira as flores, respira a manhã, enquanto toma um café. Pensa na caneta e no papel, sente necessidade de escrever, mas os afazeres do lar a prendem. E ela, quase que mecanicamente, reproduz os velhos e desgastados hábitos. Mas a caneta e papel a chamam – o tempo é urgente. Como que por espanto, ela se senta e se dá conta de que precisa renovar os propósitos da alma. É tomada, então, por uma felicidade pueril e começa a brincadeira com seus fiéis companheiros, desliza-se pelos caminhos da escrita. Ela pega a caneta e deita sobre o papel em branco os recados de sua alma inquieta e compõe seus versos com calma, musicando a essência de suas angústias e individualidade poética.

OLHAR E VER

Hoje pela manhã, fiz uma caminhada solitária no campo – árvores, flores, igarapés, canto de pássaros –, nenhuma dessas belezas ficou registrada no córtex; a retina não captou. Todo meu pensamento era sobre você: o sorriso tímido e claro, os olhos de mistério, as mãos sedentas do encontro, um corpo quente que me absorvia como ímã, o descontrole de minha respiração quando seu olhar encontrava o meu. Essas cenas tomam minha imaginação poderosamente. E eis que penso que o meu fado para sempre é ser o cenário das lembranças sobre você.

CRÔNICA DA ALFORRIA

Ella se deitou na grama e contemplou as estrelas. Desejou ser uma estrela, ter outras a sua volta, queria sentir-se livre também, longe de tentáculos. Queria estar junto a outras, mas dispensava a opressão, a vigilância, a cobrança; queria apenas companhia. Pensou que poderia correr descalça pela praia, sentir a brisa em seus cabelos e na pele, sentir o sol ofuscando-lhe a vista, lambuzar-se de sorvete e sorrir com a alma. Fechou os olhos e respirou liberdade. Sabia que tinha brilho; um brilho tímido, mas o tinha. Um dia seria uma estrela.

LIBERTA

Até ontem, Ella era apenas a mulher que cuidava da casa e da família, muito resignada. Mas, hoje, ela fugiu sem trégua, sedenta, faminta. Surgiu como quem sai do fosso, deixando para trás toda a sua apatia. Olhava a sua volta com olhar abundante e ambicionava novas experiências. Apertava com força entre as suas pernas todo o desejo reprimido e do rosto saltavam-lhe luzes em forma de lágrimas aliviadas. Nas ruas, as pessoas a olhavam com admiração e abriam-lhe passagem com reverência e ela renascia, como uma deusa.



Aline Piauilino
A palavra como missão



Letróloga, professora, advogada e escritora.

Foi redatora, colunista e produtora de tirinhas do Jornal *O Folha*, entre 2004 e 2013.

Imortalizou-se na ABL — Academia Bacabalense de Letras — no ano de 2001, vindo a ocupar a cadeira nº 09. Fora eleita por duas vezes consecu-

tivas ao cargo de Secretária Geral e logo após Vice-presidente da ABL-MA.

Cronista, contista, poeta e romancista, também é ilustradora e possui oito livros publicados até o momento, a saber: *Segredos D'alma*, *Violetas de Outono*, *O derradeiro poema*, *Liriconcreto*, *Cambo de Poesia*, *Eflúvius* (poemas), *Vida Crônica* (Crônicas) e *A Música* (Romance).

Redes sociais: @alinefreitasautora (Instagram e Facebook) e @AlinePiauilino (Twitter).

1º EFLÚVIO

Não se lastima mais o sofrimento,
Não mais se indaga o profundo ópio da alma,
Povoa somente o espírito
A conformação suicida e calma...
Estes olhos são mansas violetas...
Veludo... névoa... mistério... tristeza
Devoradas por aquosas borboletas
De sonho tecido com sedas e delicadeza...
Tênuê véu de alegria sustenta
Minha face sem surpresas e sustos,
Riso funéreo de marés, de tormenta,
Breve cortejo de risos tristes e augustos.
O sofrimento é bem o que esta alma tem colhido
Com farturas, é plena primavera!
Ouço claro e alto as vozes de um tempo ido
Dizem: “tua vida é já farta de quimera...”

3º EFLÚVIO

Cerração... Navalhas de vento...
Folhas aljofradas.
Vultos... Gazes roxas... Violetas aveludadas,
Involuntários gemidos de tormento.
Sopram os ventos alísios
Do oeste, do sul, do leste e do norte,
Tristes versos à Morte,
Insurgente dos profundos abismos
Obscuros, frios, difusos...
É noite? É dia?
A cerração vai sufocando a alegria.
Entre mil gemidos confusos
Paira um misterioso perfume
Qual a flor? É só um vulto etéreo sem lume...

5º EFLÚVIO

Estes olhos
Nem negros
E nem castanhos
Fitam no espelho
Esta face
Nem triste
E nem alegre.
Esses olhos indefinidos
Desconhecem esse rosto,
Esfinge argêntea e fria...
Nem noite e nem dia...
Nem réquiem
Nem frevo
Nem luz e nem trevas.
Apenas uma lápide fria
No meio do cemitério
De vidas ambulantes...

INICIAÇÃO

Existe um mistério de iniciação
Num céu calmo de estrelas,
Há um quê triste de inspiração
De versos amargos pelo que se protela.
Meus olhos de abismo profundo,
Fitam plácidos, tão cobertos de agonia
As vagas sombras que se arrastam pelo mundo
Na ânsia vã de sorver alguns fios de alegria.
São de séculos estas cismas
Pelo que vai passando, plácido, indiferente,
Aos meus olhos abismais,
Sobre essa triste vida corrente.

CIRANDA DO EFÊMERO SENTIR

A poesia que me fizeste,
Era de bruma e se dissipou;
O desejo que por mim tiveste,
Era apenas físico e se acabou.
As palavras que me dirigias,
Murcharam como flor;
Nenhuma fora escrita,
E a efemeridade as carregou.
Teu abraço era de areia,
Veio o sol quente o secou;
Surgiu o vento que sopra forte e cambaleia
E em minutos te desmanchou.



Conceição Formiga

Poesia, fé e memória



Maranhense de Barra do Corda, filha de José Tauari de Medeiros e Eugênia Medeiros, nasceu em 15 de outubro de 1946.

Fez seus estudos em Bacabal, no Grupo Escolar Oswaldo Aranha e no Colégio Nossa Senhora dos Anjos.

Casou-se com Sebastião Alves Formiga, em 20 de abril de 1963, em Bacabal e se transferiu para Imperatriz em 1967. O casal tem três filhos: Tauari, Tairon e Giovana. Seus netos são: Tauari Filho, João Pedro, Maria Izabella, Jasmine, Tiago e Théo.

Professora aposentada, tem licenciatura curta em Letras.

Trabalhou na Escola Santa Teresinha, no Grupo Escolar Estado de Goiás e no Centro de Ensino Médio Graça Aranha. Em 1980, foi professora do Colégio Nossa Senhora dos Anjos, quando morou novamente em Bacabal, acompanhando seus pais que estavam doentes.

Sempre se preocupou com os problemas da educação e esteve envolvida nas lutas sindicais dos professores. Foi Diretora Regional de Educação em Bacabal e Imperatriz e funcionária do Banco do Brasil entre 1982 e 1995.

Foi uma das idealizadoras e fundadoras do Clube de Mães de Imperatriz (1971), sendo a primeira presidente do Núcleo São Francisco de Assis. Participa até hoje como sócia ativa, tendo exercido todos os cargos na Diretoria e atualmente é Vice-Presidente da Diretoria Central do Clube, que tem 25 núcleos.

Escreve poemas e textos de memória. Em 2016, lançou o livro *Presépios: Mimos de Francisco*.

RETALHOS DE EUGÊNIA

Ela partiu...
E não mais voltou
Não havia outro jeito
Senão recordá-la
Nas coisas que muito amou.
Naquele quartinho, estava seu mundo,
Máquinas, rendas, sacolas,
Retalhos, com recados profundos,
Cada um nos contando
O que ela fez, neste mundo.
O tempo passava,
Cinco malas, sacos e sacolas
Foram sendo distribuídos,
Até os retalhos iam saindo,
Um, porém, será sempre guardado
Prá lembrar de mamãe nos sorrindo.

*DOM MARCELINO
AMIGO, PAI E PASTOR*

Amigo?

Sim, um bom amigo

Dom Marcelino sempre soube ser

Nas alegrias, presente nas famílias

Assim também, como estava

Junto, forte, nas horas do nosso morrer.

Pai? Sim, um bom pai

Dom Marcelino foi durante toda vida

Dos órfãos, sempre esteve ao lado,

Viúvas, pobres e o povo sofrido

Dele, receberam abraços apertados.

Pastor?

Sim, um bom pastor

Dom Marcelino foi desde o seu chegar

Anunciando, mostrando o caminho

Indicando sempre com amor

A direção que o rebanho devia tomar.

ELIAS DO BOI, AMIGO DE TODOS

Com um pandeiro e um boizinho
Nas noites e festas de São João
Elias juntava as crianças
E pelas ruas de Imperatriz
Cantava, animado com o coração
Era alegre, muito amigo,
Feliz e vivia sorridente
Não reclamava de nada,
Nem fazia questão de roupa decente,
Há anos foi acolhido por Maria da Paz,
Mulher de coração diferente
E na casa dela, foi tratado como parente.
Um dia... súbito acidente
Veio a doença malvada
Complicou e parou seu coração.
Elias partiu, deixando saudades
E lembranças que recordamos com emoção
Nas praças e ruas de Imperatriz
Muitos se lembram desse homem
Que cantava e encantava
Com seu “Boizinho Feliz”.



Isabel Cristina Galletti
A palavra em forma de poesia



Isabel Cristina Galletti nasceu em Santa Teresa-ES, em 1968, em uma grande família de imigrantes italianos. Em 1978, muda-se com a família para Imperatriz-MA. Em 1985, mudou-se para Belém-PA, onde estudou arquitetura e onde conheceu na faculdade o pai de seus três filhos,

hoje adultos. Em 1994, volta para Imperatriz onde vive atualmente.

Trabalhou como arquiteta e empresária, mas hoje se dedica à arte de escrever, um sonho desde a adolescência.

Em 2021, publicou, pela plataforma digital Amazon, o livro de poemas *Sobre Dores e Amores*, onde, conforme a descrição da obra, a autora “aventura-se na arquitetura das palavras e as dispõe, no espaço da folha branca do papel, de forma estética.”

BROTO

Como broto que cresce
fora da estação,
renasço a cada investida
da adversidade,
recomeço,
recomeço sempre!
Como viajante do mundo,
procuro uma pátria que
me aceite como sou!
Me permito ser vista sem
muros, enfrentando a
imensidão!
Incompreendida, às vezes
divido, confundo,
me recuso.
Como broto, sou cheia de
vida, me coloco em
movimento,
mesmo fora da estação!

SOU AQUELA...

Carregada de frutos,
A árvore que te faz sombra e sacia tua fome!
Sou aquela que, no silêncio,
grita verdades ao teu ouvido!
Sou aquela que carrega a lanterna
e ilumina teu caminho!
Sou aquela que te visita em sonhos,
Sou teu maior desejo!
Sou aquela que cumpre promessas,
dança valsa e ri contigo!
Sou aquela que desvenda os segredos
do teu coração
e, agora revelada,
Sou aquela que te dá asas para voar!!

SE EU CRIASSE UM MUNDO

Se eu criasse um mundo, tudo
nele seria absurdo
Pra começar livre acesso à lua e
conversas com o mar
as estrelas cantariam comigo!
No meu mundo todos os sonhos
seriam permitidos,
e todos os amores vividos!
No meu mundo existiria beleza
e riquezas partilhadas!
Se eu criasse um mundo,
todos os amores seriam
correspondidos e ninguém teria o
coração partido!
Que absurdo!
No meu mundo não
esqueceríamos ninguém no
passado,
mas no presente é que
estariam nossos corações!
Se eu criasse um mundo, seria
só de absurdos

O céu seria uma certeza,
e o sol passearia comigo
no parque
Todos teríamos um
olhar diferente!
Nossas emoções
seriam puras,
nossos sentimentos declarados
nossas memórias sempre
vivas!!
Que absurdo,
Se eu criasse um mundo...



Cristianne Magalhães
Poesia para sentir o mundo



Cristianne Magalhães é uma talentosa poeta e cronista, apaixonada pela leitura e pela escrita.

É reconhecida como autora do livro de poemas intitulado *Múltiplos Lutos* e também por suas crônicas publicadas no prestigiado site *Região Tocantina*.

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, Cristianne também dedica-se ao ensino como professora na Rede Estadual de Ensino.

ABANDONO

Quando o útero expela a criança,
nasce a linha que separa as duas datas.
Quando o jovem amor sentido
raia como novo sol emergido,
reencontra a resposta que falta.
Mas o abandono sempre resta lá.
Somando a ausência ao que virá.
Sempre há meninas abandonadas
no meio das linhas de tiro.
As vozes velozes em volta,
a vida vazia que se esvai...
Nada preenche a meia noite
à meia luz.
A meia idade rejeita meias vidas
que desperdiçam a inteireza da solidão.
Tem uma criança abandonada
no meio da linha de separação.
Deixada lá, como se tivesse o dobro do tamanho.
E tem.
Como se soubesse se defender.
E sabe.
No meio do mar revolto, ela soube nadar.
Nunca abandonou a menina pequena
[nem a mulher.
E tenta. Todo dia. Não se abandonar.

NÃO, OBRIGADA

não obrigada
a linha de frente é mulher
na limpeza e no cuidado
na pobreza e na doença
na tristeza e na beira do leito
quem consola é uma mulher
alfa e ômega
do nascer ao morrer
brilha a estrela em performances
não monetizadas
oh deusa das jornadas triplas
rainha do home office
coroa e trono imaginários
acolhe o sexo forte
e o que não se assume frágil
a prima de terceiro grau
na hora do cuidado
é lembrada
o que tem pra elas então
mulher guerreira
não obrigada

JOSÉ GRANDE

Oh, José!
Homem trabalhador
da cidade grande
nem vê a chuva, José!
Levanta cedo
pega metrô,
sem ver a chuva, José!
Trabalha de estivador
e nem vê a chuva,
o homem da cidade grande.
José, você vive chuva!
Você é do interior.
Você é grande, José!



Dilercy (Aragão) Adler

A palavra como ofício



Dilercy Adler nasceu em 07 de julho de 1950, em São Vicente Férrer/Maranhão/Brasil.

Psicóloga, Doutora em Ciências Pedagógicas-ICCP/CUBA (revalidação UnB/Brasília), Mestre em Educação-UFMA, Especialização em Metodologia da Pesquisa em Psicologia – UFMA e em

Sociologia-UFMA. Integrante do Banco de Avaliadores (BASIS) do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Aposentada da Universidade Federal do Maranhão e Professora de Graduação e Pós-graduação.

Tem publicados: 12 livros de poemas, 3 acadêmicos, 2 biográficos e 1 de história infantil. Organizou 12 antologias e integra mais de cem antologias entre nacionais e internacionais.

Já recebeu vários prêmios, troféus e menções honrosas por trabalhos poéticos e culturais.

É Membro Fundador e Presidente (biênio 2016-2017) da Academia Ludovicense de Letras – ALL, Casa de Maria Firmina dos Reis, ocupando a Cadeira de nº 08, patroneada por Maria Firmina dos Reis. Titular da Cadeira Nº 1 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão-IHGM; Vice-Presidente da Academia Maranhense de Trovas-AMT; Presidente fundador da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão-SCLMA (julho de 1987 - dez 2016), Presidente da Sociedade de Cultura Latina do Brasil; Membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil-Coordenadoria Maranhão, entre outras instituições culturais nacionais e internacionais.

MITOS

De perto e diariamente
ninguém é tão bonito...
sem os perfumes e cremes
ninguém é tão cheiroso...
sem os artifícios da moda
ninguém é tão charmoso...
sem as palavras sussurradas
ninguém é tão doce...
com a cara abarrotada
pela mal dormida noite
ninguém é tão viçoso...
visto de muito perto
o mito se desfaz
o certo é que de muito perto
ninguém é mesmo normal!...

POEMA (IN)ACABADO

Um poeta, diante do papel
que branco e vazio se encontram
é somente um poeta
que vê calado o absurdo do mundo!
um poeta que derrama palavras no papel
denunciando a injustiça do mundo
e – a escancara –
pronuncia o parto da liberdade!

o poema nunca estará pronto
nem perdido
enquanto as palavras se encaixarem
liricamente no real
invadindo o incauto coração!

O TEMPO (Para Chico Buarque)

O tempo passou na janela
na minha e do meu bem...
o tempo passou na esquina
passou para ela
e para a menina também!
o tempo viajou no barco
de avião e de trem
viagens breves ou longas
lá estava ele também!
o tempo é democrático
passa em todo lugar
viaja
fica
registra presenças
lembranças
sem esquecer ninguém!
o tempo passa...
e eu o tenho às vezes
na palma da minha mão
mas logo entre os dedos escoa
me tirando a ilusão
de que eu possa prendê-lo
pra sempre na vida
no coração!

“O tempo passou na janela
Só Carolina não viu”.
não viu! perdeu!...
ele jamais voltará!
e assim
passou...
passa
passará
inexorável
tensa e indolentemente
o tempo –
a todos e a tudo resistirá!



Maria Divina (Diva) Lopes
Poesia, engajamento e sensibilidade



Sobre mim: Sou fruto do amor incondicional de um lugar chamado família e comunidade, das terras áridas maranhenses bem perto das palmeiras e do rio e bem longe do mar.

Carrego sonhos coletivos, herdados da minha ancestralidade afrodescendente e das lutas

por terra, território e liberdade. Em tempos de descrença, minha poesia versa a vida, a luta e esse povo de mil faces...

Tenho tendência à insubmissão e carrego comigo a sede de justiça.

Sou Maria Divina Lopes, educadora popular, Pedagoga – Formada pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Mestre em geografia pela UNESP, militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/ MST-MA, filha, irmã, companheira.

Nasci em Passagem Franca-MA, no ano de 1976, hoje moro em Imperatriz-MA, me considero uma, entre tantas outras mulheres negras maranhenses, que ousam poetizar a vida.

ARTE MAIOR

É arriscado desejar o improvável.
Mesmo que seja flor,
mesmo que seja bela,
mesmo que seja tangível,
mesmo que seja possível.
Degustamos a presença,
como se fosse fruta,
como se fosse vinho,
como se fosse canto,
como se fosse carne,
como se fosse festa,
como quem compõe a vida esculpindo a arte maior.

DE/COMPOSIÇÃO

Um sistema orquestrado aprisiona
o movimento da existência.
Desnudo minhas fraquezas diante do que vejo,
ao revelar meu rio de preocupações.
Meu refúgio de indignação,
meus pedaços de afetividade,
minha fração inteira de inspiração
confrontam-se cotidianamente com a de
/composição
da sociabilidade humana.
É áspero o arranjo que compõe os dias atuais,
consente um sustento racionado
para uma sinfonia de famintos automatizados,
produz uma diversão que artificializa a alegria,
e uma arte que não sensibiliza.
Tudo é vendido, comprado, mercantilizado.
Até mesmo a lágrima
vira mercadoria e embrutece o amor.
Amor,
esse alento que materializa
toda a consistência dos meus ideais.

REBELA-TE

Diante de quem arquiteta a morte,
manipula consciências,
mobiliza destruição,
negocia direitos,
incentiva a ignorância
destrói o sonho.
Março está em nós.
Rebela-te,
Repõe a insurgência,
o fervor do caldeirão,
a decisão de não retroceder,
de manter-se em bando.
Rebela-te,
Recupera a coragem de enfrentar a engrenagem
que produz morte, fome e violência,
a decisão de atacar, para defender-se.
Rebela-te,
Somos mulheres, nos interessa a felicidade,
fazer a semente germinar
produzir alimentos na terra,
nos banhar de mar,
nos vulcanizar contra quem oprime,
ser balaio de amor
ser multidão em luta pelo direito de existir!



Elany Moraes
Crônicas pra pensar o cotidiano



Elany de Maria Moraes da Silva nasceu em Caxias-MA.

Estudou em Caxias, na Universidade Estadual do Maranhão, graduando-se em Letras/Literatura e pós-graduando-se em Literatura Brasileira.

Atua, profissionalmente, como professora de Língua Portuguesa, nas redes Municipal e Estadual do Maranhão. Com relação à prática literária, escreve os mais variados gêneros literários, como poema, conto, crônica, memórias...

Além de possuir várias produções literárias publicadas em antologias, como *Melhor de Mim* (editora Poesias Escolhidas – Belo Horizonte/MG), *Entrelaços*, *Ondas Poéticas e Pétalas* (Darda Editora/RJ), publica ainda, na *Revista Acontece-CE*, em 2017, *Muitas de Mim*, e os livros *Luz e Sombra* (Darda Editora) e *O mundo em Dois Tempos* (Delicatta).

SOLIDÃO NA MULTIDÃO

São milhares de sozinhos, na multidão. Desconfio de que as pessoas estão mais solitárias. Será medo de sua própria espécie? Ou quanto mais numerosa uma sociedade, mais enfadonha ou perigosa será? Quando encontro uma justificativa para isso, chego a ser pessimista, ao acreditar que a humanidade pode estar perdendo as mais fundas qualidades de ser humano.

Na condição de solitários, somos mais ou menos felizes? Jean Jacques Rousseau dizia que é devido a nossa fraqueza que nos tornamos sociáveis. E, então, superamos nossa fraqueza?

O homem é um ser social. A socialização faz parte do sentido da vida, por isso, não pode deixar de existir. Mas, por muitas razões, isso tem se tornado distante da vida de muitas pessoas. A solidão não pode valer como remédio para a cura dos inúmeros problemas existentes em nossa sociedade atual. Estamos doentes. A solidão não é alimento para nossa fraqueza. Estamos morrendo de sede no mar. Muitos estão sozinhos, sem coragem de estarem sós. Quem não está a se sentir desamparado em sua própria ilha?

O isolamento social vem existindo com mais frequência. Motivos? Comportamentos odiosos dos nossos semelhantes? Visão distorcida? Parece-me que as pessoas não estão vendo mais as outras como suas companheiras, com quem podem conviver pacificamente e dividir experiências. O cenário atual assemelha-se mais a um ringue de adversários. O mundo social tem se enfurecido? Diante disso, a vida não pode se tornar apenas borrões? Tragicamente, vejo um caos gerado por uma disputa illusória.

É fácil viver no mundo de conformidade com a opinião das gentes? Penso como Freud: “a solução não é voltar as costas para esse mundo”. Por que não tentar recriá-lo? Quando um grande número de pessoas optam pela solidão, como fuga, o sofrimento é em massa. E, esse, é o sinal da decadência, do perigo para a humanidade. A solidão é um vazio. Estar sozinho pode ser um aceno para a loucura.

EM NOSSOS TEMPOS

Vivemos em tempos em que a bondade é chamada de fraqueza. Hoje é preciso ter coragem para ser bom. Muitos estão sendo preparados para ser dados a uma luz não tão bonita. Os verdadeiros sentimentos estão sendo embrulhados em papéis que não são para presentes. Estou a visualizar uma sensação de não pertencer essa tragédia presente. Se não existem raízes criadas com amor e esperança, todo o resto fenecerá.

Fui nascida para enxergar a bondade como um bem maior. Mas não tenho visto vitória nisso. Seja no mundo cibernético (“conviver com a maldade humana na internet talvez seja um dos maiores desafios do século XXI”) ou real, quase toda e qualquer ação vira deboche ou escárnio. Desconfio que existe poeira nisso, pois os resultados não têm sido acertados. Ou ainda não sou madura para esses tempos?

Ando afirmando que não se pode andar distraído para o amor. Vida sem amor é vida sem bondade, e vida sem bondade é vida anulada. Esse tipo de vida é um inferno humano. Nem sei se isso tudo não faz parte de um mistério, mas sendo ou não... Sinceramente, vivo atônita, porque não caibo nesse desajuste moderno, ou sou

eu quem está desajustada? Nada me serve essa modernidade sem bondade.

Suponho não entender a vergonha de muitos em ser bons. Há muita timidez em elogios sinceros. Mas a troça da vida alheia é desenvolta, expansiva... Em nossos tempos, a tragédia do outro é diversão para muitos. Não sei perder minha dor nas lágrimas que não são minhas. É preciso que não se saiba o contrário disso.

E a gente não se assusta com o excesso de malícia? A desconstrução da bondade tem se dado por uma busca frenética de superioridade? Ou por o mau acomodamento da alma no corpo, como disse Clarice Lispector? Convenço-me de que não se pode estacionar em qualquer degrau da generosidade, da compaixão, da benevolência.

Que triste se ver na maldade humana! Há até quem dissesse que estão dando a vacina contra a “raiva” na raça errada. O mundo é tão imenso! A vida é tão imensa! Penso haver lugar para a bondade. Por que esta tem perdido tanta atratividade? Não sei se o que sinto “serve para se dizer” mas essa perda tem doído em mim. Suponho que vem doendo em outras mais gentes também.



Eliane Moraes Araújo
Literatura para o Mundo



Eliane Moraes Araújo é escritora, poetisa e romancista.

Pertence à SOBRAMES (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores).

É acadêmica imortal correspondente da Academia de Artes de Cabo Frio/RJ – ARTPOP – Ca-

deira Patronímica 168; membro correspondente da UBE-RJ (União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro); membro acadêmica da ALAPAS 21 – Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências; membro da AJEB/Associação de Jornalistas Escritoras do Brasil; membro honorária da ABRAMES/Academia Brasileira de médicos Escritores.

Em 17 de Novembro de 2018, foi laureada pela Divine Académie da França pelos seus relevantes serviços prestados às Letras e à Cultura, na qual será condecorada com o título honorífico de membro de honra.

O seu romance *Rol das Faces* é sucesso em terras italianas, tendo contrato assinado com a Aracne Editrice/Roma/Itália.

O SER MULHER

Na calmaria da noite
os olhos ávidos se rendem à beleza da leitura.

Entro em transe,
preciso viajar em pensamentos, sem pressa.

Fecho os olhos
e chego ao mundo mágico dos deuses
e me refaço mulher deusa.

Ele caminha em minha direção,
uma túnica branca cobre o corpo másculo,
que me excita, fazendo meu corpo queimar
nas ondas do desejo insano.

Ele nu, despido, se entrega na essência
de minha nudez e do meu querer.
Sou fêmea humana, desejosa de toques de mãos
que arrepiam a pele na troca de carícias.

Meu gemido é sufocado pela boca gulosa,
que engole minha língua no sussurrar rouco...

De queres loucos que atija a fome descomunal
e revela o cio no tremor de corpos.

Na desordem da cama, o encaixe é perfeito,
o penetrar dele é lento
no rebolar de quadril numa dança sensual.

Minhas entranhas úmidas e quentes engolem-no
com calma entre espasmos apertados,
sem seguir as batidas aceleradas do coração,
que denunciam a urgência do orgasmo iminente.

Quero retardar o gozo, preciso me embriagar
mais do prazer oferecido e sentido,
minha alma urge por um êxtase completo.

Corpos colados,
rebolados calmos sincronizados
e sinto o atingir do ápice.

Sem mais esperar,
o jorrar quente me faz sentir no íntimo
o prazer absoluto.

O grito abafado por bocas ávidas
denuncia o eclodir do gozo dos deuses.

Mais uma viagem feita com sucesso.

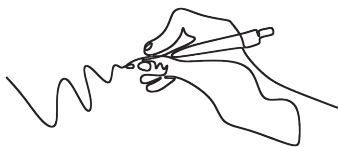
No universo,
milhões de partículas resplandecem
como pequenos raios de luz:
é o parir do prazer Uno
de uma mulher realizada
no seu mais puro Ser Humana.

EM ÊXTASE

Sorvo silenciosamente e com prazer
Degusto com sede voraz
o doce amargo que eu gosto
Aspiro o cheiro forte
e me embriago com o perfume que sinto
Lembro de ti...
Meus lábios se rasgam em um riso malicioso
Ainda tenho em meus lábios
o gosto do beijo teu.
Te busco em pensamento
e me embriago de tua lembrança
Agora sorvo um gole grande do café quente
quase queimando a boca
Sinto em meu corpo o fogo do corpo teu
O calor do teu abraço
Sem resistir sinto o pulsar
do néctar quente em mim.
Tua lembrança e o gosto do café
se fizeram fogo e paixão
A alma geme em orgasmo matinal.

SEM PROMESSAS

Embriagada com o desejo insaciável
de minha alma
Suguei o sutil sabor do vinho
que vinha da língua dele
No desnudar das roupas que nos cobriam
Rastros de salivas banhavam nossos corpos
Não tinha mais esperas
Nossa entrega era urgente
por vontades consumadas
O brinde foi com nossos próprios líquidos
Deixados sobre os lençóis brancos
Cheiro de cio impregnado
Sem promessas nós sabíamos
Que logo queríamos mais.



Erô Cunha

A poesia como o olhar sensível sobre o mundo



Eronilde dos Santos Cunha (Erô Cunha). Mulher Negra, Atriz, Contadora de Histórias, Recriadora (Palhaça Laranjinha), Professora da Rede Pública Estadual do MA. Poeta. Pesquisadora do GELITI – UEMASUL (Grupo de Estudos Literários e Imagéticos – CNPQ) e do SABURA DI NOS TERRA.

Tem mestrado em Letras, pela UEMA, licenciatura em Letras Português/Literatura (UEMA – 2000), História (UEMA – 2012) e Teatro (UFMA – 2013).

Ativista do Movimento Negro (Centro de Cultura Negra Negro Cosme de Imperatriz – CCN-NC) e Cultural de Imperatriz (ASSARTI). Conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (Imperatriz/MA) e Coordenadora da CEIRI/UREI – Coordenação de Educação da Igualdade Racial de Imperatriz.

ETERNAS MENINAS

De tanto ouvir sobre sua fealdade
Na rua,
Na escola,
Nas brincadeiras de criança...
Onde tanto fora caçoada.
Onde sempre fora esfacelada.

A singular menina crescera
Incrustada em seu casulo incolor
Tornando-se púbere
tentou colorir-se.

Ao sentir
Chamarem-na de Linda
Sim, L-I-N-D-A!
Linda era
Linda se reconheceu.

Pela primeira vez
(Re)lutou e,
Inevitavelmente, as asas multicoloridas
Explodiram do coração
daquela Borboleta_Mulher.

TEMPO

Em ti
Meu Presente
Tornou-se pretérito imperfeito
Diante do mais-que-perfeito
futuro do pretérito.

DEUS, DEUSES, DEUSAAAS

Deus, Deuses, Deusaaas!

Quanta desolação.

Pam!

De, De, De

Mia!

Tantos sintomas,

Testes positivados

UTIs abarrotadas

População isolada e Zumbilizada.

covid,

viroses,

ômicon...

Oh!!! Deus, Deuses, Deusaaas!

Em um país chamado Fome

Messias genocidas

Rateiam

Escarnecem

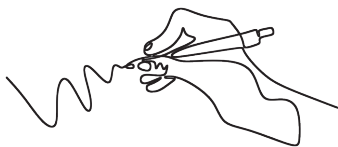
E banqueteam inocentes vidas.

UMA MARANHENSE

Imersa em uma sociedade escravocrata
nascem FIRMINA_mente
retintas Marias
impingindo na brancura do papel
matizes de sangue negro
e denúncias de uma escrita
cunhada pela força histórica de re_existências e poesia.

SUBJUNTIVOS DE MIM

Os subjuntivos de mim
Conjugam-te nos tempos mais irregulares.
Te flexionarei em voz,
Pois teu modo imperativo,
Indica a vaguidão do tempo
em Pessoa.



Maria da Graça Barros

Palavra, arte e ensinamento



Maria da Graça Barros de Assunção é graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão e em Psicologia pela Universidade CEUMA. Tem Pós-Graduação Lato Sensu em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Faculdade Laboro.

Atuou como Assistente Social, durante o período de 1979 a 1984, na Secretaria de Trabalho e Ação Social (MA) e como Bancária, no Banco do Brasil S.A, de 1984 a 1999. Hoje está aposentada.

Graça Barros é Escritora com dois livros publicados: *De Graça (Pensamentos)* e *De Graça (Poetizando a vida – Poesias)*, todos da Editora Estampa, de Imperatriz (MA), em 2021. Atualmente, está escrevendo o oitavo e o nono livros.

SE

Se a dor chegar
Se alguém se for
Se a solidão bater
Se os amigos te esquecerem
Se a viagem não vai acontecer
Se chover sem parar
Se o sol não aparecer
Se...
Se...
Nem tudo se acaba
A dor vai passar
O sol vai surgir
A chuva vai ceder
Outras viagens acontecerão
Novos amigos aparecerão
Confie em si
Não deixe o “se” te dominar
Não consinta que a negatividade invada
Nesses “se” muitos e muitos “sim” chegarão
Acredite em você
Confie no Universo
Deus contigo estará
Nenhum “se” reinará!

SIMPLICIDADE

Simplicidade
Despojamento
Ser si mesmo
Sem vaidade
Sem orgulho
Leveza
Pureza de espírito
Minimalesco
A vida é simples
A vida é feita sob nossas óticas
Ambições
Aspirações
Tudo em excesso
Tudo que ofusca, cansa
Tudo que brilha em excesso, cega
Que se seja simples
Incorpore-se a leveza
Deixe-se seguir na brisa do ar
Na simplicidade do viver
A paz se aproxima
A leveza toma posse
A vida se encanta
O belo se presentifica
Tudo flui
Tudo segue
E assim se faz.

TEMPESTADE

Diante das intempéries, diante das perdas,
muitas vidas sugadas, casas destruídas,
sonhos soterrados, os meus desfeitos,
as minhas perdas são poucas
em comparação às outras que sucumbiram...
Bens materiais danificados?
Decepções que se achegaram?
Pessoas que se afastaram?
Ahhh, cataloga-se, analisa-se,
pondera-se, conserta-se e depois tudo segue,
tudo volta ao normal...
Ainda bem!

OUTROS CAMPOS

Permitir-se ficar é querer aceitar o inaceitável,
quando se constata que já não convocado...
Saia de campo, busque outras alternativas...
Ainda existem muitos campos com outros jogadores,
outros times de futebol, novos gramados...
Ahhh, não paralise!
Vá e faça goooolllll!



Heloísa Sousa *literatura, vida e arte*



Heloísa Helena Santos de Sousa, a quinta de nove irmãos, nasceu em Caxias-MA e foi criada pelas ruas do Cangalheiro. Reside em São Luís, desde 1996.

Cursou Licenciatura em Letras na Universidade Estadual do Maranhão (Uema) e Artes na

Universalidade Federal do Maranhão (Ufma). Tem especialização em Literatura Infantil Juvenil pela Uema. É professora do estado do Maranhão e município de São Luís.

Artista plástica em diversas áreas, como pintura em tecido, tela, painéis, paredes e outros materiais.

Escritora. Tem Um livro publicado, o romance *Laura*, e outros romances por publicar. Escreve também poemas, crônicas e contos.

DO CAPÍTULO MULHER

Hoje eu queria falar sobre algo que tem me incomodado. Os dias de maturidade enfim chegaram. Há uns cinco anos o ginecologista me perguntou sobre minha menstruação. Se eu ainda menstruava. E eu respondi que sim. Energicamente. Mas quase entro em depressão frente a esta pergunta. Aquilo ficou martelando na minha cabeça. Estou ficando velha. Todos os nódulos e cistos que ele disse que eu tinha, perderam completamente a importância. E depois disso tudo mudou. Passei a ver o mundo com outros olhos. De outra perspectiva. Uma visão de futuro mais real. A famosa ficha caiu. E agora? O grande ciclo, o maior de todos e mais significativo estava chegando ao fim. A gente não percebe o tempo. Foram quantos ciclos menstruais desde a primeira vez, com o intervalo de duas gravidezes? Muitos, inúmeros, odiosos, sangrentos, doloridos, irritantes, indesejados, sujos, constrangedores... e esta semana me peguei com inveja da amiga que disse ter estado com cólicas e isso lhe impediu de ir a uma reunião importante. Inveja do

inimaginável. Cinco anos depois, e quase dois de uma finada menstruação, eis que me aparece o pior. O pior de todo o sentir. Os homens jamais saberão ou terão ideia da desgraça que é a menopausa. Assim como não têm sobre menstruar, cólicas, seios doloridos, enjoos, dores nas pernas e costas. Menopausa, o nome já é um palavrão. Algo que te aproxima da velhice, do fim... Fim de algo e início de outro, o que me vem à cabeça é a mulher, a pobre mulher. A pobre menina lavadora de louça, roupa e banheiro, fazedeira de comida desde a mais tenra idade, a varredoura de casa. A com limites. Aquela que deve sentar direito, pois é uma menina. Aquela que a puberdade chega antes. Antes de sequer pensar em se vestir melhor, feito mocinha, ou deixar de colocar seus vestidinhos de boneca. Os laços na cabeça, as meias cor de rosa. Aquela que tem que aprender a lidar com sangue, quando isso lhe causa nojo e espanto. Que tem que ter modos. Que agora é uma mulher, sem nem saber direito o significado disso... e aí seu corpo lhe impõe um crescimento, prepara-a para ser mãe. Ah, mas eu não quero ser mãe! Eu quero só ser criança. Brincar de ser criança. Tomar banho de piscina, de mar, de chuva, sem nenhum incômodo, correr, jogar, ficar à vontade, sentar de qualquer jeito.

Ora, menina, mas ser mãe é o esplendor, é a

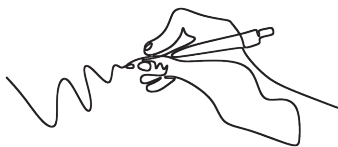
virtude maior. Você é a dona da vida. Você fabrica a vida, a põe para fora, e a guia. Protege. E ama. Isso deve lhe bastar. E é assim. Ser mulher é uma sucessão de querer alheios a você. Impostos a você. Há quem diga que seja por pagar pelo pecado original. Outra coisa que nunca entendi muito bem. Esse pecado, que a literatura apregoa que obrigou Deus a expulsar seus filhos humanos do Paraíso... Foi o pecado da carne? Mas como assim? Se Deus fez um encaixe perfeito. E se todos os outros animais eram para crescer e multiplicar, por que tal conselho não se estendeu ao bicho homem? Algo estranho acontece aí. E então você, mulher, deverá parir com dor. Dores terríveis. E amamentará. E suportará. E calará. E... E... Quando tudo parece estar no lugar certo. Pronto. Acabou. Se livrou do incômodo da menstruação. Todos aqueles anos ficaram para trás. Nova vida. Enfim livre. Nada de absorventes incomodando, nada de lavar calcinhas com mais cuidado, mas o que você não sabia ainda é que agora começa a despencar tudo. O rosto muda, o corpo, a cintura, as pernas, a bunda. As pessoas começam a te chamar de senhora de verdade. De mãezinha e sei lá mais do que. Você se torna transparente para a maioria dos homens. Acabou para você como fêmea predadora. Agora é esperar os netos para caducar e ter outros momentos felizes. Ah se fosse só isso... E os malditos suores? Os suo-

res que brotam não sei de onde e te encharcam por todo o corpo, independente da temperatura ambiente? Ah inferno. É o próprio inferno dentro de você. Um caldeirão dos infernos em ebulição... Sem falar no mal-estar, na irritação e sensação de loucura. O cérebro parece se comprimir repentinamente. Você tem a nítida impressão de que vai surtar. Uma sensação de enlouquecimento. E isso é diário. Não diário de uma vez ao dia. Mas de inúmeras vezes. Vai e volta. Vai e volta. Incontáveis vezes. Em qualquer lugar. Você está no trânsito e bah!! O rosto e o corpo ficam encharcados, está trabalhando e de novo, está conversando e tem que recorrer a lenços e lenços de papel. Até a roupa molha, já vi mulheres que parecem ter feito xixi na roupa. Bem, isso é o que acontece quando você deixa de menstruar... A loucura ronda a cabeça em momentos como esses... E isso é muito, muito grave. Ainda tem a reposição hormonal. Você vai fazer? Mas isso provoca câncer!! Eu não tomo nada. Mas isso é bom e você passa a experimentar tudo. Até um pé de amora eu já plantei no quintal. E nada. Mas dá para ter qualidade de vida, dizem outras. Dá, né? Pode ser. Não duvido de nada.

Bendita menstruação. Neste caso se aplica a velha máxima: ruim com ela, pior sem ela... Heheh

A única vantagem é você poder fazer amor todos os dias e toda hora. Dependendo do parceiro, e isso quando não seca e perde completamente a libido, o que é bastante comum.

Suores, se você não teve ou não tem, erga as mãos para os céus e agradeça. Todos os dias. Várias vezes ao dia.



Liratelma Cerqueira Alves
A palavra mais sensível



Liratelma Alves é formada em Letras pela UFPB, Mestra em Ciências da Educação, especialista em Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa e em Morfologia e Sintaxe da Língua Portuguesa.

Em 1975, saiu de Cajazeiras-PB, a convite do Dr. José de Ribamar Fiquene, para implantar o ensino superior na Região Tocantina, através da Faculdade de Educação de Imperatriz, encampada pela UEMA, em 1980.

Na Uema, foi Chefe do Departamento de Letras de 1977 a 1994, Diretora do CESI/UEMA e Conselheira dos Órgãos Superiores da Universidade.

Como autora, participou de *Antologia – Contos e Crônicas, Perfis Literários, Imperatriz – cidade da gente*, v.1 e *Imperatriz – cidade da gente*, v. 2. É membro da Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 39.

MASCARADOS

A morte impiedosa ronda o universo de forma tão dilacerante que obriga todo ser humano a proteger-se sob uma máscara, deixando-o sem rosto. Sem rosto, fica difícil o reconhecimento; sem rosto, não há como fazer uma leitura do estado da alma; sem rosto, não há tempo, nem idade; sem rosto, não se revela se é uma poeta ou uma simples poetisa... se aquela fala é ficção ou realidade. O explodir das expressões fisionômicas perde o dinamismo, sem o rosto.

Só por este motivo, a pandemia já se manifesta uma conspiração democrática, cujo vírus, silencioso e letal, espiona o tempo todo, a todos, sem exceção. Desde as leves nuvens matutinas, até à obscura distinção entre o dia e a noite; anula o status, a opressão, a intelectualização, a marginalização, as tradições, as relações (pessoais e de poder), as organizações sociais. E, por outros motivos: haverá lugar para as utopias, para a possibilidade do impossível, para a tecnologia da era midiática nas novas formas que restarem da humanidade pós-pandêmica?

Foi nessa contextura sem rascunho, sem referências antecedentes, sem ainda ser o que viria a ser, que a Doutora Maggi, professora universitária e pesquisadora, fez do seu consultório um lugar de ensaios e de pesquisas, um laboratório de “cases” em Covid-19. Escrevia os experimentos e experimentava o que escrevia. Afinal, estava

cursando o último ano do seu PhD, cujo objeto de estudo era a sintomatologia desse demônio alado e invisível e suas novas maneiras de transmissão.

Esse é apenas um aspecto de quem se dedica a abordar, cientificamente e com amor, as possibilidades de encontrar a melhor terapia para tratar um vírus que leva vidas em uma sacola biodegradável, para serem jogadas a esmo, em valas sem lápides, nem sepulturas. Momentos sem discursos na boca, mas com muitos soluços subtraídos das dores e dos medos do contágio.

Conheci o trabalho da Dr^a. Maggi pelo “Lat-tes”. Ao terminar de ler, fechei o meu note e dormi, indizivelmente, mais aliviada e menos ansiosa, após 18 meses de angústias, inseguranças, ameaças e medos de sucumbir ao contágio que torna iguais os desiguais.

Também é sobre tristezas por não poder viajar, nem sequer abraçar. Cada saída de casa parece uma cilada, uma armadilha para meter-me debaixo da terra. Meu ego é um quarto assombrado cheio de amores mortos, defuntos queridos, amigos inesquecíveis, que se desfizeram em pó, asfixiados.

Agora, bem mais segura, pela crença inabalável na potencialidade da ciência, ajusto a máscara branca com as mãos bêbadas de álcool a 90°, e vou às compras.

“Quanto custa um quilo de AstraZeneca?”

OS EUS

De vez em quando, ele me visita. Quase sempre, escolhe um momento em que estou ouvindo uma música pelo celular, ou piruetando eufórica, em solitária dança, para tornar suportável a vida feita de retalhos, vista por dentro. A dança sempre me seduziu, por isso vivemos em plena concordância e disponível uma à outra.

Não sei se gostaria mesmo que ele pudesse ficar, naturalmente, comigo e tornar-se um membro amigo da minha família. Por amor, instalar-se na minha subjetividade com ouvidos serenos e adubar minhas dores.

Ele tem uma energia vital e é um bom jogador, mas, devo admitir que, algumas jogadas, certas e ameaçadoras, eram contra mim. Gosta de viajar e conhecer novas tarefas, novos discursos, novos oceanos, mas é incapaz de promover o uso disciplinado da razão e do bom senso nas suas relações. Além de péssimo em comunicação, descobri-lhe influenciado pelo (ego)centrismo, chegando à beira do fanatismo.

E eu, que detesto jogar, não me posso deixar sucumbir à verdade como eu a concebo, e à guerra contra as forças do orgulho, do egoísmo do estrelismo e do narcisismo. Sou pessoa normal,

não adoto o silêncio como forma de comunicação.

Ele não faz perguntas; acha que já tem todas as respostas. Esquece as cicatrizes que causou, até as mais incuráveis, nem repara nas mensagens não respondidas (apesar de lidas). Não se dá conta de suas fraquezas, exceto quando tem de lutar contra uma avalanche de situações perturbadoras.

E eu, ah! Eu mereço alguém bom, porque sou do bem. Sou crente e não disfarço. Só um idiota não acreditaria em Deus, embora eu não viva a suplicar favores aos céus, ou o que sobra dos pedidos humanos... Às vezes, Deus precisa sair mais cedo. Aproveito, então, o recreio divino para anunciar que não consigo “dar a outra face” à porrada, muito menos acreditar que “Bem-aventurados são os pobres de espírito...” Sei que preciso perdoar, mas não sou obrigada a esquecer.

Foi no meio desse embate, num finzinho de tarde de um sábado, em início de mês, com a pandemia se dispersando, que minha consciência mandou o meu eu embora e me deixou só comigo. Agora, volto à minha própria existência e tenho a visão de mim mesma.

E é tão óbvia, que parece pueril, essa afirmação: Eu sabia que podia contar comigo mesma.



Luana Gonçalves
Palavra repleta de sensações



Meu nome é Luana Gonçalves, mas podem me chamar de Lua. Tenho 22 anos de idade, nascida, criada e crescida em Imperatriz. Atualmente sou acadêmica do curso de Letras (Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Uemasul, com o objetivo de realizar

o sonho de exercer a docência. Hoje o sonho está ganhando forma e sendo concretizado.

Sempre gostei de escrever, tanto que me atrevo a rabiscar alguns versos. O gosto pela escrita poética vem da possibilidade que tenho de “brincar” com as palavras e com elas transmitir mensagens, sentimentos, reflexões e até mesmo tatos, sabores e aromas.

Escrever, para mim, é um ato de liberdade. A escrita é o lugar em que me encontro e ao mesmo tempo me perco.

DE MIM

De mim
Tu tens arrepios
Calafrios
Borboletas
Risos
Rios
Estrelas
Tens abraço
Amor, calor
Espaço
Os inteiros e pedaços
De mim
Tu tens os dias
E as horas
Os amanhã
E o agora
Tu tens a pressa
E a demora
Mas, de mim
Tu tens ainda
As angústias
E os anseios
Tens os medos
E as luas
Aflições
E a recua
De mim
Tu tens
Por completo
Sem excetos.

SEDE

Se quiseses, serei água
pra em ti eu desaguar.
Deslizar em cada canto,
te molhar,
te encharcar.
Serei tua fonte
ou teu intento,
pra saciar a tua sede
ou deixar-te mais sedento.

EU SOU NÓS

Tapam minha
Boca
Mas não calam
Minha voz
Sozinha
Eu não sou
Benzadeus eu sou Nós!
Sou Maria
Sou Lia
Sou Luzia
E Francisca
Sou Eva
Sou gente
E igual Marielle
Também sou Presente
Presente na luta
Labuta
Tachada
De puta
Indecente
Eu
Que sou estuprada
Torturada
E largada
E ainda imprudente?

Quem dera sangrar
Sete dias
Por mês
Mas
Meu sangue escorre
Os trinta dias
Do mês
E não é natural
Do contrário
É brutal
De total rispidez
Eu morro
No morro
Em casa
Na rua
No Sol
Ou na Lua
Socorro!
Eu corro
Sem ruma
Sem rumo
Eu choro
Com medo
Do fim desse enredo
Mas rezo
Eu peço
Irrito

Eu grito
Um grito exigente
Bem mais que urgente
Gente
Parem de matar a gente!
Tapam minha
Boca
Mas não calam
Minha voz
Sozinha
Eu não sou
Benzadeus eu sou Nós!

MAR

(PARA MARIELLE FRANCO)

Quiseram me calar
Tentaram
Insistiram
Esqueceram que sou Mar
E sendo Mar eu deságuo
Sendo Mar eu agito
Sendo Mar eu vou
E por ser Mar eu volto
Volto mais forte
Quiseram me calar
Tentaram
Insistiram
Me impuseram a tal da morte
Mas esqueceram
Esqueceram que sou Mar
E minhas águas infinitas
E minhas ondas energias
Que não cessam
Não quietam
Não calam
Mas quiseram me calar
E esqueceram que sou Mar



Luiza Cantanhêde
O domínio da palavra poética



Luiza Cantanhêde é natural de Santa Inês-MA. Formada em Contabilidade.

É membro fundadora da Academia Piauiense de Poesia; da Associação de jornalistas e escritoras do Brasil-MA; membro da Academia Poética

Brasileira; da Sociedade de Cultura Latina do Maranhão e do mulherio das letras.

Tem poemas publicados em antologias nacionais e internacionais. Publicou os livros de poesia *Palafitas* (2016), *Amanhã, serei uma flor Insana* (2018) e *Pequeno ensaio amoroso* (2019), pela editora Penalux.

Há tradução de seus poemas para o italiano, espanhol e grego. Com vários prêmios na carreira literária, recebeu em 2019 o “Prêmio Destaque Nordeste”, categoria poesia, em Pernambuco.

A CABAÇA

Sou essa terra de chão batido
Esse sertão da língua de cinza
A fome alada, o Carcará

Sou esse deserto de poeiras
longínquas
Sou água na cabaça, o arame
Farpado, cercando o latifúndio
De sol e estrada

Sou esse fruto no avesso da
Terra plantada.

DA VOZ

Tão rústica é a minha palavra
Não tem a fineza daqueles que
Passeiam pela boca da erudição

A minha palavra é a da roça
Da enxada circundando a
Poeira ao pé das cinzas

Meu vocábulo de pedra
Dizendo “desvão”

LAMBARIS

Trago comigo
Estas dúvidas
Suspensa sobre
As águas
As poucas certezas
Que tenho
Se escondem do anzol
Na lama.

UM POEMA QUASE

Não fosse esse gosto
De chumbo derretido
Na boca
A mão estendida
Humilhada e com fome

Não fosse esse chão duro
Os ossos duros de roer

Não fosse o corpo das
Marieles, Camillas
Arethas, Emiles
Das Tânicas, Dandaras
Marias

Não fosse a miséria
No mapa dos continentes
Não fosse esse grito preso
Essa indignação
Essa impotência
(O silêncio que asfixia)

Eu diria que isto é quase
Um poema.

ACOLHIMENTOS

O que outrora me expulsas
Agora me aconchega

Ir embora é algo que demora
A terminar

A porta entreaberta
Mostra-me a prevalência
De ficar.

Há uma manhã nascendo
Sobre os meus remendos

Ouço a chuva mansa
No telhado da casa.

VELHAS ANGÚSTIAS

Os olhos fechados

Não é silêncio, é sina

A dose de cachaça

Trincando o copo

Tenho pílulas

Pra dormir e a cara

De deboche do tempo.

POR DENTRO DOS GIRASSÓIS

Voo para dentro
E fecho as janelas

Amanhã
Acenderei o candeeiro

Permanece o silêncio
Que nada pergunta
E nunca se espanta

Acolherei todos os
Girassóis que não
Se despediram de
Mim

AMAZÔNIA

De tempos em tempos
O espinho reconhece
A ferida

Vez em quando
O amor arranha
E se vai.



Maira Soares

Literatura como percurso de vida



Maira Soares, atualmente, é graduanda em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. No entanto, já se aventurou pela área da saúde em um curso técnico de Enfermagem e tenta todos os dias descobrir um pouco de si. Muito fã de Agatha Christie, ado-

ra mergulhar nas páginas de uma história que envolve mistério, suspense e o comportamento humano.

Por isso, Hercule Poirot e Sherlock Holmes sempre serão seus personagens literários favoritos. Ama ler qualquer gênero literário, sendo importante apenas navegar por bons enredos e se apaixonar por personagens cativantes. Ainda não tem nenhum livro lançado, mas pretende viver da escrita pelo resto dos seus dias.

FASES DA VIDA

Revisitando páginas da vida
Percebo que o passado atrai mais pessoas
Deve ser porque seguir em frente é difícil
Ou já estamos perdidos
Queria sair das velhas fotografias de anos dourados
Mas não encontro paz nos destaques que não vejo
Queria sair do preto e branco da tinta
Conhecer em colorido os lugares
No entanto, nada me deixa
Tudo é passado
Tudo é presente
Mas nada é futuro

DA VOZ

O infinito me atrai
Mas também me repele
Do que adianta gostar de alguém aqui e acolá
E não dividir a vida toda
Os desejos me matam aos poucos
E os medos me retraem
Os sonhos nos movem feito loucos
E a realidade nos deixa mal
Como eu queria que o infinito fosse finito
Mas sem o incerto na sua composição

LINHAS DA VIDA

As linhas escritas são pequenas
Para o tamanho do meu sentimento
Elas não cabem os 'as' ou os poemas
Que dedico para alguém
Mas elas também são ouvintes
Que sabem o quanto amo você
Que pena que não dizem o que ouviste
Com medo de te perder

ÉRAMOS ALGO

Éramos cores infinitas rodeando o universo
Éramos riso sem pressa
Éramos calor e verão
Éramos brincadeiras com diversão
Enfim
Éramos tudo e mais um pouco,
porém resolveu partir
Me despedaçou
Me humilhou
Me deixou
Agora ando entre chuvas tristes e insípidas
Vejo caos e escuridão
Solidão

PESOS

Ela era uma menina calma
Engraçada e tímida
Era uma garota que obedecia regras
Toda certinha
Era aquela que todos esperavam algo
Aquele que depositavam tudo
Parecia um cesto de roupas sujas
O peso dos outros a sufocava
Entortava as suas costas
Mas ninguém ligava
Ela ainda aguentava
Então depositavam mais e mais
Até que um dia aquela menininha
deixou de lançar suas lágrimas peroladas
De desperdiçar palavras
De se contentar com nada
Ela se tornou fria
Egoísta e sozinha
Era melhor suportar o seu próprio peso
do que suportar gente que não valia.



Márcia Reis
Poesia que traduz sentimentos



Márcia Regina dos Reis Luz nasceu em Caxias, do Maranhão, em 03 de janeiro de 1959. Formada em Letras, na UEMA – em São Luís, defendeu em seu trabalho de conclusão do curso a biografia de Adelino Fontoura, nascido em Axixá-MA, que, apesar de nunca ter publicado um livro, é patrono da Cadeira nº 1, da Academia Brasileira de

Letras e da 38, da Academia Maranhense de Letras. É graduada em Direito com Especialização em Direito Civil e Processo Civil, ambos cursados no UNICEUMA, em São Luís. Desde muito cedo começou a juntar coisas no coração: gente, muita gente, letras, muitas letras. Gosta de viver de bem com a vida, honestidade, amigos, paz, fraternidade, compreensão, solidariedade. Na carreira profissional, foi Identificador Datiloscópico, Técnico em Contabilidade, no serviço público federal, e exerceu o magistério por 34 anos. Hoje, além das letras, dedica-se à Advocacia. Na sua trajetória poética, possui diversas obras premiadas, com participação em diversas Coletâneas, como na do *I Festival de Poesias do Sindsep*; na *I Coletânea Poética da Sociedade de Cultura Latina do Brasil: construindo pontes*; na *Coletânea Púcaro Literário II*; dentre outras. Foi diplomada pela Sociedade de Cultura Latina do Brasil, pela relevante contribuição em prol da Cultura Latina. É Membro da Academia Maranhense de Trovadores.

SÃO LUÍS, MINHA CIDADE

A cidade é limpa
Um bem incomparável
Nossa casa bem cuidada
é questão tratável
Tenha essa atitude
Seja também responsável
É muito agradável
Faz um bem tão danado
Muito aconchegante
um povo educado
qualidade de vida
ambiente zelado
Falo da minha São Luis
do meu belo Maranhão
que tem um bumba meu boi
Cazumbá roda peão
casa Nagô e Xangô
Mina, axé, louvação
Bumba-meu-boi vem daqui
Ana e assombrações

na carruagem, vaga
belos são os casarões
azulejos franceses
culturas e tentações
A ilha é celeiro
Marrom canta cidade
Onde vive o sabiá
Tem a vitalidade
Gorjeiam Beija-Flores
Toda simplicidade
Minha São Luis do Mara
arquitetura bela
lindas escadarias
registro quadro tela
patrimônio do povo
tem também a viela
Chegando até São Luís
Capital do Maranhão,
Não deixe de visitar
O reggae o espigão
O largo dos amores
A missa a procissão
Barreirinhas um deles
Só terás contentamento
Terra de paraíso
Não existe tormento
Dormirás bem cuidado
Em casa ao relento.

MÃE MULHER

Ser mãe e mulher
uma dádiva divina
nasceu para ser sublime
vive para ser amada
uma vez mulher sempre mãe
bendita cuidadora atenciosa
guerreira tem também a mãe luz
aquela que está na eternidade
mas não esquece dos seus filhos
que na terra deixou
ser mãe e mulher
beleza maior não há
divina e maravilhosa
deusa de puro amor
mãe mulher és insubstituível.

MEUS QUINZE ANOS

Todo sonho de adolescente
Ao completar 15 anos
É uma festa rodeada de príncipes e princesas
A imaginação vaga e busca
Qual a melhor decoração
Para realizar o seu sonho
Ou mesmo fazer uma viagem
Para lugares longínquos
Mesmo para quem é de Caxias e de uma família
Com 10 irmãos, o sonho não poderia ser diferente
Viu a irmã mais velha ter sua festa e imaginou
Como seria a sua
Mas teve uma surpresa
O presente que ganharia
No seu debut
Seria viajar
Não para terras do outro lado do mundo
Viajaria para conhecer Itapecuru Mirim
E São Luís, do Maranhão
E assim, em dezembro de 1974
Chegou à cidade de Mariana Luz
E em seguida a viagem continuou
Para a Ilha dos Amores
Adorou o presente
E guarda na lembrança a viagem inesquecível.



Natércia Garrido

Poesia como expressão; literatura como ofício



Natércia Moraes Garrido (São Luís-MA, 1979) é escritora, crítica literária e professora brasileira. É docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão e do Ensino Médio, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Maranhão, ambos campi situados em Caxias-MA. É Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-

-SP, onde no momento finaliza seu Doutorado no mesmo Programa de Pós-Graduação. Começou a escrever desde cedo influenciada pelas leituras e conversas com seu avô, o poeta e pesquisador maranhense Nascimento Morais Filho. Exerce o ofício de crítica literária em suas plataformas virtuais intituladas *A Beletrista* (no Blog desde 2010; no Instagram desde 2014 e no YouTube desde 2017). Nesses espaços escreve resenhas críticas e abre espaço para publicação de textos de outros escritores também. Publicou dois livros: *A poética modernista em Azulejos* de Nascimento Morais Filho (Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2019) e *Poesia em 3 tempos* (Teresina: Ed. Elã, 2021). Organizou a 4ª edição do livro de poemas *Clamor da Hora Presente* de Nascimento Morais Filho (São Luís, MA: Unigraf, 2021). O próximo livro de sua autoria a ser publicado em 2022 intitula-se *Este é um não-poema*.

PASSAGEM

A morte.
É apenas a passagem da lembrança.
Lapso de memória.
Escrevo-a.
Descrevo-a.
Desmembro-a.
A morte.

REFEIÇÃO DO DIA

Posta à mesa
a refeição do dia:
risos
planos
falhas
metodicamente pensados em segredo.

FICÇÃO

Histórias perfeitamente narradas num tempo
sob medida.

A literatura tem seu glamour.

A vida

Não.

ÁGUA

Lavagem
Instantânea
Da alma.
Chama-se
chuva.

SINO

Você escuta ao longe? Me diga você escuta?
Me diga o que sobrou da força de sua vontade
do quanto reparou pela fresta.
Você escuta o enorme sino
que canta todos os sons da promessa?

CAOS

experimentar o caos e sucumbir à loucura
quem me chama de louca é bem maior que eu
não tenho o dom da palavra mas posso acusar
há quem se intrigue com um olhar
mais alto que o seu
há quem odeie a livre vontade do ser
naturalmente
eu prefiro o caos muitas vezes
mas sei que o silêncio tem sua perfeição exata
a contagem do som ritmo contratempo
não sei se cheguei no volume das rimas
do meu falar
por isso não calo menos do que sou.

Eu lentamente me despeço
Do seu ponto
De partida.
O mar e sua eterna imensidão
cochicharam em meu ouvido:
engole a corrente do tempo.

TEMPOMAR

Pois se há mil formas de morrer
existe um único jeito de viver.
Engole a corrente do tempo que resta
e saboreie.

CAVERNA

Eu entendo que essa passagem torta
ainda será meu destino
havia uma caverna há muito extinta
porque ninguém conseguia
ler dentes olhos cabelos
há também o inesperado
existir de muitas vidas, não
você não entende o que eu vi
a necessidade da dor vinculada
ao riso na multidão por pouco se realiza
preciso voltar à caverna para extirpar a fagulha,
lançar o dardo
queimar as vozes que estão em minha mente
não sem o privilégio de morrer assim,
ingenuamente
de punhos fechados soco a terra
que me recebe sem mais
calma, você não está só
ar terra água fogo éter se configuram no portal
vou entrar e quero entrar para não cair
mas cair quem sabe abrir endeusar
o risco dessa estória.



Regilane Macedo
Literatura como memória



Regilane Macedo é maranhense de Esperantinópolis. É doutora em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB; mestra em Letras pela UESPI; especialista em Estudos Literários pela UESPI; graduada em Letras (Português) pela UFPI; membro pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mayombe da UnB; membro pesquisadora do Grupo

de Pesquisa Rede Nordeste UFPB; membro efetivo da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil/AJEB-MA. É autora do livros infantojuvenis: *Badu e a goiabinha* (2018) e *As Borboletinhas e O sapo Jururu* (2021). Faz parte da coletânea literária *As cartas que não escrevi* (2019), *Faz de Conto* (2020), *Toda forma de ser Mulher* (2020), *Por que Escrevo* (2021). Integra as coletâneas de Crítica Literária: *Na casa da ficção: literatura africana* (2018); *Entre o plano e a palavra: literatura e cinema* (2020), *Dos percursos pelas Áfricas: a literatura de Moçambique* (2020); *Literatura em diálogo: encenando e ensinando a vida em sociedade* (2021). É autora de artigos de crítica literária publicados em periódicos especializados na área.

COTIDIANO

Seminua, jogada displicentemente
no canto da sala, ela ficava horas a fio.
O choro e a dor eram companhias
cada vez mais frequentes naquela existência
quase apagada.

Mas ela acreditava que o espírito matreiro
do amor ainda estava ali...

No quarto ao lado, pouco iluminado,
ressonava em volumoso som,
intensificado pelo álcool que ingerira,
seu grande amor. O único e verdadeiro
e para sempre amor...

Ele havia saído ainda manhã: fora à feira.

BRINCADEIRA DE OUTROS TEMPOS

- Tum-tum!
- Quem bate?
- Sou eu.
- Eu quem?
- Anjo Bom.
- O que queres?
- Uma fita.

É assim que se ilude a saudade
dos brincos da infância.

E no “Caí dentro do poço”,
o resgate do Anjo Bom imaginado
pelas cabeças pueris nos deixava feliz.

Cuida, criança, não é mais ciranda e você cresceu!

E nas histórias contadas em noite enlutaradas:

“Seu Severo é bom, é bom demais”,

“Seu Lobo está pronto?”

e a criançada sorria e corria,
pois o “Grilo está ali atrás”.

Tem enxame escondido,

não é polícia nem bandido na árvore de amêndoa.

E o que ele fazia?

Pegava criança roubando melancia.

CHORO MATINAL

Acorda, senhora!
É hora da escola.
Sei da faceirice
Com que desfilas lá.
Sei das brincadeiras
Que te fazem esquecer o lar.
Sei das histórias contadas,
Das risadas rasgadas
Com os colegas a dançar.
O choro ouvido,
mal o dia acordado, não é por não gostar.
Então, por que será?
Cedinho, tão cedo...
Alicia não quer banhar.

PARADOXO

E no compasso das lembranças que bailam
E na saudade das coisas não vividas, perdidas
Mas presentes, feridas, doídas
E no desejo, que ensejo aqui
De ti, por ti, em ti
Fico à espera
Que me faças tua.

CASAMENTO NA ROÇA

“anoiteceu e não amanheceu”,
esse é o “até que a morte os separe”
do sertanejo de outrora.
A lua prateada reluzia
e iluminava os vesperais do lugarejo;
e o chiar dos pirilampos
entoavam canções de eterno amor.
Nesse embalo, a noite se ia de mansinho
e a aurora anunciava o dia que se mostrava.
Era hora!!
Quando da noite já nada havia,
era o que se ouvia:
“João se casou com Maria”.



Rilnete Melo

Palavra, forma e conteúdo



Rilnete Melo é maranhense, nasceu em Marajá-Monção, e reside em Pindaré Mirim-MA desde os 5 anos de idade. Licenciada em Letras/Espanhol, pós-graduada em docência do ensino superior, atuou na educação como professora de Língua Portuguesa e Espanhol. Escritora, cordelista, membro das academias ACILBRAS – Academia de

Ciências Artes e Letras do Brasil , ABPML e AIML – Academia Internacional Mulheres das Letras. Participou de várias antologias nacionais e internacionais. É autora do livro *Construindo Versos e dos cordéis E agora José?, Pindaré Mirim 96 anos, Lázaro 80 anos, Literatura é direito da gente e Asas do meu sertão*.

AO VIVER MEUS DIAS

Desbravar o mundo
eis meu primeiro ofício a Gaia
e a planta dos meus pés
cravaram
o solo feminino
na dureza estereotipada
do caminho
Pisei flores e espinhos....
Abracei minhas Marias
sem temeridade
ao viver dos meu dias
conform (idade)
Minha alma carrega a leveza da infância
o sentido secreto da juventude
as escolhas insensatas ...
as decisões acertadas
a grandeza da maternidade
as vicissitudes
Trago o desígnio da palavra em punho
a levitar sobre meus demônios
à beira da minha mudez
que grita no papel
minha vida
ou a minha pequenez
diante da imensidão
do mundo

DESENTALO

Das piabas
que mastiguei,
das águas
por onde passei,
tirei da garganta
a voz entalada
(comendo farinha
ou o pão que o diabo amassou)
E o sangue poético escorreu

DENTRE OS MEUS VENTOS: O ZÉFIRO

Por entre alguns ventos,
eu busquei o frescor,
fiz minha ronda
em outros ares,
Voei sobre pedras,
cavernas e mares,
fui água desolada;
Flutuei sobre meus medos,
Mordi a língua em segredo...
Mas não,
Eu não cortei minhas asas
para dar aos corvos
das cidades mortas
por onde passei...
Aterrissei,
com as asas cansadas ,
e sobre duras penas,
minha voz virou poema
E te encontrei...
No primórdio
era sopro indomável,
que na súbita paixão
Virou leveza
Dentre os meus ventos:
O Zéfiro
(Serenidade a la grega)

NO CALOR DO TEU AMOR

levando no corpo
o sol do teu abraço
deixo desquarar
as velhas vestes,
das quais
me desfaço

NO FOGO ETÉREO DA PALAVRA

(in)memória a Samuel Barreto
Emerge ígneo
em pedreiras
os versos cinzentos
do menino fênix
Na metalinguagem celestial
ousa no céu
o incorpóreo poeta
por sobre a terra
a representar a imortalidade
no papel
A voz do silêncio
ressurgindo das cinzas
em grito se crava
eternamente magmática
na camada vulcânica da poesia
e como epitáfio
fugindo da lápide fria
transforma-se em brasa
no fogo etéreo da palavra

SE PÓ(DER) POEMA

Permito-me refazer...
Junto os grãos de areia da
minha praia, ganho a cena
e escrevo o poema
Espalho no solo sedento de amor
a água do meu oceano
para futura geração
em desencanto



Samara Volpony
Poesia com sabor de humanidade



Samara Volpony (Samara Laís Silva). Poeta brasileira nascida à beira do rio Mearim, na cidade de Arari/MA, em 1990. Autora dos livros *Contramaré* (Patuá, SP, 2017) e *Lua de Memórias* (Primata, SP, 2021). Vencedora do 4º Concurso Internacional Poesia Urbana, promovido pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEB e 2ª

colocada no 2º Concurso Internacional de Poesia da Casa de Espanha. Tem poemas publicados em antologias, jornais e revistas nacionais e internacionais.

HOMINI

nada em nós
a não ser o homem de ontem
que palita os dentes
o homini lupus de plauto
preso noutro tempo
nada em nós
a não ser o homem de ontem
de gestos arcaicos
tocando violoncelo
na fogueira das bruxas
nada em nós
a não ser o homem de ontem
empurrado ladeira abaixo
pela pedra bárbara
de um sísifo ao avesso
nada em nós
de ontem
a não ser
o homem.

GENEALOGIA DO DESERTO

sou da linhagem das ninfas sem nome,
da terra onde corre o rio entre as pedras:
lençol de água dos dragões.
sou do clã dos herdeiros das fomes
e minha pátria é uma miragem,
que ninguém sabe ao certo
onde vivemos (in)felizes para sempre,
cada um no seu deserto.
nunca aprendemos o código da humanidade.

SUÍTE N. 3

como são terríveis as primeiras horas do dia
e seu desejo de loucura:
suportar o seu desastre sob as nuvens
numa pátria parva
e um corpo em declínio à espera do abraço
tocamos árias de bach
para não oferecer à vista o lamento
fizemos todo amor que não demos
solfejamos serenatas
dançamos insanamente ao som de monocórdios
para contrariar fragilidades
enquanto tento não ruir
junto ao salitre das paredes
desta casa sem entes.

BABEL EM PROGRESSO

nosso tempo é curto,
não nos desesperemos,
não nos desesperemos, ainda.
avancemos, pois,
na urgência dos dias sem razão.
babel se ergueu sobre nós,
mas não nos precipitemos ao caos,
demo-nos as mãos para que não nos percamos.
o asfalto sepultou todas as flores.
o progresso sepultou todas as flores.
nos gabinetes e escritórios, são fabricados
sonhos de caneta e papel.
arquivam-se outros tantos,
e, assim, nascem gerações inteiras e infinitas:
milhares de rostos que não sei.
o tempo do progresso chegou,
a ideia do progresso.
vivemos o progresso e o deleite.
mastigamos o grito do progresso,
do mais fino e absurdo.

STELLA MARIS

quando vier o mal
e nos assaltar a sorte,
serei o boi condenado ao abate,
que preferiu o naufrágio
a ajoelhar-se à morte.

ALICE

Alice
seu rosto fez-se espera
no verde parado
da nossa casinha antiga.
o rio ligeiro passava.
inaugurava-se um mais doce ciclo
farto de fadigas
a nossa vida mudava, alice
e no rio
na infância
na casa dos que amei
a tua voz se fazia antiga.

CONFISSÃO

Aos domingos
dói-me
o inútil pecado
confesso
concordo
calo
ficamos assim.



Sharlene Serra
Poesia para sentir a humanidade



Sharlene Serra, natural de São Luís – Maranhão, poeta, escritora. Graduada em Desenho Industrial e Pedagogia. Especialista em Educação Inclusiva. Autora de 8 livros. Participou de diversas antologias nacionais. Coordena o projeto Geração de Escritores Mirins. É membro da Academia Poética Brasileira – PR; vice-presidente da

AJEB – Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, coordenadoria do Maranhão; membro da UBE – União Brasileira de Escritores; membro da AILB – Academia Internacional de Literatura Brasileira; membro da sociedade de Cultura Latina; membro da Academia Joanina de Letras, Ciências e Saberes Culturais.

NOITELOGANDO

Noite dialoga
cíclica
que gira
gira
gira
cama
cheia de vontades
gaiolas
amarras, desejo de
liberdade!
A mente inquieta,
resiste:
O presente existe!
o futuro infinito, visto
sorridente e de malas prontas.
O dia renasce
as palavras passeiam
pelas minhas veias.
E eu sangro
textos doloridos
mas não morro
Renasço!

começo tudo de novo.
E noitelogando, desejo
encher-me de palavras
adocicadas por Cora
para que eu
engravidar de
todos os
versos.
O parto será meu melhor
destino.

MULTIPLICIDADE DA MULHER

Mulher gera
É produtiva
Acerta, erra...
Mulher na delicadeza da Fera!
É medicinal,
terra fértil
se empodera,
É guerra, luta!
vitória
óvulo eclode,
ventre transforma,
explode
Está viva, dentro tem vida
Mulher se multiplica,
Triplica
Não brinca, bipolariza
Vira Águia,
leoa, uma por vez,
Ou os dois juntos, talvez...
O nascer lágrima vira riso
Mulher se rasga
E se transforma
Em choro-luz.

CLAMOR DA INFÂNCIA

Infância
diluída no silêncio
brincando de
chorar
marcadas
pela dor
pelo espinho
da flor
Crianças
de luzes
apagadas pela
violência
Violência parente
aderente
chega sorrindo
estende a mão
ar de graça
exige respeito
ameaça..
Lágrimas brotam
em forma de criança
e o sussurro
o silêncio
o olhar
clamam
imploram...
Infância.

SÚPLICA DA MULHER

Início da humanidade
muitas de nós,
ceifadas por desumanidade
A mulher gera
Ignora a sua sorte
Mulher
Mãe
Dá à luz
A própria morte.
Homem nasce
Se acha dono
Toma posse,
se esconde no passional
amor fora do normal
justifica e
mira
na negação, atira.
Repudio tal ato
Homem esgoto
Abomino
Interrompe a vida ou
faz a mulher se sentir um lixo.

Aviso, ao matar uma,
arranca o coração de
um milhão.

O ato meu caro,
te leva à condenação.

A mulher cansada, apenas suplica:
Homens, parem de matar
quem te dá a própria vida.

GRAVIDEZ LUNAR

Ei, Lua!
abraça-me na
noite uivante
De Lobisomem
Inexistente.
Ecoa teus segredos
em mim
E me encha de palavras
Para que eu, nua, tua
Engravide de
Todos os
versos.



Tereza Bom-Fim

O sabor das palavras brincantes



Tereza Bom-Fim é professora Associada III da UFMA/CCim, em Imperatriz (MA). Fez pós-doutorado em Letras na UNESP-Araraquara (SP), doutorado em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará (UFC), mestrado em Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-SP) e graduação em Letras pela UEMA. Publicou:

A Literatura Infantil para Maiores de Dezoito Anos (2018); *Asas da Imaginação* (2013); *O livro-de-imagem: um (pre)texto para contar histórias* (quatro edições), obra que recebeu o selo Altamente Recomendável na categoria teórico, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2001; *Professor-leitor: de um olhar ingênuo a um olhar plural* (2007 e 2022); *Um lobo total mente mau?* (2021); *À Flor da Pele* (narrativa poética); *Ditos & Feitos* (poesias). Atuou como leitora-votante para a FNLIJ, no período de 2004 a 2016. É membro da Academia Imperatrizense de Letras desde 2005.

CHOVE LÁ FORA

Da estante, retiro um bom livro
Busco um lugar aconchegante
Daí em diante
Mergulho em cada página
Inverto pensamentos
Aparo arestas de ideias sisudas
Disfarço medos
Arranjo coragens
Prossigo...
Escorrego para a página seguinte
Sacudo planos
Reordeno trajetos
Incremento fatos.
Me viro
Me desdobro
Mudo o rumo da história.
Me vejo
Me escuto
Me acolho
Esqueço a conversa fiada.
Tô nem aí!
Importa o que acontece
Agora
Aqui...
Cessa a chuva!

FOI DE LAVAR A ALMA

Ele veio...
Na bagagem:
Palavras doces
Desejos contidos
Tocou-me com o olhar
Fiquei eriçada
Ele se foi
Sem matar sede alguma.
Disse-lhe, num tom de provocação:
“Quando voltares, venha com mais sede”.
Ele, imediatamente:
“Volto logo”.
Quanta sede:
A dele
A minha
A nossa.
O pote de nossos desejos transbordou...
Foi amor se derramando pra tudo quanto é lado.
Foi revigorante:
Pra pele, pro corpo inteiro.
Foi de lavar a alma!

TEU MANUAL

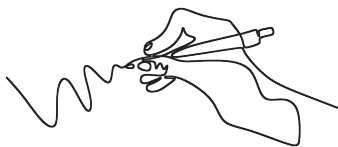
Para eu “te ler”
não foi preciso
más nem
mais palavras...
O dito
O não-dito
Bem ou mal
didas...
Linhas
Sublinhas
Entrelinhas
Do A ao Z
foi fácil
perceber...
Agora,
o teu manual
Eu já sei ler!

DOÇURA SEM IGUAL

Minha mãe era doceira,
a melhor da região.
Difícil era resistir
(a)provar seu doce uma só vez...
Eu sei que você vai dizer
que, se houvesse
uma competição,
sua mãe iria vencer!
Escute o que lhe digo
É a mais pura verdade
Eleger qualquer delícia
que a minha mãe fazia
não era feitiçaria!
Mamão com leite,
batata doce com coco,
caju cristalizado ou
mergulhado na calda.
não precisava enfeite.
Deixa eu te contar um segredo:
Em cada doce, uma poção,
um ingrediente sem igual.
É amor maternal!

FACTO OU FICÇÃO?

Há quem chame isto de intuição:
Uma “gramática” que deita suas bases
na nossa capacidade imaginativa, criadora
e no que mais aconteça em nosso coração.
Ler o mundo externo e o das letras,
entendê-los como o acaso,
é falta ou escassez de fundamentos.
Ler a nossa interioridade não é mera fantasia,
tampouco sorte ou loteria.
Nesse ‘outro mundo’ vasto de sinais,
temos que ser capazes de decifrar:
O que há de (pre)conceito no que estou vendo?
Quais simbolismos se ocultam
por trás de cada evento?
Qualquer ruído, som, pessoa, fato, tudo
e cada pequeno detalhe tem “luz própria”...
Sou eu quem precisa estar sóbria!



Wanda Cunha

A multiplicidade da arte literária



Wanda Cristina da Cunha e Silva, de São Luís/MA, é poetisa, contista, cronista e romancista. Jornalista, compositora e professora. Licenciada em Letras (UEMA) e Comunicação Social – Jornalismo (UFMA). Especialista em Língua Portuguesa; Comunicação e Reportagem; Teoria da Literatura e Produção de Texto; Educação Musical e Ensino

de Artes. Pós-graduanda em Literatura Brasileira no contexto dos clássicos. Professora da Rede Estadual de Ensino e aposentada pelo TRT-MA. Membro efetivo da Academia de Letras do Paço de Lumiar/MA; sócia e fundadora da Associação Maranhense de Escritores Independentes (Amei); integra a Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – Coordenadoria do Maranhão – AJEB/MA; sócia fundadora da Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul (ABARS) e da Academia de Letras de São Pedro da Aldeia – no RJ (ALSPA – RJ); membro do Núcleo Acadêmico de Artes de Portugal (NALAP) e da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão. Membro da Academia Brasileira de Letras e Artes Minimalistas. Presidente da Academia Maranhense de Trovas e Delegada da União Brasileira de Trovadores em São Luís do Maranhão. Tem oito livros publicados. Integra várias coletâneas maranhenses e nacionais. Ganhou vários prêmios como compositora e escritora. Atualmente, dedica-se à produção coletiva de trovas e prepara a publicação de um livro de romance e outro de contos. Usa sua arte como instrumento de combate à violência contra mulher. Na poesia, trabalha temas líricos, filosóficos, políticos, sociais e de gênero. Na prosa, suas protagonistas são exemplos de superação e resiliência, denunciando uma sociedade falocêntrica abusiva.

ENFIM, SÓS!...

Marilene e Josué namoraram durante
sessenta e sete longos anos.
No dia do casamento,
a igreja estava lotada de parentes e amigos.
A noiva, com oitenta e nove anos,
entrou solenemente de bengala,
passos trôpegos e lentos
por causa da catarata nos dois olhos
em estado bem avançado.
Vestido branco longo deslumbrante
e véu pomposo.
Marilene, no altar, pediu bênção ao noivo,
deu um tapa no padre
e disse que não queria mais casar-se
com aquele ladrão de juventude.

COLECIONADOR

Colecionava caixas de sapato
para guardar os caminhos por onde andava.
E os pés descalços
não souberam voltar pra casa na meia...
idade...
ida sem volta.

FEMINICÍDIO

Ela ajoelhou-se.
Ainda assim,
ele cravou-lhe a faca.

ACIDENTE

A família encontrou tristeza
nos sapatos ensanguentados sob o pneu.

VELÓRIO

O vento veio anunciar sua morte.
Mas era tarde.
Todos os olhos choviam sobre o caixão.

SUPERAÇÃO

Caiu... Levantou.

MÁ COMPANHIA

Quando Luzia conheceu Pedro,
ela deixou de luzir.

C'EST FINI

A minha finitude
me amedronta,
e a minha alma
é devorada pelos gafanhotos.
Não preciso perder a matéria
para me sentir morta.
A própria vida se encarrega
de ser a minha sepultura,
enquanto construo a minha lápide
dentro de minhas incertezas.
Por isso, eternizo-me todo dia
no epitáfio de minhas poesias.

RESSURREIÇÃO

Um pedaço de pão molhado no vinho
Dor no peito, morte certa.
A noite me assusta
Mas de manhã vou permitir
que testemunhas
me vejam sair do túmulo intacta
depois da missa do terceiro dia.

PESCADA

Meu olhar é um peixe
que tiraste do mar pra ver navios no teu porto.
Parto ao encontro de tua alma,
porta que se abre para
aventuras no gemido de tuas preces.
Meu peito, então, é aberto
para extrair vísceras da paixão.
Peixe frito sobre a nudez de teu corpo:
naufrágio na banha quente.



Andressa Picoli
Poesia que emoldura a vida



Andressa de Alencar Picoli Marinho – Andressa Picoli – nasceu em Vitória, Espírito Santo, em 13 de setembro de 1986. Formada em Direito pela FACIMP (Faculdade de Imperatriz), com especialização em Docência pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) e Pós-graduação em Bilinguismo pela UniDBSCO (Centro Universitário UniDom-

Bosco). Casada com Roberto Brito Marinho e mãe de Angelina, a Advogada divide o seu tempo com o Magistério. Atualmente é Coordenadora do Programa Bilíngue do Colégio Delta, sua “escola de Infância”, o que lhe traz muito orgulho e gratidão! O amor pelas palavras vem da mãe, a poeta Adriana Moulin, autora de *Nua como a Lua* (2015), que é médica, pianista, membro da Academia Imperatrizense de Letras e também autora de vários outros livros, dentre eles, *Para sempre nosso Sol – Todos os pais são heróis* (2008), no qual Andressa Picoli teve a honra de fazer uma contribuição.

LA VITA È BELLA!

Bela tarde
Bela arte
Belo tudo que faz parte
Parte da vida
Parte da lida
Do abandono que nunca finda
Belo que vai, que vem
Beleza nenhuma que é de ninguém
É louco na corda bamba
Brasileiro com pé no samba
Solidão de solteiro
Que finca no peito
Faz morte seu leito
Beleza é cego em tiroteio
Carro sem freio
Caminho sem meio
Meio sem jeito
Metade sem recheio
Beleza é avesso
Menino com gesso
Verso com rima
Que rima com lima
É o perfeito imperfeito
Nos olhos do sujeito
Espinho que fura o peito

O peito do dedo
E deixa sangrar
É vida que segue
Como do rio ao mar
É remédio que cura
É doença que mata
É verdade escura
Dita na lata
Beleza sou eu
Beleza é você
Tudo mais entre nós
Tudo que em volta se vê
Beleza esgana e engana
Nó na garganta
Último suspiro
Último grito
Tudo enquanto infinito
É bonito de se ver
Bela tarde
Bela vida
Bela sina
Continua mais bela ainda

SONHOS

E se nada disso tiver acontecido
E se tudo não passou de um sonho
Desde que entrei no hospital
Há quatro anos
Seria tudo real?
Seria tudo imaginação?
Fruto de um inconsciente
Disposto a não partir um coração
a qualquer custo?
Cá estou
Vivendo realidade ou ilusão?
Quando será a hora de acordar
Ou de me despedir
Cada dia uma luta silenciosa
Pela vida
Ou pela realidade vivida
“And the dreams that we dare
to dream really do come true...”

OS DIAS MAIS FELIZES

A coisa mais difícil dessa vida
É de fato estar viva
Difícil essa incrível jornada
Cheia de percalços pela estrada
Mas sempre há a esperança
Aquele que dizem que nunca morre
E há aquele que ela alcança
E comigo sei que terei a mesma sorte
Depois da chuva e o sol
Sempre vem o arco-íris
Não importa se a tormenta durar dias
Um dia, hão de vir os dias felizes.

RESPIRA PRA MAMÃE

Naquele dia
Que a dor bateu
Mais forte que o usual
Ela resolveu ir embora
Estava cansada
Da luta diária
Que é viver
Foi quando alguém pediu
Respira pra mamãe, respira!
Fica mais um pouco
Não desiste, não ainda
Espera mais pouco
Tem tanta vida aqui ainda
Alguns dias
São mais difíceis que outros
E quando se lembra
do que sentiu
Do cansaço e peso
Que continua a carregar
Ela se lembra do que ouviu
Fica mais um pouco
Não desiste, não ainda
Espera mais pouco

Tem tanta vida aqui ainda
Ainda bem que ficou
Ainda há muito amor aqui
Mas ainda bem que nada é pra sempre
Ainda bem que um dia
O dia vai chegar
Ela há muito tempo sabe disso
Mas até lá vai viver
O melhor que souber e conseguir
Fica mais um pouco
Não desiste, não ainda
Espera mais pouco
Tem tanta vida aqui ainda
Enquanto puder se lembrar
Da agonia que foi
Sentir a vida pesar
E aceitar a despedida
Na promessa de não mais sentir nada
E ouvir
Fica mais um pouco
Não desiste, não ainda
Espera mais pouco
Tem tanta vida aqui ainda...
Ela vai dar tudo de si
E respirar
Mais um dia...



Arlene Azevedo
A delicadeza das palavras



Antônia Arlene de Sousa Azevedo é natural de Amarante – MA. É graduada em Filosofia pela UFMA, pós-graduada em Lógica Simbólica e Metodologia das Ciências e tem formação em Programação Neurolinguística, nos Níveis de Practitioner e Master, pela Sociedade Brasileira de Programação Neurolinguística. Foi professora

do Departamento de Pedagogia da UEMA por 20 anos, sendo Chefe de Departamento e Assistente Administrativa de Centro. Em Amarante, foi Secretária de Educação e fez parte da coordenação estadual da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME). Hoje aposentada, continua a prestar serviços à educação, de forma voluntária. Desde a adolescência, a poesia e a literatura exerciam sobre ela grande fascínio, fazendo da leitura seu principal lazer. Tem escrito alguns contos e outros textos sobre cultura regional, cultura indígena, tema ao qual se dedica, especialmente em relação aos valores implícitos nas manifestações culturais das tribos gavião e guajajara.

HUMANAMENTE

Quando a noite vier
E o corpo reclamar,
Quando o coração gemer
E a lágrima aflorar,
Quando os amigos se forem
E a solidão chegar,
Quando orgulho e egoísmo derem- se as mãos,
A desilusão virá.
Mas,
Quando o dia voltar
Nas asas do alvorecer,
Quando o coração gritar ,
Quando o amor responder,
Quando um jardim de ternura
Fizer-se em flor, vicejar,
Quando o afeto, doce fruto,
O seu cheiro espalhar
A paz soberanamente há de reinar.
E aí então? Seremos LUZ?
Não. Apenas muito mais,
Humanamente HUMANOS.

LEDO ENGANO

Ingênua! Pensei-me única.
Criatura especial.
A duras penas descobri:
Sou apenas uma pessoa
Como tantas, tal e qual.
Imaginei o amor feito apenas de doçura .
Mas lei de Deus ensina
Que sem doação sem ternura,
sem renúncia e sem perdão,
a amálgama não se faz.
E o amor.... vira ilusão.
Imaginei felicidade
como um pássaro a voar,
E eu ave de rapina ,
num rasante lhe alcançar.
LEDO engano!
Ela se encontra na extensão do verbo amar.
Onde estás felicidade?
Na alegria do ter ou ser,
no prazer de uma conquista,
no cumprimento do dever,
na paz serena de um lar
ou na ilusão do poder?
Imaginei como um sonho,
A liberdade sem fim.
De procura em procura
Virei prisioneira de mim.

AMIGA FORMIGA

Acordei de madrugada
com um leve mal-estar,
levantei, fui à cozinha
um chazinho preparar.
Enquanto o chá esfriava,
eu fiquei observando
uma formiga incansável,
indo e vindo, trabalhando.
– Formiga, de onde tiras
essa coragem enorme?
Enquanto o mundo descansa
tu trabalhas. Nunca dormes?
Por que tanto corre -corre
se a ti tão pouco basta?
Trabalhar é teu lazer,
ou destino de tua casta?
– Formiga tu não conheces
este meu mundo de gente!
Uns trabalham, muitos logram.
É assim, infelizmente !
Não sei se estou enganada,
ou se é impressão minha,
o segredo dessa lida
é lealdade à rainha?

Esta é uma virtude
que dia a dia fenece,
Até quem diz: “eu te amo”,
daqui a pouco esquece.
Poderias ensinar
tuas lições a muita gente,
que só reclama da vida,
come e dorme, engana e mente.

MEU ANJO MORENO

Era sol? Era chuva?
Nãaaao... só trovoada!
Um relâmpago rasgou o céu.
Plaft! Caiu um anjo!
Estatelou-se? – Não senhor
Anjo não se estatela, voa.
Já vem com seguro protetor.
Ê de carne e osso, mas é um anjo sim senhor.
Não era louro de olhos azuis
Nem era também nenhum querubim
Era ela, nossa Tia Munda
Um anjo moreno,
mais ou menos... assim.
Que sabe sorrir, cantar, dançar,
Que embala meu sono
Que espanta meus medos
Que me conta histórias,
Ouve meus segredos,
Que é generosa
Que é anjo e é gente
Pra tantos que ama
Incondicionalmente.
Dá-me tua mão, Anjo Moreno,
E teu cuidado que preciso tanto
E eu te devolvo todo aquele amor
Que fizeste brotar, pleno de encanto.



Betânia Pereira

Literatura ecoando sentidos



Betânia Pereira é maranhense. Natural de Buriti Bravo-MA. Funcionária pública. Escreve desde que se entende como ser no mundo. Eclética na arte, dinâmica, em mutação. Nos seus escritos não fala de si, mas de todas as pessoas que rondam as vidas que ela viveu e as que ainda vai viver. Betânia participou de diversas antologias,

entre as quais: *Fênixart – Nossa Arte em Livros, Entre Palavras e o Mundo que Vejo, Simplesmente Elas, Permita-se Florescer*. A autora é colunista da revista internacional *The Bard*. Seus livros estão disponíveis na Amazon. É ativa nas redes sociais, no Instagram @btannia (ecoando sentidos).

MIGALHAS

Pedacinhos jogados ao chão, fanicos nos vãos.
Sobras sem uso, restos das sobras,
um pouco confuso.
Ciballo alimentando aves livres!
Cigallo insignificante.
Significante para quem tem.
Fragmentos que se soltam
entre os dedos, migalhas!
Todo mundo tem um segredo,
um medo, um enredo, envolvendo migalhas!
Estou certa?
Nessa linha de pensamento,
se a vida vai além do que juntamos
e se faz sobre aquilo que espalhamos,
lembremos de juntar as migalhas
e torná-las pães inteiros para espalhar por aí.

MERGULHOU

Foi Maria madalena, Saulo de Tarso,
Judas Iscariotes, Barrabás, Pedro, Samaritana.
Se vestiu de muitos.
Depois de ter percorrido caminhos,
experimentado, rios e mares.
Se afogado e asfixiado em águas rasas.
Tentar montar os quebra-cabeças,
peças perdidas, quebradas, deixada em brasas.
Resolveu voltar e no caminho de volta
encontrou, sem pesares.
Escolheu voltar para si.
Encontrou e refez o quebra-cabeças,
colocou as peças e abriu o mapa!
Viajou para si. Havia saído sem rumo,
sem saber nada, por etapa.
Sem termômetro, altas temperaturas
derreteram seu ser e se entregou.
Não resistiu.
E as temperaturas oscilaram e morreu na Praia.
Mas amou.
Foi Maria, Martha, Zaqueo, Cirineu. Lázaro.
Reviveu.
Cansada(o), exausta(o). Encontrou!
Em si, é o melhor lugar!

DÉDALOS DA VIDA

Olhos em midríase, vermelhos em brasa,
pontadas nas têmporas,
líquido vertendo sobre o nariz, gota a gota.
Os automáticos crepitam na mente.
Ou seriam mantras? Me deem respostas!
Enfiam goela abaixo, digerindo sem sabor,
com dor, algumas vezes.
Te fez sangrar. Repete, acredita, é verdade.

— “SEJA SEMPRE VOCÊ”.
As vísceras à mostra!
Permitiu que te dilacerasse!
Coração taquicárdico! Sangrando.
Não, tu não se perdeu, rei Teseu!
Ariadne é a dona do fio,
percorre o labirinto com sagacidade. Vai!
Sempre esteve lá! (sempre foi você).
Estratégias de fuga? Para se esconder?
Se defender? Sim.
Adaptações normais para não ser decapitada.

— “VOCÊ É SUFICIENTE”

Falhou, quebrou-se. Não se conformou.
Levantou, espada na mão. Sentiu-se Teseu.
Algumas estradas são labirintos,
outras linhas retas.
Os dédalos são para serem transpostos.
Sempre há um fio de Ariadne.
Você sempre pode mais!

— “VOCÊ MERECE O MELHOR”.

Merece sempre o melhor,
não como recompensa
(Nós e os sistemas de recompensas,
assunto para outros posts)
por algo que fez, para encaixar nos padrões.
Mas por ser inerente ao ser,
não há condições, imposições.
Porque és labirinto, és ariadne,
és Teseu, és Minos.

— VOCÊ É...

Sou, me faço, me permito e permito.
Só não posso me condicionar:
a pensamentos, frases.
Mas necessário criar o seus próprios fios.



Dorlene Macedo
O dom da palavra



Maria Dorlene de Macedo Caldas, nascida em Independência, CE – Brasil. Fonoaudióloga, especialista em Fonoaudiologia no âmbito hospitalar, área atuante em linguagem oral e escrita, sendo a escrita uma grande paixão desde criança; amante de dança, teatro e arte afins. Participou de dezenas de antologias e coletâneas, no Brasil e

no exterior, como por exemplo: *Sarau Brasil 2020* (seleção poesia brasileira), antologia 2020, Vivara Editora Nacional; Antologia *onde canta o sabiá*, edição bilíngüe português e inglês, Lura Editorial – 2022; Colêânea *Intuição*, org. In-Finita – Português – editorial Adriana Mayrinck – 2022; Coletânea *Palavras sem Fronteiras* – Los Angeles – Editora Viverarte – 2022. É membro da Academia: AILB. Site: dorlenepoemas.com

O DOM DA PALAVRA

A maneira como se fala
está muito relacionada com o meio inserido,
O social e cultural
E a personalidade do indivíduo falante
O emocional, psique e sentimentos envolvidos
Reflete na palavra oral e ou escrita
O jeito de falar as palavras
Expressam o seu melhor ou pior momento e ou
Estado momentâneo de felicidade ou insatisfação
A palavra tem o poder de enaltecer,
Favorecer o bem estar emocional
A palavra bem dita
Atrai bons fluidos
Abençoa e eleva prece ao céu
Presente divino
Evoca mensagem de alegria e esperança
De minha boca saem palavras de agradecimentos,
afeição e gratidão
A palavra escrita eterniza-se
Transcreve, incita e
Memoriza-se com mais facilidade
O poeta exprime seu pensar, sentimentos,
angústias paixões e inspirações
Dom poético, linguagem de forma sucinta

Imortaliza suas aspirações
e eleva seus pensamentos
a todos que agregam valores
em forma de versos e poesias afins
Que o dom da palavra seja doce
E que expresse o sentimento mais verdadeiro
e incondicional:
O amor.

FRUTO DA RESISTÊNCIA

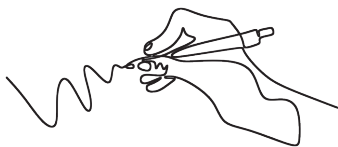
Assim como o fruto do mandacaru
Versátil, vermelho como um rubi
Sinônimo de resistência,
És tu mulher
Fértil mesmo em terra de campos secos...
Resiste às adversidades
Maestria em quebra de tabus e paradigmas
Exalto-te em todas as línguas, sotaques
Em rimas, palavras, canto e encantos afins!
Venero-te, enfeito-te com as belezas,
das flores do meu sertão
Seletas, perfumadas
Aromas que embriagam e
Eternizam em formas de recordações.
És filha da persistência, símbolo de mulher
que resiste e perpetua a
Essência do sertão...
Tem o poder de transforma-se
Entre flores e espinhos
Germinar
É fruto
Vida!

MUSA MULHER

Emerge do ventre
Maestria no quesito amar
Mulher... Musa que inspira
E transpira sensualidade
Explode e eterniza sentimentos que
Surge na inquietude
Dos pensamentos, sonhos
Desejos incógnitos
Fugaz...
Mulher és pedra preciosa
Diamante bruto
Há! Precisa ser transportada
Para um coração que transborde
De paixão e amor
Puro êxtase!
Mulher
Pura envolvente
Modifica, edifica
Acolha-me
Sou inteira
Sou musa
Sou mulher.

SURPRESA: DANÇA DO VENTRE

Uma surpresa
Uma descoberta
Danço para encantá-lo
Quero surpreendê-lo
Declarar-me com essa dança do ventre
Meu corpo enquanto danço
em todos os passos, dão pistas
Me expresso, no ritmo da musica
Cada movimento, cada olhar
Minha alma transpira paixão
Sedução, magia
Libero o sentimento mais profundo
Irradio felicidade, sensação de liberdade
Uma tríade: corpo mente coração.
Sinto nossa sintonia
em seu olhar ao contemplar
Essa dança estonteante
Em varias fases do nosso amor.
Quer dançar?
Chama-me!



Edna Ventura

Palavra, memória e reflexão



EDNA FONSECA DOS SANTOS VENTURA, natural de Imperatriz. Começou a trabalhar aos quinze anos de idade em um escritório contábil, depois foi bancária por dezessete anos, passando por vários cargos, até a gerência. Ainda adolescente, publicou crônicas e poemas no jornal O Progresso e outros periódicos da cidade. Autora

dos livros *Madrugada de Novembro* e *Ondas de Luz*, em 2001 foi eleita para a Academia Imperatrizense de Letras, da qual foi Vice-Presidente por dois mandatos, de 2007 a 2011 e Presidente por dois mandatos, de 2011 a 2014. Atualmente está na vice-presidência da instituição. Coordenou seis edições do SALIMP – Salão do Livro de Imperatriz. Participou da coordenação para a implantação de três bibliotecas comunitárias na zona rural de Imperatriz em parceria do Município de Imperatriz com o Instituto Ecofuturo. Foi Secretária Municipal de Políticas para Mulher, de 2017 a 2020. Recebeu da Câmara Municipal de Imperatriz a comenda Barão de Coroatá, por relevantes serviços prestados à cultura municipal. Apresenta com o esposo, desde 1994, o programa “Ondas de Luz” semanalmente, aos domingos, na Rádio Terra FM.

SILÊNCIO DOS MOAIS

Meus segredos?
Os guardo bem escondidos
no silêncio da minha alma.
Sabe por quê?
Minha verdade é íntima!
Só a poesia
consegue arrancá-la
de mim.
Para não carregar pecado
coloco meu silêncio
em movimento
Traio a irmandade
comigo mesma.
Abro a janela do cárcere e
liberto um monte de segredos.
Mas...
ainda guardo o 'silêncio dos moais'.
É lá meu refúgio de
sobrevida a mais.

DAS ROTINAS

Todos os dias ele está ali
a jogar sua rede
na solidão do rio.
É sua rotina de vida.
Ele, a canoa, a rede de pesca e
a lentidão do seu tempo.
Todos os dias abro as janelas
da casa e da alma
Saúdo o rio, a vida e
o pescador solitário.
Apressadamente cuido da casa,
do marido, do filho.
Coloco salto alto, passo batom,
saio apressada e
mergulho na velocidade
do meu tempo.

DENSO RETRATO

Sotaque estrangeiro, mas bem compreensível. Barba aparada, rosto fino de um vermelho rosado, com sinais de melanoma. Trajava short jeans, camisa polo amarela, tênis e meia branca. Trocou breves palavras com o garçom que logo lhe trouxe uma cerveja e um copo alto de borda estreita.

As mãos, de veias grossas e esverdeadas, brincavam com os próprios dedos enquanto seu olhar se distanciava pelas ruas londrinhas do passado. Fez daquele momento a oportunidade de pensar e repensar a si mesmo. Ajuizava sobre as conquistas e sobre as derrotas em seus oitenta e nove anos de idade. Se perdoava pelas mulheres abandonadas e se condenava pelos sonhos abdicados.

Quando sentiu clarear a consciência, quis re-direcionar o caminho, deixar os fantasmas para trás e buscar outras possibilidades e conquistas. Mas, o corpo e a mente não mais permitiam. A alma precisava descansar.

Tomou demoradamente a quarta cerveja. Levantou-se e caminhou sem pressa para o caixa. Hesitou à porta, balançou a cabeça para si mes-

mo, como se estivesse na frente do espelho. Colocou seu boné branco na cabeça nevada, olhou para um lado, depois para o outro e dobrou a esquina, carregando o denso retrato que plasmou de seu passado.

Jamais saberá que, sentada a uma mesa naquele mesmo restaurante, eu ouvi todas as suas confissões a si mesmo.

A PORTA, A JANELA, A VIDA

A porta da minha infância dava para uma rua larga com muitas casas de portas e janelas abertas, convidando para entrar.

A porta da infância do meu filho dá para uma escada, com poucas casas, de portas sempre fechadas, convidando a silenciar.

A janela da minha infância dava para quintais de cercas baixas, e um arco-íris colorindo o céu e a minha alma.

A janela da infância do meu filho dá para outras janelas muito altas, com frias cortinas e apenas uma nesga de horizonte lilás.

O luar da minha infância clareava o chão e iluminava a alma. Estava ao alcance dos meus olhos e da minha mão.

O luar do meu filho é solitário. Passeia de um lado ao outro do horizonte, despercebido de qualquer olhar.

A vida na minha infância era repleta de irmãs, bonecas, fofotes, surras, cantigas de roda. Existiam cacimba, queimada, amarelinha, manga madura, cordel e rádio a pilha.

A vida na infância do meu filho é repleta de vídeos, jogos, controle remoto, ar condicionado, piscina, sanduíche, menino maluquinho, tarefinhas, computador.

Quando unimos nossas brincadeiras em risos, abraços, esconde-esconde e pipoca, não sei avaliar qual é a alma mais cheia de infância.



Elisa Lago
Poesia, palavras e (en)cantos



ELISA LAGO nasceu em Pedreiras-MA, cidadã de São Luís, Pedagoga, Secretária Executiva, Bel^a. em Direito, Especialista em Negociação Coletiva, Servidora Pública Federal – aposentada da Universidade Federal do Maranhão, onde exerceu diferentes cargos de direção, destacando-se como Diretora do Departamento de Con-

vênios, Diretora do Departamento de Pessoal e Pró-Reitora de Recursos Humanos. Cantora, Compositora, Escritora e Poeta. É autora dos livros *Rascunhos de Gaveta* (2017) e *Sonoridade* (2019) e dispõe de 3 obras inéditas, a publicar; coautora em 26 Antologias, nacionais e internacionais. Na música (MPB), gravou dois álbuns disponíveis nas principais plataformas digitais: *Do rio ao mar* (CD – 2016) e *Sonoridade* – Samuel Barrêto por Elisa Lago (digital – 2020); e outros singles de compositores maranhenses. É membro da Academia Poética Brasileira, Academia Pedreirense de Letras, Associação Maranhense de Escritores Independentes, Associação de Músicos, Arranjadores e Regentes e Academia Internacional de Literatura Brasileira.

CORAGEM

Sim, um dia já convivi
com a tortura do medo
de ferir os preceitos rotulados
pela hipocrisia social:
Isso pode!
Isso não pode!
Isso é bonito!
Isso é feio!
De repente, num instante
de desesperança e desencantamento
surgiu um anjo à minha frente
com sorriso nos olhos e palavras animadoras
e me ensinou a conjugar
o verbo “esperançar”.
Resisti, briguei com meus monstros interiores,
enfrentei tempestades emocionais
até sobrepujar os meus temores.
Enfim, “esperancei-me” e da coragem
ganhei asas multicores: voei... voei... voei...

DILEMA

Sinto-me só
No meio da multidão
Abraçada ao meu violão
Segurando tua mão.
Solidão!
Ausência de mim
Dor que não tem fim
Medo me faz refém...
O que devo fazer
Para não perder minha essência?
Entregar-me a ti e morrer de tédio?
Ou buscar reencontrar-me
Dentro e fora de mim
Para viver de alegria?

VERSEJANDO

Foi linda aquela noite
Um sonho de nós dois
Na leveza de amar sem limite
Amor, amante, pulsante
Sem medo do depois.
A lua com seu clarão
Iluminou nosso olhar
Carregado de paixão
Risos afogados em beijos
Suave perfume no ar
Inconfundível emoção
Desejo entre rio e mar.
Num instante, desencanto
A magia se desfaz
Mera ilusão
Tudo acabou
Nada mais resta
Senão dar asas
À imaginação
E ao som de nossa canção
Voar pelas saudades
Do segredo que ficou pra trás.

Regar-me com o pranto e depois
Renascer
Reviver
Recomeçar
Reinventar
Reflorescer
Versejar...

ALINHAMENTO

Deixei ir a minha ansiedade
E da inquietude do meu ser
Fui reencontrar-me em poesia
Alinhando minha alma
Inspirando e expirando paz.

PAZ

Pra superar o cansaço que às vezes me toma
Busco descanso que bem me faz
Aqui me refaço sem correr perigo
Envolta num manto
de tranquilidade e encantamento
Que me traz imensa paz.
Nas águas desse rio
Encontro a calma que me acalenta a alma
E num singelo gesto de gratidão
Por mais um sereno momento de encanto
Minha voz entoia emocionado canto
Paz, apenas Paz!

DESEJOS

Eu queria falar de gentilezas
Daquelas em que a reciprocidade impera
Que escancara bons sentimentos
E deixa o afeto fluir naturalmente
Independente do canto em que se esteja.
Eu queria falar de alegrias
Revertidas em mimos
De canção e poesia
Com único interesse
De alentar o coração
E deixar a alma leve
Em plena liberdade.
Eu queria poder abraçar
Embora virtualmente
E sentir a energia transmutar-se de mim,
reluzente
A corações palpitantes
E a olhos sorridentes
Ah! ... eu queria falar de certezas
Mas são tantas incertezas
A contaminar-me a mente.



Eva Soares

Cordel como expressão poética



Eva Soares dos Santos nasceu no dia 26 de fevereiro de 1974, filha de Cicero Soares dos Santos e Maria do Amparo Soares dos Santos, natural de João Lisboa – MA.

É formada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); es-

pecialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pelo Centro Universitário Amparense (UNIFIA) e em Reengenharia de Projetos Educacionais com ênfase em Educação especial, pela Especialização e Estudos Avançados.

Professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa; escritora. Atualmente é professora da Unidade Integrada Laurentina Pereira Mota e do Centro de Ensino Henrique La Roque. Também é palestrante e cerimonialista. Na literatura, é autora dos livros: *Palavras do Céu em Literatura de Cordel* (2019), *Mulheres do Céu em Literatura de Cordel* (2020) e *A História do Maranhão desde a Colonização em Literatura de Cordel* (2022).

LEITURA

A leitura é um processo
Que estimula a criatividade
É um encontro com as ideias
A cultura e a arte
Promove conhecimentos
E tem suas peculiaridades
A leitura exercita o cérebro
E aumenta a memorização
Reduz o estresse
Desenvolve a imaginação
É uma forma de lazer
E melhora a concentração
Ler é viajar
Sem sair do local
Conhecer vários lugares
É algo sensacional
Personagens ganham vidas
De um jeito transcendental
A leitura é uma atividade
Extremamente relevante
Quem ler só tem a ganhar
Com essa prática brilhante
Amplia o vocabulário
Alargando os horizontes

SER ESCRITOR

É expor pensamento com amor
É imaginar sem se preocupar
É escrever para o outro ler
É escutar alguém elogiar
É pensar e chegar lá
É madrugar sem ver o tempo passar
É semear e esperar
É produzir e repartir
É respeitar e sensibilizar
É carregar o encanto no ar
É sentir e se descobrir
É desejar e proporcionar
É aprender a crescer
É inspirar e sonhar
É não deixar a ideia passar
É registrar o que na mente ficar
É criar e publicar

SER ESTUDANTE

Dia 11 de Agosto
É dia do estudante
Tarefa que exige muitas lutas
E busca de saberes constantes
Vence grandes batalhas
Para se tornar importante
Parabéns estudante
Pelo esforço e dedicação
Pelo saber adquirido
E pela sua educação
Pelas conquistas de cada dia
E por cumprir sua missão
Estudar todo dia
Deve ser o objetivo
De um aluno exemplar
Que sabe ser destemido
Dedica-se no que faz
É um estudante ativo
No decorrer dos estudos
Você não deve esquecer
Que de Deus vem a sabedoria
Para os conteúdos aprender
Agradeça sempre ao criador
Para um dia você vencer

MEIO AMBIENTE

A natureza é valiosa
Vamos limpar e plantar
Ter um compromisso com a vida
O meio ambiente preservar
Vamos contribuir com a natureza
E o nosso planeta cuidar
Não devemos desmatar o que Deus criou
Nem poluir a natureza
A preservação é importante
Para manter a grandeza
Do nosso meio ambiente
Cheio de muita beleza
Vamos cuidar bem do nosso espaço
E deixar bem limpinho
A natureza é o espelho do Criador
E merece nosso carinho
Deus nos deu tudo de graça
Deixe o pássaro fazer seu ninho
Vamos praticar o reflorestamento
O processo de arborização
Esta ação ambiental
Você não pode dizer não
Vamos melhorar a qualidade do ar
Em áreas maltratadas pela poluição

MULHER, MANANCIAL DE SABEDORIA

Linda como uma flor
O mais belo presente de Deus
Tu és o esplendor
Batalhadora e guerreira
Semente do divino amor
Mulher, emotiva e sonhadora
Pérola de inestimável valor
Essência da natureza humana
Vida que Deus preparou
Graça reveladora
Benção do criador
Mulher tua presença é tão sublime
Vida que gera outra vida
Fé arraigada em Cristo
Ações reconhecidas
Alegra-se na presença de Deus
Serva agradecida
Mulher que tem a marca de Cristo
Sua casa edifica
Busca o amor de Deus
Cristo te santifica
É na sombra do Onipotente
Que ela se purifica



Floriza Gomide
Afetos que geram palavras



Floriza Gomide Meireles é mulher, mestre em Educação pela UFMA; professora do IFMA Campus Codó, esperando na educação há 27 anos, tempo que lhe permitiu atuar como docente, gestora escolar e gestora pública, à frente da Superintendência de Modalidades e Diversidades

Educacionais da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão.

Companheira do professor e andarilho atípico Wellington Meireles Gomide, com quem tem dois filhos: João Pedro, esculpido no ventre, e Carlos Eduardo, um adolescente trazido pelo vento.

Poetisa nas horas vagas, é GOIANA por nascimento, MINEIRA por amamentação, PARANAENSE pelas memórias da infância, BRASILEIRA pelas andanças, NORDESTINA de coração, MARANHENSE por paixão e CODOENSE por opção.

MESSALINA

Este mês
Nesta mesa
Essa messe.
Almas que crescem?
Na boca
A saliva
Dessa lida
Eterna seara.
O que será?
Boca sem saliva?
Mesa sem colheita?
Vida lasciva?
Messe desfeita?
Conversão aceita!
Dessa lida,
Nesta vida
Apenas a salina
Mas, entre as pernas
Messalina!

AH, SE EU ADIVINHO

Minha carne em desatino
Tua verve traçando o caminho
Ironia do destino
Ah, se eu adivinho!
Entortava minha estrada
Pra encostar na tua
E se não desse em nada
Minha vida, assim, desapegada
Inventava nossa história
Tu serias memória e movimento
Eu me faria tempo e nudez
E há muito que tu não terias
Nada além de frágil argumento
Para seguir sozinho, ao invés
de se render ao descaminho
Ah, se eu adivinho!

QUE TAL?

Que tal se você vier morar no meu útero?
Fazer a cama nos meus pensamentos
e habitar os dias dentro de mim.
Que tal você ocupar os cômodos
recônditos que escolherei pessoalmente
para te abrigar em meio a silêncios e delírios?
Comprar mobília nova,
almofadas cor de sangue
e cantar nossa canção
só pra demarcar território em meu organismo.
Que tal apressar os batimentos do relógio
e pendurar meu coração na parede
só pra contar o tempo que dura essa paixão?
Erguer um muro de carícias no meu ventre,
enquanto afago seu perfume em meus poros
e fecho os olhos pra te adormecer.
Que tal abrir as janelas dos desejos,
pra deixar entrar a luz,
e cavar fundo essa sanha poética de parir você?
Que tal se vier arrumar essa bagunça?

DA JANELA QUE DAVA PARA A RUA

Foi então que, no horizonte,
o sol se escondeu daquela sua janela.
E ela, que ficava só na dela, à espera,
que ansiava pelo luminoso momento
em que ele se despia na sua frente,
se recolheu, se perdeu de repente.
A janela se fechou para o mundo.
E fechada se viu sozinha, tadinha!
Suspirando e esperando.
Quase suplicando
por um breve sorriso luzente no poente.
E assim, desiludida e apaixonada,
foi com a lua afogar suas mágoas.
De vez em quando, da lua se enamorava.
E sonhava.
Mas um dia, a bela janela,
por um descuido só seu,
percebeu que o mar engolira o sol.
Pescou o dia.
Seduziu a luz, feito isca de anzol.
E não era estória de pescador.
Era estratégia de desiluminador.
Até a lua, que costumeiramente a consolava,
não mais apareceu.

Encoberta que estava, a lua se esgueirava.
Se eclipsava. Nem de noite, nem de dia.
Seu abraço não mais se abria.
Até que um dia, a janela,
aquela que estava sempre à espera,
só na dela, se descobriu.
Nem do sol, nem da lua.
Os seus olhos, na verdade, eram da rua!

CONTORNOS

Hoje eu vou dormir do seu lado da cama
só para lembrar dos contornos do seu corpo
no amarrotado do lençol.
Vou colocar você na minha estante
e deixar exposta tua presença nas poesias
e canções de domingo.
Vou mergulhar em sonho
e em brasa viva esperando você voltar,
porque meus olhos, minhas mãos, minha boca
e meu sexo deram para lhe exigir sofregamente.
E quando amanhecer aquela quarta-feira
boba de encontro e de se perder,
vou confessar sem rodeios
meus pensamentos diuturnos;
vou lhe tirar os coturnos;
massagear seus pés alados
(cansados das partidas)
e lhe fazer vaidoso ao reconhecer poderes
e encantamentos em ti.
E, depois dos sorrisos e das memórias,
vou dançar sua música, só para ver você brilhar
feito plâncton se deixando levar pela correnteza;
vou pôr sua refeição favorita à mesa;
fazer inveja aos vizinhos
e lhe convidar para ficar.



Gabriela Lages
Poesia com talento e arte



Gabriela Lages Veloso é escritora, poeta e mestranda em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente, é colunista da Revista *Sucuru* e do *Feminário Conexões*, editora do núcleo poético Sociedade Carolina e membro do projeto *Entre Vasos y Versos*, que conta com a participação de escritores de diversas naciona-

lidades. Já colaborou com coletâneas e revistas nacionais e internacionais. Em 2020, estreou no mundo das letras com a publicação do conto *O Relicário*, na Revista *Intransitiva*, da UFRJ. Em 2021, foi finalista do Prêmio Literário AMEI 2020, na categoria crônica. Em 2022, recebeu uma menção honrosa no II Concurso Pedro Ivo de Poesia, da AMCLAM, foi finalista do Prêmio Literário AMEI 2021, na categoria poesia, ganhou o 3º lugar no I Concurso Nacional de Poesia da Faculdade de Direito da UFPR e conquistou o 2º lugar no Prêmio Emílio Lansac Toha, da Academia de Letras de São João da Boa Vista (SP).

SOBRE VIVER

Minha casa é o mundo.
Navio sem porto.
Minha comida é esmola.
Chuva no deserto.
Invisível, que sou,
Ando para sempre e nunca.

SELENE

Sou parte do universo,
mas não estou à deriva.
Sou atraída por uma
força maior do que eu,
maior do que a vida,
maior do que tudo.
Sou feita de fases.
Metamorfose em curso.
Sou o reflexo da luz estrelar.
Espelho solar.
Sou o silêncio da noite.
Um silêncio que pulsa e grita.
Um silêncio que controla as marés.
Silêncio, luz e sombra.

GAIA

A cada volta, um novo ciclo.
Estou presa nas areias do tempo.
Passam-se dias, meses, anos,
e aqui estou eu.
Já presenciei muitas histórias,
desse ser, que em mim habita.
Como mãe, que sou,
contemplei todos os passos de meus filhos,
em cavernas, aldeias, reinos, impérios,
metrópoles e no que ainda está por vir,
nessa longa estrada.
Presa nos ponteiros do relógio,
observei guerras intermináveis,
o passar de incontáveis estações.
Flor, folha, neve e sol.
Vi a vida ressurgir,
o amor permanecer,
um novo ciclo começar,
sonho ou liberdade?

O MAR DE VIDRO

Em tua fria e funda lâmina,
encontram-se mistérios
escondidos, o medo do
confronto com verdades
ocultas, ou, quem sabe de,
simplesmente, perder-se.
Tua dura água reflete
e encanta os Narcisos,
levando-os ao eterno
descontentamento.
Teu lume frio revela
a fera interior que, em
vão, tenta-se esconder.
Espelho, és o poço mais
profundo que existe.
Em uma só mirada
atravessas as barreiras
do tempo e da vida.
Mágico, sombrio ou
verdadeiro, apenas,
és um mar de vidro.

O ECO DE ATENAS

Eu, e minhas circunstâncias,
caminhamos, lado a lado,
rumo ao desconhecido,
tendo a poesia como guia.
Por ruas de cantaria, pelo
labirinto de becos e escadarias,
escuta-se o eco do silêncio.
Do silêncio surge a poesia,
ela vem envolta nas cores
dos azulejos, no canto dos
bem-te-vis, nas ondas do mar.
Dos sobrados e igrejas,
ecoam lendas e mistérios,
a poesia destilada da saudade.

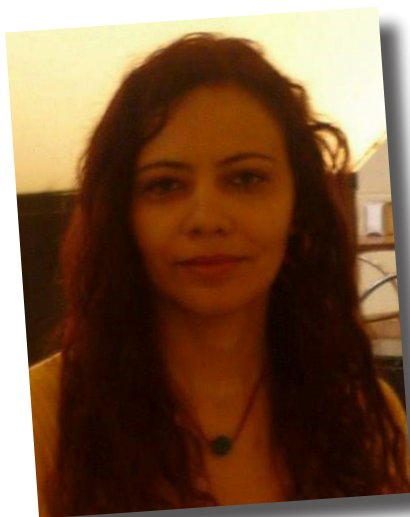
O MAR

Ninguém nunca tocou
o teu mistério. Tens essa
imensidão, que atravessa
horizontes, mas, uma
simples concha te contém.
Na superfície, tudo que
podemos enxergar é um
espelho perturbado pelas
ondas. Um vento forte
insiste em embalar tuas
águas carregadas de sal.
Na profundidade, tudo
que se escuta é o eco do
teu silêncio, que grita, aos
quatro ventos, histórias
naufragadas pelo tempo.
Nessa jornada, tens a
lua como guia das tuas
marés. Quem atravessa
tuas águas, mesmo que
somente com o olhar,
sente a difícil liberdade
de retornar ao porto.



Geane Lima Fiddan

Palavra, poesia e existencialismo



Geane Lima Fiddan é professora de Literatura. Possui Licenciatura em Letras desde 1999. É Especialista em Linguística e mestre pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Publicou 3 livros com gêneros diversos. *Argos da Matéria*, poesias, publicado em 2006; *O Norte*, coletânea de contos, publicado em 2013, escrito em Lisboa/Portugal.

tugal e publicado pela Paco Editorial, em 2012 e *Os Guardiões Mirins*, conto infantil, publicado em 2019 pela Editora Felizes. Participou de diversos movimentos culturais no Maranhão e em Portugal, principalmente vinculados a questões ligadas à literatura.

Atualmente vive longe das grandes badalações culturais, pois optou por uma vida mais reservada. Contudo, tem contribuído com as questões referentes ao meio ambiente e à espiritualidade.

II GÊNESE OU EMBARCAÇÕES

Em tempos adversos
ainda estamos reaprendendo
a nortear o que se passa por dentro.
O que se passa por dentro,
de vez em quando, está por fora,
por fora estamos nós
quando não fazemos faxinas internas
para despoluir diversas margens.
Pássaro azul voando rumo ao infinito
dar voltas feito um quatrolho,
cuja leveza anda à flor da pele.
Não é fácil andar nesse cosmo,
mas não é impossível acordar
o bem adormecido.

ÁGUAS DO PAI

Não esperávamos nada mais
do que um dia maneiro
quando a cantoria que cai das nuvens
chegou esparramando-se no chão
de mangueiras e se embrenhando nas ruas,
a percorrer os montes, as vilas, as ladeiras,
lavagens de ares após trabalhos intensos,
impertinências para alguns seres de pedras
e de areias que se preocupam com a vida
de muitos e se mantêm
em certas estações que assustam.
São tantos os corações
que ainda ousam correrem para os banhos
da infância como se o que cai
das nuvens e se espraia no solo
e no telhado, fosse tudo que restasse.

CAROS

Nas primeiras horas do dia
gaivotas modificam versos na areia.
Ventos e ciscos embrenham-se
pelas janelas enquanto
um sereno chuvisco desmancha imagens
nos vidros dos ônibus
rio atravessando morros
pessoas que levam as suas cruzes
qual peixinhos voadores
soluçando outro plano.
À tarde chora
diante da matéria poética desfeita
e a noite exige mais lirismo.

EM TEMPOS ADVERSOS

Em tempos adversos
ainda estamos reaprendendo
a nortear o que se passa por dentro.
O que se passa por dentro
de vez em quando está por fora.
Por fora estou eu
Quando no hago dispersivos.
Voadores rumo ao infinito
dão voltas feito um quatrolho
cuja leveza anda a flor das águas.
Se não é fácil andar nesse cosmo
é possível acordar o albatroz
por dentro adormecido.

ANUNCIAÇÕES

É madrugada nessa ilha em que pouso sonhando boas anunciações que ressoam até mesmo no coração. Um galo canta no quintal do vizinho e espanta a dor que permeia os dias solitários. Uns pingos de águas batem com delicadeza no chão. Gritos de passarinhos ecoam no quarto. No quarto, uma rosa, fotos e livros antigos lembram os que passam a vida esperando. Quem me dera ver teus olhos num voo menos passageiro.

É madrugada nessa casa com fibras e infinitas conchas, páginas, pétalas e miçangas espalhadas pelos cantos testemunhando a jornada. Lá fora, a constelação de Orion evidencia uma construção sublime. Então, vejo um gato e penso lá na mata deve haver um índio com mãos repletas de terras e sementes expostas aos transeuntes. Quem me dera viajar contigo pelas estradas ornamentadas pelas essências dos ipês.

PASSAGEM

Ontem, tarde da noite, andei pela cidade como um poeta lírico nas andanças. Repentinamente, vi um senhor sobre uma ponte, falando sozinho. Então, parei e me aproximei do cidadão que tinha cerca de 80 anos. Percebi que ele falava para o mar e dizia alto:

– Minha Susana! Minha Susana! Onde está você?

Subitamente, o homem ficou calado e então perguntei.

– Quem é a Susana?

Ele olhou para o mar e disse.

– É aquela onda que parte todos os dias!



Helena Frenzel

Literatura como linguagem, expressão e vida



Helena Frenzel é maranhense, vive na Alemanha. Formada em Ciência da Computação e Romanística, Literatura é seu *modus de ser e operar* no mundo. Nos blogs *Bluemaedel*, *Bluemaedel Lê* e em seu perfil no *site Recanto das Letras* encontram-se quase todos os textos que publicou de 2007 para cá, dentre eles contos, crônicas e letri-

pulias, que é como ela gosta de chamar as brincadeiras poéticas que tece. Dedicados a contos e causos, manteve os projetos *Sem Vergonha de Contar*, em parceria com a contista Michele Calliari Marchese, e o projeto *Quinze Contos Mais*, que gerou dois volumes em *E-book* e reúne textos de diversos autores e autoras de vários lugares do Brasil. Todos os *E-books* que publicou até agora, como autora, curadora e editora, incluindo a coletânea *Maranhão em Contos*, composta para aplacar um pouco a saudade da terra natal, encontram-se disponíveis no *site* do projeto Quintextos. Atualmente mantém uma coluna no *site* Notícias da Região Tocantina e faz leituras em áudio para o projeto Fantástico Feminino, no Youtube.

FUSÃO NO AZUL

Fundida em azul de fundo ou plano
Parede, cortina de céu tamanho
Por ruas e dias quase invisível
Cruzo cidades de tons sombrios.
Acessórios, cargas, roupas impedem
Transparência efetiva de não vista ser
De seguir anônima, ativa buscando
Deste mundo, à revelia, u'a parte ser.
A este circo, se me integro, desapareço.
Sofro, por certo, dissolução
De ideias, sonhos, cultura, apreços
Pigmentos, texturas, ideais, visões.
Assim sendo, ao fundo azul me fundo,
Discreta caminho e sonho seguir,
Invisível passar por olhares perdidos
Vampiros por sangue, por vidas febris.

TARA É ATAR

Já paraste para pensar que alma é
Lama, mala e amal?
Já paraste para pensar que amor é maro,
Mal em japonês, na língua dos gibis,
E que também é roma, orma, armo?
Mora?
Arm, amor, que em alemão é pobre,
Coitado!
Será do coito que corta o amor,
Mas se tirando o cê,
E o sentimento,
É apenas um número?
Já paraste?

VIDA A MONOTONIA!

Poesia vem quando quer,
É atrevida essa mulher!
Homem, e por que não?!
De absurdos brota poesia;
De monotonia, inspiração.

COTIDIANO

Quando acordou, tocava no rádio o Chico: “Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às três horas da manhã, me sorri um sorriso pontual, e me beija com a boca de hortelã, lã, lã, lã, lã”. Levantou-se, tomou banho, café, lavou os dentes, saiu e foi esperar o ônibus.

Coisa difícil é vaga pra estacionar, bom foi ter deixado o carro em casa, sem falar que, fora a fila dos ônibus, nenhuma outra parecia andar naquela cidade. No escritório, bateu o ponto, começou o trabalho. Nova lista de protocolos para preencher. Conferiu agenda, organizou tudo. Caso estorno de cartão, o primeiro. Quinze minutos antes do almoço, chega a colega Rosa e o espera para saírem.

“A Lasanha do Toni hoje está ótima!”, ela disse. “Então vamos lá!”, disse ele animado. “E o que fizeste hoje, camarada?” “Mais protocolos, pra variar”. Ela sorriu e disse: “Normal!”.

Uma hora mais tarde, de volta ao trabalho, ele lembra que ela lhe disse: “No final do dia passo pra te apanhar, vice?”. Sim, pegaria carona com a Rosinha. Voltou a se concentrar no traba-

lho, pensando: “Outros dez casos de uso, rapaz... Coragem, vamos lá!”

Final do dia, chega Rosinha perguntando: “E aí, tudo pronto?” “Peraí, deixa eu ir ali, acolá arquivar o serviço.” Abriu a porta do armário e uma surpresa: uma pasta com 20 protocolos, iguaizinhos aos de hoje, todos lá arrumadinhos, o esperavam. Mesmos comentários, mesmas descrições, mesmos... “Penso sempre igual?”, cogitou. Antes de concluir que enlouquecia, leu o bilhete e seguiu as instruções: “Para não fazer tudo de novo, otário, não esquece de colar este bilhete na capa da agenda antes de sair!”, assinado com um “Eu sou você amanhã e nós dois já vivemos essa história. Um abraço e até a próxima!”

Mais tarde, falou pra Rosinha: “Fiz de novo. Me lembra amanhã de voltar ao neurologista?” Ela o olhou longamente, meio que quase o estranhando, mas logo voltou à rotina e apenas disse: “Como sempre!”.

LETRIPULINDO E PULANDO

Meço o risco que corro pois sei do tanto que valho, tusso diante do engasgo e ouço conselhos gentis. Caibo na mão da poeta, suo frio e posso soar louca aos ouvidos moucos de quem não sabe sorrir. E enquanto pulo a prataria dou meus pulos para levar a vida, e moo, moo a tristeza escrevendo letripulias, brincando com a língua que me criou, cria, cura e recria, todos os dias, sem exceção.



Hyana Reis

Olhar literário sobre o cotidiano



Hyana Reis é uma jornalista e escritora, natural de Imperatriz (MA). Comunicóloga formada pela UFMA e, atualmente, trabalha com assessoria de comunicação. Escritora, lançou seu primeiro livro em 2014, intitulado *Vidas em Pauta*. Em 2016, participou como uma das autoras da coletânea *Crônicas e contos da cidade*, publica-

da pela Ética Editora. Seu primeiro livro solo, *Entre Relicários*, foi lançado em 2019. Em 2022, lançou sua mais nova obra, *Amores em tempos de @*, que foi um dos livros contemplados com o prêmio literário da Academia Imperatrizense de Letras, agraciado com o segundo lugar neste certame. É ainda idealizadora e roteirista do documentário “Atenção para este aviso”, premiado pela Lei Aldir Blanc e exibido em 2020. Hyana Reis também é colunista do *site* Região Tocantina.

TROCA-TROCA

Dá uma olhada nas geladeiras de segunda mão. Encontra uma que algum dia já foi branca. Alguns enferrujados, a luz não acende, mas funciona.

– Chegaram esses dias. Tão quase novinhas, moço! – diz o atendente de trás do balcão.

Na rua o movimento de pessoas, carros, comerciantes, bicicletas, todos misturados em um caos organizado. Parece um dos cenários de um filme da Índia.

Ao fundo a dona de casa pergunta quanto está o preço do tomate. Ao lado jovens olham uma lojinha que vende discos. Examinam o LP do Belchior, um clássico. Mais na frente a idosa pede para o senhor da garrafada um remédio para curar seu netinho, que está com quebrante. Enquanto a moça olha roupas antigas no brechó. É fácil se distrair com o tanto que há pra ver no Mercadinho de Imperatriz.

– Então moço, vai querer? – pergunta o homem da bancada. A atenção se volta para o negócio, afinal é preciso estar muito atento ao ir ao Troca-Troca.

– Eu vou ficar. Quero dar esse celular aqui de entrada. Entrega para o negociante, que olha bem o aparelho, acende a tela e começa a mexer. Olha riscados, quebrados, avalia a rapidez do sistema, como um verdadeiro perito.

– Dá pra ficar de 40% de entrada – é o veredicto. Pensa na esposa que espera em casa pela geladeira “nova”, já que a antiga queimou durante uma queda de energia. “Vai dá pra segurar uns tempos, enquanto compra uma nova”, pensa. Negócio feito. Mais na frente chama o carroceiro. Com ajuda coloca a geladeira de segunda mão na carroça, pronta para ir para casa. Enquanto se afasta do troca-troca, escuta ainda outro cliente chegar e perguntar:

– Me dá quanto nessa bicicleta moço?

DOMINGO NA FEIRA

04:00 – Na cama a esposa ainda dorme o sono profundo ao lado do marido. Mas o barraqueiro já está de pé a essa hora. Arruma as mercadorias. Coisa boa pra este domingo. Toca um café rápido e parte rumo ao Bom Sucesso.

05:00 – O casal ainda dorme. Mas o barraqueiro já chegou à feira. Barraca montada. Começa a espalhar as mercadorias. O sol nasce aos poucos no horizonte.

06:00 – O despertador toca alto. A esposa levanta, e chama o marido que ainda reclama mais cinco minutos de sono. É hora de escovar os dentes, tomar um banho e passar o café. Enquanto isso começa o movimento nas apertadas ruas do Bom Sucesso, que estão repletas de barracas, mercadorias, frutas, verduras e os mais diversos tipos de produtos: sapatos, lingerie, dvds piratas, a diversidade é surpreendente. O barraqueiro já recebe seus primeiros clientes.

07:00 – Café tomado. O casal pega a bolsa e parte para a feira. O melhor horário para conseguir comprar verdura, legumes e frutas ainda frescas para o almoço de domingo. Nas ruas, já apertadas de gente, uma negociação. O barra-

queiro vende para o casal que pede um desconto, afinal estamos em crise. Para não perder o cliente o barraqueiro atende.

09:00 – O casal chega em casa com a sacola repleta da feira do Bom Sucesso. Enquanto isso o barraqueiro luta contra o sol pra vender suas mercadorias.

11:00 – Hora de fazer o almoço. A esposa escolhe as mercadorias para preparar a refeição da família. Enquanto isso o barraqueiro começa a xepa: a venda das últimas mercadorias para os compradores atrasados, ou que até preferem chegar mais tarde pra encontrar a promoção de fim de feira.

12:00 – A família senta para o almoço, o marido elogia a comida da esposa. É nessa hora que o barraqueiro junta o que sobrou e conta o dinheiro conquistado em horas no sol que brilha com tanto gosto numa manhã de domingo no Bom Sucesso.

A RUA 15

Os blocos no chão, as árvores que cortam o meio da avenida e as construções antigas que datam da época em que Imperatriz ainda era uma vila. A Rua 15 de Novembro é inconfundível.

Descendo a rua uma senhora, com seu 60 anos e o terço na mão, vai ao encontro da padroeira da cidade: Santa Tereza D' Ávila. Entra na mais antiga igreja de Imperatriz. A missa está começando, com os fiéis que se espremem nos bancos para ver o bispo celebrando o corpo e sangue de Cristo.

Ali ao lado um grupo de amigos bebe cerveja no boteco. O som do pagode tomando conta do ambiente. Quem passa pelo quarteirão ouve o batuque do pandeiro e as vozes que cantam amém.

Não muito longe dali é o reggae quem comanda. Um barzinho alternativo com cara de casa reúne jovens, adultos e velhos ao som de Bob Marley. Nem parece que bem em frente é o sertanejo quem dita a dança, numa balada-boate. Mas na 15 o rock também é protagonista. Os solos de guitarra são ouvidos de longe do prédio que lança à rua o som de Queen, Gun's and Roses, Pink Floyd e tanto outros ícones.

Um quarteirão depois o cenário é totalmente diferente. Um mercado com feirantes exibindo suas frutas, verduras, legumes e até um café da manhã típico de Imperatriz. O local é ponto certo pra quem saiu da noite boêmia tão bem oferecida na Rua 15. Mas nem só de boêmia vive a avenida mais antiga da cidade.

Em seus calçamentos também andam os apreciadores de livros, que vistam a Biblioteca Municipal já no fim da rua, em busca de conhecimento, ou só de uma aventura proporcionada pelas páginas já amareladas dos livros oferecidos ali.

Nos bancos e das praças os namorados trocam carinhos. Nas lanchonetes, padarias e restaurantes as famílias se reúnem. Nas portas todas admiram o movimento. Na 15 cabe todo mundo. Cabe Imperatriz inteira em uma só avenida.



Liduína Tavares

Poesia movida a razão e sentimento



Liduína Francisca Tavares de Sousa Lima nasceu em Coroatá – MA e reside em Bacabal-MA. É graduada em Pedagogia pelo CESB/UEMA, Especialista em Fé e Política pela PUC/RJ. É engajada em movimentos sociais e políticos. Integrou os primeiros grupos do teatro amador bacabalense, estrelando diversas peças e dirigindo duas pela

Companhia Teatral ARTBAC; como artista usou opseudônimo Frêncys Lídia.

Foi eleita vereadora para a legislatura 2009/2012. Professora de carreira, ocupou vários cargos no serviço público. É membra fundadora e atual presidenta da Academia Bacabalense de Letras (ABL), biênio 2022/2023, ocupante da cadeira nº 11, patroneada por frei Solano Kühn, para a qual se inscreveu com *Achados*, obra em brochura encadernada que revela sua ideologia e estilo voltados aos questionamentos da vida, do homem como ser humano, da identidade de gêneros, da mulher, obra que trazia o cordel “Lula trabalhador: metalúrgico e gente”. É coautora nas duas coletâneas impressas e na coletânea digital da ABL e na *Antologia Outubro Poético II*.

Atualmente, aposentada, dedica-se à família e às letras. Defensora dos direitos humanos, crava as frases: “Arbitrariedade não é justiça” e “Abuso de poder não é lei”. Publica trabalhos literários no seu blog: www.profaliduinatavares.blogspot.com.

CONFABULANDO

Eu caibo no abraço
E nos teus braços eu me completo
Dia e noite me enlaço no laço
Das nossas vidas de agora
E as vividas em outras gerações
Eu me grudo no beijo quente
E nos teus desejos eu me encaixo
Corpo a corpo no teu colo
E eu me espalho sôfrega
Enrosco o meu ser em transe
E preenchida de ti, acordo
Estou contida em mim.

SUSSURROS

Suspira o meu peito
Sentindo falta de ti
Zombam de mim os bêbedos
Por que sofrer tanto assim
Respondam é a dor da saudade
Sussurrando aos meus ouvidos
Dói-me tanto, não sei quanto
Dói-me muito
Dói-me mais

NO PRESENTE

TOCO a tua imaginação inadivertida
sempre porque me
TOCAS a sensibilidade
quando em mim a tua mão
TOCA desavisada ou intencional.
TOCAMOS a sorte do momento
agora e sempre que libidinoso me
TOCAIS o corpo estremece,
procura o teu corpo e ambos se
TOCAM, trocam-se,
ardentes se locupletam.

LAPSOS

Eu não irei para lá.
Não, ele também não está mais lá.
Quantos Flavios acenam
a sua tirinha de papel e não são correspondidos!
A lei diz que é preciso fechar...
Não interromper os laços,
Eles humanizam a esquizofrenia.
No caminho que percorro, sempre correndo
Não tem Nilze da Silveira.
A solitária ainda está ocupada, olho pra fora
A natureza plural me chama
De louca.
Não há loucura,
Em mim há utopia: coisa de artista,
De poeta,
Coisa de louco
Eu compro pés de galinhas,
Espero na fila o osso do dia.
Estou alienado, não estou louco,
Convivo com eles do lado de fora.
A solitária ainda está ocupada,
O espaço está fechado,
Os loucos trocaram a farda pelo paletó
Estão nos gabinetes

Não tomam ansiolíticos
Perdem o sono por outros motivos
Foi fechado mais um,
O que faço agora?
Ela insiste infecciosamente em mim.
Trasmissível se te permitires.
A loucura nossa diária
Pode esvaziar a solitária.
Eu tenho certeza, eu não sou louca.

BIO-ÉTICA

No bicho em que se transformou o homem
Ficou seu nome
Irracional, pessoal.
Ora caça, caçado, indócil,
Ora caçador, brutal, ilegal,
Inconstitucional.
Da caça que se faz o homem
Que desgraça!
Inepto, falta-lhe raça,
Coragem de transformar-se,
Se caçado, coitado!
Pobre homem transformado.
Se caçador, desumano, delituoso... então
Abaixo a caça de homens, de animais
Racionais, rivais, ativos, homens
Irracionais animais.
E salve-se, resgatando-se social.
E viva! A caça da graça do homem,
Do riso do amigo, do ombro do irmão,
Do homem humano.
E salve-se, renovando ideias saudáveis,
Criando meios,
Salvando a Natureza!

NATIMORTO

Eis que foste concebido
no seio materno não tiveste abrigo
ao sol e à chuva te expuseste
como teto tens a terra fria
que te recebe e te acolhe
obra-prima
matéria mórbida
sujeito da efemeridade da vida
fruto de um projeto
da prostituição.



Linda Barros
O saber e o sabor das palavras



Linda Barros é graduada em Letras (Português-Espanhol) pela UFMA, pós-graduada em Língua Portuguesa (Fama), em Dança Educacional e em Artes Cênicas (Censupeg-SC). É escritora cronista, contista, poeta, atriz. Faz parte do Grupo Teatro Improvado, onde já atuou em vários espetáculos, entre eles *Verão no Aquário*, *O*

Mulato, Alice no País das Maravilhas, A Criação do Mundo, Morte e Vida Severina. No cinema, tem participação nos curta-metragens *Branca...* , *Um Pouco antes das cinco* e participação especial nos longas *Muleque té Doido 3 – mais doido ainda* e *Muleque té Doido 4 – Morreu Maria Preá.*

É professora da Rede Estadual e de Ensino Superior na Faculdade do Maranhão – FACAM, nos cursos de Letras, Pedagogia e Turismo. É coautora de *Maranhão na Ponta da Língua* e autora do livro de poemas *Palavras ao Vento* e do livro *Meu Ser Espelhado em Mim*, recém-lançado. É cronista do Portal Facetubes, da Academia Poética Brasileira; colaboradora do Jornal do Maranhão (jornal da Arquidiocese de São Luís) e do site Região Tocantina. Faz parte da AJEB-MA (Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil) e da Sociedade de Cultura Latina. É membro da Academia Poética Brasileira, onde ocupa a cadeira de número 99, que tem como patrono o teatrólogo Charles Melo, ocupando também o cargo de Secretária Nacional da referida Academia.

OS VÁRIOS TONS DAS PALAVRAS

Já pararam para pensar que as palavras têm cores? Têm cores, têm vida e têm sabores? A palavra “tamarindo”, como seu cérebro se manifesta quando você a ouve? Manga verde, o que vem em sua mente? É automático, nossa boca se enche de água. Afinal, quem nunca passou por esse processo? Então começa aqui um passeio cultura pelas palavras, sejam elas bem recentes ou mais antigas. As palavras conversam com você, sem nem mesmo a gente perceber. E o que nós escritores fazemos com as palavras? Todos devem estar pensando “damos vida a elas”. A respeito disso, observem essa quintilha do jornalista, poeta e Presidente da Academia Poética Brasileira, Mhario Lincoln:

A palavra lava
liberta e consome
a prosa, a lírica, a lida
de todo e qualquer poeta,
no estribilho do ir
e vir da vida!

Didática e metodologicamente, quem trabalha com crianças sabe bem o que é esse processo de ir e vir das palavras, principalmente quando se está conversando com os pequeninos; nesse mo-

mento, temos a tendência de “florear” as palavras para que eles entendam a mensagem, já que os mesmos têm um cérebro ainda em desenvolvimento, então para que esses pimpolhos possam compreender o contexto, faz-se necessário “brincar” com as palavras. A título disso temos a cantiga popular abaixo:

Borboletinha
Ta na cozinha
Fazendo chocolate
Para a madrinha
Poti Poti
Perna de pau
Olho de vidro
E nariz de pica-pau

As palavras nos saltam a olhos vistos. Elas falam, cantam, se manifestam, mas também silenciam, principalmente quando não temos nada a dizer. As palavras têm forma, tamanho e sentimentos, como podemos observar no refrão da canção “Palavras ao Vento”, da inesquecível Cássia Eller:

Palavras apenas
Palavras pequenas
Palavras momentos
Palavras, palavras
Palavras, palavras

Na essência, as palavras percorrem todos os lugares, levando uma mensagem de alento a quem quer ouvir, com isso, as palavras em sua soberba, ditam as regras, quer você goste ou não. Na obra “50 Tons de Palavras”, do Imortal da Academia Poética Brasileira, João Batista do Lago, é possível fazer um longo passeio pelos vários “tons” que as palavras carregam entre si. O jornalista, poeta, ator e teatrólogo nos impressiona com a forma simples com que traz as palavras para demonstrar os mais diferentes sentimentos que elas possam nos causar. Como no poema PALAVRA:

Coisa estranha este fenômeno: Palavra!

Nela tudo se decompõe

Numa razão assimétrica

Incoerente e disfuncional

Para no ato seguinte

Ser toda ela funcional

De toda metafísica que se impõe

Não conheço qualquer ser

Que dela não dependa

Nada se lhe escapa

– seja na vida;

Seja na morte –

Tudo dela depende:

Paz e guerra

Homem e mulher

Criança e adulto
Fome e fartura
Miséria e riqueza
Leis e anomia
Patrão e empregado
Céu e terra
Deus e diabo...

Como foi possível observar no poema acima, as palavras passeiam por todo o universo: da Terra ao Céu, do Divino ao Profano, do mais simples ao mais complexo da vida. Ainda num verso do mesmo poema, o autor de “Eu pescador de Ilusões”, brinca e desdenha da mesma, Palavra! Ó tu, meiga e doce palavra!

Rude e azeda como o fel da ponta da lança
Voraz, caidicha, decrepita e senil
Bela, ativa, nobre e digna
Arrogante, soberba e presunçosa

Sou-teomaishumildeescravonaforestadodiscurso
É certo que nossa língua é pulsante, dinâmica e que com o passar dos anos algumas palavras “trocaram de roupa”, deixando transparecer que o tempo é seu maior algoz. Em um artigo do escritor e engenheiro Sanatiel Pereira, publicado há alguns anos no jornal O Estado do Maranhão, intitulado “De palavras que não se usam mais”,

o membro da Academia Ludovicense de Letras e da SOBRAMES (Sociedade Brasileira de Médicos e Escritores), diz que “Muitas palavras desapareceram e vão continuar desaparecendo por forças internas e externas à sociedade, que se contorce diante do andar do tempo e das mudanças em construção”.

A respeito disso, Sanatiel nos dá alguns exemplos, “Quando alguém quer lhe fazer pressão, ele considera que o outro quer apurrinhar. Apurrinhão é uma palavra perdida no tempo presente”.

“As mulheres usavam corpetes e hoje usam sutiãs”. “Antigamente, dava-se um arrocho no broto, hoje damos um amasso na piriguete”.

Por fim, as palavras em sua essência mais profunda não se deixam abater, afinal, todas elas são essenciais, nos mais diversos textos e contextos. Mas não se deixe enganar, elas nem sempre são o que parecem ser ou querem dizer.



Lindevania Martins

Palavra, arte e compromisso social



Lindevania Martins é maranhense e mora em São Luís. Graduada em Direito e Mestra em Cultura e Sociedade pela UFMA, é mestranda em Direito Constitucional pela UFF. Delegada de polícia entre 1998 e 2001, é defensora pública de Defesa da Mulher e População LGBT.

Atua como escritora, palestrante e pesquisadora em Gênero, Tecnologia, Direito e Literatura. Integra o Grupo de Pesquisa em Crítica Jurídica Contemporânea (UFF). É membro do coletivo literário feminista Mulherio das Letras. Venceu por duas vezes o Concurso Literário e Artístico Cidade de São Luís, categoria contos (2003 e 2005). Menção honrosa no Concurso Nacional de Contos da OAB Nacional (2006). Selecionada para publicação em Concurso de Originais da Editora Benfazeja (2017). Finalista no 1º Concurso Nacional de Contos Ciclo Contínuo (2017). Venceu o 6º. Prêmio CEPE de Literatura (2021). Autora dos livros *Anônimos* (2003), *Zona de Desconforto* (2018), *Longe de Mim* (2019), *Fora dos Trilhos* (2019), *A Moça da Limpeza* (2021) e *Teresa Decide Falar* (2022).

COLHEITA

O garoto levantou o braço, apontando o revólver de novo para Josefa, que perguntou:

— Vai ser agora?

Ele permaneceu mudo. Era uma lágrima caindo dos olhos avermelhados? Era quase um menino. Teria quatorze, quinze, dezesseis anos? Ela reclamou:

— Vai demorar?

Ele subiu o outro braço até a cabeça, afastando a franja que caía na fronte. Abriu a boca e fungou:

— Não tenho pressa.

Uns quatro metros de canteiros intercalados entre tomate e manjerição o separavam dela. A essa distância, ele não erraria.

— Meu pai diz que a gente tem que colher com os dentes para comer com a gengiva.

— Alguns nunca conseguem colher – Josefa replicou.

— Não é o seu caso.

Ao lado dela, no chão, o cesto de palha com os tomates recém colhidos. O revólver metálico, um calibre 38 muito lustroso, tremia na mão do garoto.

— Conto até cinco e você sai correndo. Talvez eu atire, talvez não.

— Não consigo correr. Meus joelhos são ruins. É o reumatismo. Por isso me achou tão fácil.

Silêncio. Eles se mediam. Josefa, muito menor e muito mais velha que o garoto, rugas na testa, cabelos grisalhos em desalinho, vincos ao redor dos lábios, vestido simples de algodão. Ele, magro e alto, o rosto com marcas de espinhas, aparelho nos dentes, calça jeans e camisa xadrez. Os olhos claros lembravam o pai. Abaixou a arma mais uma vez.

— Não pode correr? Você dificulta as coisas. O que tinha que vir até a nossa fazenda? Não sabia que podia encontrar um de nós?

— Você sabe. É a fome. Teu pai nos impediu de plantar em nossas terras quando desviou o curso do rio.

Os vegetais mais altos se vergavam sob o efeito do vento. Ela falou de novo:

— Escuta, garoto. Vou me virar e vou embora. Vou devagar, está bem? Ninguém precisa saber que estive aqui.

— Meu pai vai saber. Ele sabe de tudo. E vai perguntar porque não fiz nada se eu deixar você ir.

Josefa balançou a cabeça:

— Vim porque não tive outra opção. Não gosto de fazer o que fiz.

— Está roubando de nós.

— E o que você pretende fazer não é muito pior?

Ele bufou de raiva:

— É dura a vida aqui.

— E a nossa vida não é mais dura ainda?

— Temos que zelar pelo que é nosso. Meu pai sempre diz. Vocês destroem tudo que construímos.

— E vocês nem nos deixam construir.

Mais silêncio. Ele suava e os cabelos grudavam na testa.

— Nada do que eu diga te fará mudar de ideia, não é, garoto?

— Não.

— Então por que ainda conversamos?

— Porque eu quero. Porque estou em vantagem. Porque sou eu que tenho a arma na mão. Josefa abaixou o corpo devagar, na direção do cesto:

— Posso comer um tomate enquanto espero? Ele hesitou, parecendo surpreso. Depois respondeu:

— Pode.

Ela pegou um tomate bem vermelho, limpou na barra do vestido e mordeu:

— Às vezes, resolvemos grandes problemas de forma simples.

— Este não tem uma solução simples.

— Você não tem nenhuma obrigação de ser igual ao seu pai – cuspiu um pedaço ruim do tomate.

— Sou filho único. Vou herdar tudo que é do meu pai.

— Não precisa herdar o ódio também.

— Por que não está com medo?

— Quem disse que não estou?

— Acha que não terei coragem?

— De desafiar seu pai?

— Coragem de te matar.

Ela jogou o tomate mordido no chão:

— Você é quase um menino. Acha que consegue me matar e viver bem com isso?

— Você já está velha. Não vai durar muito.

— Veja! Esse é um caminho sem volta. Vai te mudar para sempre.

— E quem é você para querer me ensinar alguma coisa?

— O que você ganha se atirar em mim compensa o que você perde?

— No fim, todos morrem.

— Mas não se vão do mesmo jeito. Meu primeiro filho morreu aos cinco meses. Desnutrição. Minha mãe morreu quando eu nasci, aos quinze anos. Um parto sem qualquer assistência médica.

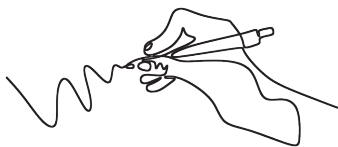
Josefa interrompeu a fala quando ouviu o clique. Ele armara o cão do revólver. Seria agora? O

garoto ergueu a arma com a mão vacilante, fazendo pontaria. Ela achou que não iria tremer, mas sentiu o sangue acelerar em suas veias, enquanto suas pernas oscilavam. Ele atirou três vezes. Mirou no solo. Ficaram três marcas no chão, as cascas das balas caídas pelos canteiros. Então, ela ouviu a voz adolescente, em meio ao cheiro de pólvora:

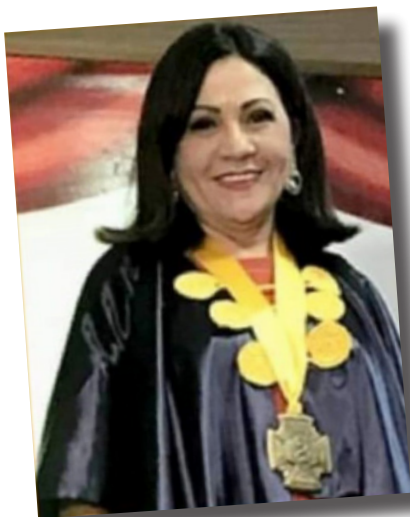
— Minha mãe também morreu de parto.

Vou dizer a meu pai que atirei, mas você correu.

Josefa pegou o cesto e saiu caminhando em passos lentos, arrastando a perna esquerda. Observando sua figura se afastar, o garoto ergueu o revólver novamente e testou a mira. Percebeu que eram os olhos da mulher que o enfraqueciam. Com ela de costas, suas mãos eram firmes, sua coluna estável, sua respiração ritmada. Disparou um tiro certo. Viu quando os joelhos reumáticos se dobraram em direção ao solo e os tomates maduros escorreram do cesto pelos canteiros de manjerição. O corpo caiu e se encolheu como o de uma barata que acaba de ser abatida. O garoto se aproximou. Notou que os olhos dela estavam fechados e que um buraco vermelho passara a lhe enfeitar as costas do vestido. Descarregou as duas balas restantes. O pai teria do que se orgulhar.



Neves Azevedo
A poesia com olhar social



Maria das Neves Oliveira e Silva Azevedo nasceu em Pedreiras-MA, reside atualmente em São Luís-MA.

Licenciada em Letras – Português e Literaturas e Bacharel em Secretariado Executivo, ambos pela Faculdade Atenas Maranhense – FAMA. Es-

pecialista em Gestão da Educação pela Faculdade Einstein, Salvador-BA; Especialista em Docência do Ensino Superior e Especialista em Educação a Distância. Professora, escritora, poeta e Coach. Autora do livro: *Retrospectiva Poética – Histórias em Versos*. Tem participação nos Livros publicados: *Tábua de Papel: estudos de Literatura Maranhense*; *Secretariado: mitos, falácias e Verdades*; *Secretariar é uma Arte: estudos reunidos*; *Mil Poemas para Gonçalves Dias* e várias Antologias. Homenageada com o troféu “Carcará”, no Projeto Histórico e Cultural da FIEMA, pela poesia “João Pedreiras do Vale”. Recebeu do Instituto Histórico Geográfico do Maranhão a Comenda Gonçalves Dias, em 2013. Imortal na Academia Pedreirense de Letras; na Academia Ateniense de Letras e Artes. Membro da Associação Maranhense dos Escritores Independentes – AMEI. A Primeira mulher sócia correspondente da ALMECE – Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará.

UM JARDIM CHAMADO MULHER

Como uma flor que desabrocha
Tem beleza, tem espinhos
Não importa a sua cor
Ela escolhe um caminho
Caminho que tem...
Homens mesquinhos,
Que as fazem sofrer
Um verdadeiro desatino,
Com diálogo e amor
Traz-se a paz, ao ninho
Ninho traquino,
Vire homem seu menino
E escute esse clamor
Não toque nela Senhor,
Pois na mulher, não se bate
Nem com uma flor.
Não toque nela, senhor.
Pois causa muita dor.
Quando houver respeito!
A Joana de cor
A Helena da rua...
A Maria da dor
A Amélia ferida
Não haverá tanta dor.
Quando houver diálogo!

A Margarida do bar,
A Zélia do Café,
A Beatriz do Metrô,
A Luciana da fé,
Não haverá tanta dor.
Quando houver confiança
Na Marta da dança
Na Odete do São João
Na Vânia que é amor,
Na Livia do mercadão,
Não haverá tanta dor.

O JOÃO QUE A ESCOLA NÃO QUIS

Lembrar de João do Vale,
É lembrar da lua cheia...
Das noites de cantoria,
A poesia, com certeza.
Quando pegava a viola,
João fazia um repente...
Nascia uma nova canção,
Para alegrar muita gente.
Era “Estrela Miúda”
O “Forró do Beliscão”
Era “Peba na Pimenta”,
Tudo era emoção.
Pegava o trem em Teresina,
Para São Luís do Maranhão.
Só para namorar,
As Morenas do Grotão.
Mas nem tudo foram risos,
Neste mundo “Carcará”
João estava na escola,
Mas não pôde estudar,
Sua vaga foi cedida
Para o coletor de lá.
Homem muito importante,
Que acabava de chegar.
Branco, rico e doutor,
Quem iria contestar?
Em favor do João Ninguém

Negro, pobre e matuto,
Que sonhava estudar.
Saindo daquela escola
João uma promessa fez,
Um dia, artista eu serei.
Compôs uma canção
Da sua história falou
Com um sorriso bem largo,
Assim, ele cantou:
“Vige, como eu tinha inveja,
De ver o Zezinho contar,
O professor ralhou comigo,
Porque eu não quis estudar”.
Hoje na nossa memória.
Temos o João do Vale,
Cantor e compositor,
Cheio de marcas da vida,
Que nunca se intimidou...
Do povo, da sua vida sutil,
Poeta como você, João
Em Pedreiras, nunca se viu!
O Homem do Século.
João Batista do Vale,
Que tanto sucesso fez,
Não se entregou ao destino,
De não ter um professor.
Recebeu vários prêmios,
Com o seu “Carcará”
E seu “Pisa na Fulô”.

MÃE TERRA PEDE SOCORRO

O sol parecia querer tocar nas águas!
E eu na magia do momento,
Vagava com meus pensamentos...
Pensando em você, mãe terra,
Queria parar o tempo!
Ainda temos tempo?!
Pisando na areia,
Vi a maldade do homem
Contra a natureza,
Garrafas, plásticos... lixos,
Então, eu tive certeza,
Caminhamos para o fim
Do mundo, da natureza.
A mãe terra vai aguentar
Tanta destruição?
Vai não... ela clama por socorro!
Seu grito ecoa nos mares
E os homens continuam surdos
Ouvi-la?! Não, não querem não.
Perdão, mãe terra,
Pelo lixo, pelas guerras
Pela dor, pelo eclipse...
Destruindo nossas florestas,
Que futuro nos espera?!
Eu sei... o apocalipse.



Eliete Barbosa

Literatura em frases que marca



Maria Eliete Barbosa Silva é natural de Ipubi-Pernambuco, filha de José Emanuel da Silva e Damiana Ferreira Barbosa Silva. Mora em João Lisboa - MA.

É graduanda no curso de Pedagogia pela Fapegma e estudante do curso de Libras. Escri-

tora de frases poéticas e palestrante. Ela ainda não tem livro publicado, mas alimenta o desejo de, em breve, poder ter a sua obra. Por enquanto, Eliete divide sua arte com os seus seguidores do Facebook. Dentro da literatura, sua grande inspiração é Carolina Maria de Jesus, a escritora mineira que criou uma obra forte, a partir das suas experiências dolorosas de vida, publicadas no livro *Quarto de Despejo*.

FRASES LITERÁRIAS

O amor, quando menos se espera, acontece, é um sentimento que muitas vezes não se quer sentir, é nesse momento que nos sentimos presos, não há como fugir, mas de alguma forma é necessário, pois nem sempre esse sentimento é recíproco, por isso o melhor a ser feito é deixar que o tempo e a distância apaguem aquilo que, ao germinar, teve que morrer.

Somos exatamente aquilo que queremos ser, são as nossas atitudes e desejos que definem a concretização dos nossos objetivos; por isso, quando algo não sair da forma que imaginava, não desista. Continue tentando! Saiba que a vitória é somente para quem acredita, para aqueles que não se deixam abater diante dos desafios; para aqueles que, mesmo sem muita força, não desistem de lutar; para aqueles que, mesmo diante dos maiores obstáculos, sempre enxergam um atalho pelo qual possam continuar o seu trajeto.

Um dia a gente entende que os problemas, as lutas, as decepções, os erros e acertos já não têm tanta importância; entendemos que o mais importante é a força que temos, a coragem e a alegria de viver; que essas pequenas coisas foram somente detalhes que nos impulsionaram a tri-

lhar nosso caminho e que, mesmo com todas as reviravoltas, jamais desistimos daquilo que queríamos, porque a nossa felicidade não está atrelada a problemas, valores ou pessoas, ela está enraizada em nosso ser, na nossa mente, no nosso modo de viver e agir. Ela mora dentro de nós e não depende de circunstância ou de pessoas para fluir, só depende de você.

Sempre quero ser otimista, chega de dúvida, insegurança não nos leva a lugar algum, é necessário confiar, acreditar que tudo dará certo e seguir em frente, tendo sempre certeza de que vale a pena lutar por tudo que acredito. Desistir no meio do caminho não é meu lema, gosto de insistir, de desafios, de lutar e vencer, mesmo que para isso tenha que abrir mão de algumas coisas que me satisfazem; para mim não tem importância, porque sei que a satisfação de um momento é passageira, porém aquilo que almejo vai muito além.

Ter Deus é ter orgulho de si mesma, é saber que podes vencer, porque já enfrentaste lutas e desafios que pareciam intransponíveis e hoje sabes a força que tens; sabes que não existe impossível quando se tem determinação e fé. Com isso, segue firme o teu caminho, sabendo que, por mais difíceis e tenebrosas que sejam as circuns-

tâncias, sempre existe um atalho que podes seguir, e nesse trajeto jamais estarás sozinha, pois tens um grande orientador, um guia perfeito que nunca erra, e que a cada instante te instiga a dar mais um passo e te leva até o fim.

A compreensão, o perdão e o amor próprio nos fazem vibrar no bom humor, na paz e na autoestima, por isso se admire por tudo que já passou e continue firme em paz e cheia de vida. Se admire por saber que você é única e que mais ninguém tem sua essência. Se admire por se achar linda e cheia de amor que transborda. Se admire por transmitir para os outros o amor que flui de dentro de você. Se admire pelo fato de ser amada e de ter amor para dar.

Um dia, pegaram um lindo pássaro e o colocaram em uma gaiola bem pequena, ele tentava andar mas não conseguia, suas pernas estavam ficando sem muita mobilidade. Certo dia, abriram acidentalmente a gaiola e o pássaro descobriu que sabia voar. Amizade verdadeira é como um bálsamo, no momento de dor traz alívio, na tristeza transmite alegria e em meio à tempestade sabe acalmar.

Palavras lindas que consolam o coração. Palavras que libertam, que curam, que animam. Palavras que rimam iluminando a vida, o caminho,

trazendo luz na escuridão, quando elas chegam portas se abrem, sorrisos se mostram, coração se alegra, a mente se transforma em flor quando se abre, deixando que o perfume contagie ao redor. As palavras têm um poder enorme, podem curar, trazer vida, realizar sonhos. As palavras podem edificar, porém tenha bastante cuidado com as palavras! Elas também podem MATAR.



Maria Helena Ventura
Literatura que reflete sobre a vida



Maria Helena Ventura Oliveira é natural de Salvador-BA. Casada com o médico Evilásio Oliveira, é mãe de Rodrigo, Érica e Gustavo, engenheiro, educadora e médico respectivamente, e ainda o Rafael, filho pelo coração, e 5 netos. Chegou em Imperatriz-MA em 31/12/1972. Como assistente social da Secretaria Estadual de Saúde, gal-

gou o cargo de Diretora Regional de Saúde da Região Tocantina. Fundou cinco obras assistenciais na cidade, todas ainda em pleno funcionamento. Na década de 90, iniciou um programa televisivo de 60 minutos intitulado “Novo Tempo”, na TV Capital (Record) e um radiofônico, “A Vida Além da Vida”, na extinta Rádio Imperatriz. Realiza palestras para alunos em escolas de ensino médio e em empresas, para funcionários, sobre temas relacionados a autoajuda. Semanalmente, escrevia páginas literárias no jornal *O Progresso*, bem como no *Jornal Capital* (já extinto), este em coluna intitulada “O Consolador”. Publicou o livro *A Comunidade Pesqueira de Plataforma*. Em vias de publicação, uma seleção de Crônicas e Ensaios – seu estilo preferido. É membro da AIL – Academia Imperatrizense de Letras, onde ocupa a Cadeira nº 24. Foi agraciada pela Prefeitura Municipal de Imperatriz com o título de “Cidadã Imperatrizense” e com a “Comenda Frei Manoel Procópio”.

QUADROS DO COTIDIANO

A reunião havia terminado exatamente às 20 horas. Bocejei quase sem me dar conta do ato. Olhei a pracinha. As flores, antes tão viçosas, jaziam no pequeno jardim amarrotadas, sem viço. Havia sido grande o estrago dos pedreiros e seus auxiliares, no vai e vem da construção para reformar o pequeno prédio que sediava um trabalho filantrópico de grande significado para uma população em situação de vulnerabilidade social. Ah! Como as coisas estavam difíceis – pensei. Dinheiro apertado, todo o mundo com a “maquinha de calcular” fazendo contas. Era no supermercado, nas lojas comerciais, tudo ali, contadinho. Mas os recursos que finalizarão a obra irão aparecer, sim, – concluí. Eles aparecerão. Tem sido sempre assim ante qualquer dos nossos empreendimentos. Espraiei o olhar novamente pelo jardim, estava tudo tão claro como se fosse dia e, instintivamente, olhei para o céu. Dei-me conta de que era a lua cheia. Lá estava ela indiferente às agruras dos filhos de Deus. Olhei-a novamente. Uma coisa não se pode negar: a lua cheia tem um quê de majestade e muito magnetismo que nos contagia. Era melhor apressar-me. O corpo pedia um sono reparador. Amanhã será um novo dia – pensei com meus botões. De repente, aquela figurinha frágil de mu-

lher, bem ali, na minha frente. Estava encolhidi-nha em um dos bancos do Jardim, Luzia!... Chamei-a num misto de surpresa e preocupação. Que faz você aí? – perguntei. Ela respondeu-me quase num sussurro: estou esperando sua carona. Por um momento quedei-me a olhá-la, hoje nos seus quase 40 anos, conservando, porém, a silhueta esbelta que sempre ostentou. Num lance, meu pensamento visualizou aquela adolescente de outrora, classe média alta, seu pai um comerciante próspero. Gente boa, homem direito – diziam todos. Morreu faz muitos anos. Quanta falta fez... Quase nada sobrou dos recursos que possuía. Vamos! – disse-lhe eu, repentinamente. Conversaremos no caminho.

Já no carro perguntei-lhe de supetão: você está bem? Ela me olhou tristemente, meneou a cabeça e disse de maneira lacônica: Carlos pediu nossa separação. O Carlos? – Perguntei algo perplexa. Por qual motivo? Ciúmes – respondeu-me completamente desenergizada. E continuou: botou na cabeça que eu o estou traindo. Meses atrás teve uma crise semelhante. Desempregado, como você sabe, almoça, dorme, levanta, torna a sair. Para ajudá-lo dispensei a empregada. Arrumo a casa, lavo roupa, preparo as refeições. Minha mãe nos auxilia com os recursos de sua aposentadoria. Ontem quando ele

retornou de uma visita a parente próximo, seu olhar estava como se não fosse ele. Logo ao entrar fez-me perguntas as mais descabidas: “Por que esta cadeira está fora do lugar?” “Por- que esta porta dos fundos ainda não foi trancada?” O que está acontecendo, Carlos? Estou lhe desconhecendo! Aonde você quer chegar? Perguntei-lhe muito serena.

Ele parecia aturdido. “Tenho sido um idiota!” – esbravejou o infeliz companheiro, completamente alucinado – “Aliás, não sou tão idiota assim! Embora já há quase um ano não lhe toco, isso não significa que eu não tenha companhias agradáveis na hora que bem quero! Olhe! Está assim de mulheres atrás de mim,” disse-me ele fazendo um gesto com as mãos.

Sem perder a calma tentei argumentar: raciocine, Carlos! Nunca lhe dei motivos para suspeitas infundadas.

Respirei fundo, pedi forças a Deus e disse-lhe suavemente: Venha se alimentar; estava à sua espera. A pancada da porta arremessada violentamente contra a parede do quarto foi a resposta dada, concluiu Luzia.

Seguiu-se um silêncio que não ousei interromper. Ali estava, ao meu lado, dentro do carro

parado na porta da sua casa, a figura de uma nobre mulher. Seus olhos, ao contrário do que se poderia esperar, estavam secos. Uma paz irradiava do seu semblante estoico denotando uma indescritível sensação de dever cumprido.

Olhei o relógio, vinte e três horas e trinta e seis minutos. Meu Deus! – balbuciei assustada.

Entre! – ordenei-lhe resoluta. Fico temerosa do que lhe pode acontecer.

Ela parecia não temer mais nada. Eu, algo entorpecida, nada mais queria ouvir.

Desejei-lhe boa noite – como se isso fosse possível.

Saí rememorando a frase que, na minha adolescência, me encantava: “a vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida” – de Fernando Sabino.

Através do vidro do carro, procurei a lua. Lá estava ela linda e cheia do mistério que tanto inspira os poetas.

Eu sabia que, em casa, alguém me esperava. Um ser que confiava em mim, irrestritamente. Antevia-o, braços estendidos a me dizer carinhoso: “Estava preocupado”.

Vi-me cantando alto dentro do carro, rua quase deserta, uma velha canção de Nelson Gonçalves que dizia a certa altura: “eu bebia, outro pagava e eu partia para o mundo abençoado do meu lar...”.

Senti-me feliz. Imensamente feliz. Mas enormemente envergonhada de ser feliz.



Maria natividade *Poesia com engajamento social*



Maria Natividade Silva Rodrigues (Nati Silva) é natural e residente do município de João Lisboa, historiadora, socióloga, professora da Rede Estadual e Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de História e Sociologia, com ênfase nos seguintes temas: Educação, História e Gênero, Política Pú-

blica e Violência (Mulher, Criança e Adolescente). É membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as; da Comissão de Heteroidentidade da Universidade Federal do Maranhão; Ativista do Movimento Negro (Centro de Cultura Negra – Negro Cosme); do Grupo de Pesquisas-M-FR. É pesquisadora de Violência Intrafamiliar e Doméstica e sobre a vida e obra da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis. Atualmente é presidente da Academia João-lisboense de Letras. Tem três obras publicadas: *Mulheres, Memórias e Afetos* (Editora Estampa, Imperatriz-2022); *Violência Intrafamiliar- O abuso sexual contra crianças e adolescentes* (Dissertação de mestrado, 2017); *Café, Ideia e Poesia* (Autora e organizadora da coletânea, participação de alunos, 2017).

FLOR ABOLIÇÃO

Ela nasceu
No lumiar
Da independência.
E claramente
Seguiu
Os passos da docência.
Maria Firmina
É o nome dela.
Que cantou, poetizou e pintou
Uma aquarela,
Nesse grande Maranhão.
Mulher negra,
Primeira escritora
Afrodescendente,
Independente
Fez de sua escrita
Uma trilha eloquente.
Não à escravidão!
A violência!
Viva a resistência!
Viva abolição!
Aos negros dessa nação.

VIOLÊNCIA

Tem a psicológica, a negligência,
a física e sexual.
É um problema atual,
Que atinge
Classes, gêneros sem distinção.
Os sinais são cotidianos,
Eles vão do carinho à sedução.
Onde crianças e a adolescentes
Ficam sem ação.
E a família cala,
O silêncio por si não delata,
Medonha situação.
Quero chamar a atenção
Das professoras, das mulheres
E de toda a nação.
Vamos lutar, vamos denunciar em mutirão.
Para um dia,
Gritar, viva a união, hoje vencemos
Essa maldição.

O MEU TEMPO

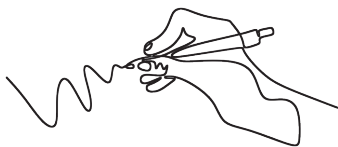
Tenho um só pra mim.
Vou bebendo-o,
Com goles bem pequenos,
Para saciar a sede
De viver plenamente

QUEM ESCREVE

Alguém que aprendeu
A ser linha e tinta.
A linha onde as palavras
Se encontram e
A tinta onde a
Poesia é desenhada
pela alma do leitor/a.

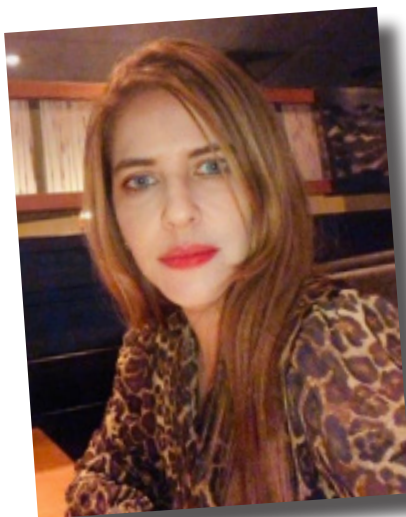
ADOLESCENTE

É árvore crescendo,
Sedenta de aventuras,
Também sujeito às desventuras,
Provador das ilusões,
Da paixão,
Do amor
Da dor de crescer.



Maria Gorezis

Lírica com ecos de mitologia



Marina Nikolaos Gorezis, filha de Mariana Gorezis e Nikolaos Gorezis, uma mineira e um grego. Ambas as nacionalidades e fusões de culturas com as quais Marina conviveu a ajudaram a pontuar seus textos com temáticas ligadas a esses dois universos, logo é comum, ao ler os textos de lírica amorosa de Marina, constatar percep-

ções filosóficas e mitológicas que dialogam muito com o universo grego. Foi aos 17 anos que a autora em construção descobriu-se fã da função poética da linguagem, ainda adolescente começou a escrever para o jornal local – *O progresso*, onde teve uma coluna, chamada – Fatos e Eventos Culturais da Cidade de Imperatriz. Logo após essa experiência Marina cursou Letras na Universidade Estadual do Maranhão e especializou-se em Educação Especial. Hoje é funcionária pública da Semed – Imperatriz e Seduc - Tocantins. Possui três livros em andamento, uma compilação de contos, crônicas e poemas autorais. O primeiro deles se chama *A Cor da Caneta*, com lançamento para breve.

OS GIRASSÓIS

E de repente as cores se fizeram tela.
Saltaram loucamente do imaginário do artista...
E fizeram de uma superfície lisa, pálida,
um cenário de tons e movimentos variados.
De vibração e textura única...
que insistem tanto em invadir
os nossos inconscientes.
Aqueles girassóis não sucumbiram com o tempo.
A cada olhar estão mais giratórios,
desinibidos, convidativos...
Chegamos a estender as nossas mãos,
a fim de colhê-los... numa atitude egoísta...
Porque eles não nos pertencem...
são da humanidade.
Nasceram através de pinceladas curtas, alegres,
repletas de tinta- amarela, intensa, mágica...
Que deram ânima aqueles sóis amarelos.
Girou o sol.
Como giraram os sentimentos
e as emoções de Van Gogh
– O missionário da arte recorrera
ao paradoxo das cores,
para expressar a Vida e a Morte.

CONTA-GOTAS

Respondam-me: onde está o amor?
Em qual tela ele se encontra?
Os mais nobres poemas sussurram o amor a
todo instante. Cores, tons, sabores
e músicas insistem em torná-lo evidente,
mas infelizmente o escondem... sabotam-no...
Talvez, Afrodite consiga fazê-lo emergir do mar,
envolto em algas e inspirações.
Flechado por Eros, ele terá o poder de alcançar o
inalcançável e todos verão
que ele poderá ser “bonzinho”.
Não domem esse deus.
Ele não quer ser domesticado.
Antes façam dele suas filosofias.
Rasguem suas vestes,
retirem suas máscaras de Tespis
e encenem essa força-motriz.
Entendam conceitos, engulam os preconceitos
e adentrem nesse labirinto.
Encontrem a saída, decapitem a inércia
e vivam dessa energia.
É impossível sobreviver
onde a superficialidade impera,
dentro desse universo mítico:
Bela e Fera traduzem a essência do amor.

Há um conta-gotas dentro de cada coração,
ou quiçá uma gota de sangue em cada poema,
ao traduzirmos Drummond,
não importa a cor da caneta:
ser essência continua valendo a pena,
assim como Pessoa dissera:
se a alma não for pequena.
Amar é preciso e navegar
por esses mares é um perigo.
Lanço mão de Fernando Pessoa mais uma vez
e digo: Quem quiser passar além do Bojador,
terá que passar além da dor
– Quanto a mim:
quero viver, sem medo do que virá!

RENDER-SE

Eu me rendo...
rendo-me à noite vazia,
ao sono que não vem...
à doce angústia,
rendo-me à rebeldia...
insulto os ponteiros do relógio,
provoco no tempo a agonia...
rendo-me, ora à taça repleta, ora à taça vazia.
Rendo-me ao instante,
rendo-me ao avesso da melancolia!
Rendo-me ao tudo repleto de um nada,
rendo-me à altivez da soberania!
Rendo-me àqueles braços,
converto “peles” em laços...
E desejos em poesia,
rendo-me ao calor da estação,
e contesto frases frias...



Neusilene carvalho
poesia que cura



Neusilene Carvalho Reis dos Santos tem 43 anos e mora em São Luís do Maranhão. Filha de uma família com ela e mais 3 irmãos, é mãe da Micaele, de 19 anos.

Possui o ensino médio completo realizado no CEJA-Centro de Ensino Jovem e Adultos, em 2008.

Na sua trajetória literária, começou na adolescência, depois de uma depressão. Foi na poesia que ela encontrou forças pra sair e se livrar da doença. Hoje a poesia é sua paixão, sua razão de viver.

Neusilene já possui um livro publicado, que tem como título *Lembranças da minha juventude*. Também participou da obra *Vozes Portuguesas 9*. O livro *Lembranças da juventude* pode ser adquirido em livrarias de São Luís do Maranhão. Seus escritores preferidos são o português Fernando Pessoa e a maranhense Maria Firmina dos Reis.

QUANDO DEUS PROMETE

Ouvir Deus é ouvir o chamado
É saber o momento
É ficar calado
O espaço do silêncio
É um segredo
E a certeza do mal que nunca prevalecerá
Mas tenha certeza da cumplicidade
Que não tem explicação que vive em você
É Jesus o alvo certo
É a fé daquilo que não vemos
Mas sim cremos.

CURURUPU

Terra boa, terra de peixe, terra de fartura
Que todas as pessoas procuram
Para seu sustento tirar
Saudade do tempo
que fui conhecer esta linda terra
Deixei ali pessoas de bom coração
Pessoas de determinação,
vida saudável e feliz
Povo de vontade, que luta e vence
Porque é temente.

MULHER

Mulher tem direito de ser respeitada e não violentada
Mulher é amada,doce e adorável
Mulher se doa, se entrega e se refaz porque é capaz
Mulher tem força
Mulher tem fé
Mulher sempre forte e está de pé
Mulher não se bate nem sequer com uma colher
E deve respeitá-la quando ela disser que não quer
Pois a mulher tem direito de dizer
não em qualquer ocasião.
Tem que se posicionar e questionar
Porque nenhum homem
tem direito de nossas vidas tirar
Mulher tem sonhos e não desiste
Persiste e faz acontecer
Pois ela é uma flor plantada
e regada no Jardim do Senhor
Quando as lutas vêm, ela busca forças em Deus.
Se fortalece e não cai,
se cair ela levanta quantas vezes precisar.
Pois nessa vida nem sempre se ganha,
se perde também
Mas se refaz a cada dia continuando
a caminhada e tendo a certeza que tudo dará certo.

LOUVAÇÃO A SÃO LUÍS

São Luís cidade tão feliz
São Luís que satisfação morar em São Luís do Maranhão
Cidade dos casarões
Cidade das decisões
Cidade onde canta o sabiá, esta música quero cantar
São Luís nós te amamos do fundo do coração
Como fala uma canção
São Luís dos poetas maranhenses da lua iluminada
Das festas enlugaradas dos contadores de piadas
Oh! Cidade tão amada.

MINHA LEMBRANÇA

Lembrar de você é rever o teu sorriso.
Lembrar de você é rever a tua alegria.
Lembrar de você é reviver belos tempos.
Lembrar de você é reviver belos dias.
Lembrar de você é me sentir diante do paraíso.
Lembrar de você é sentir minha força.
Lembrar de você é amar, e te amar eu preciso.

DEPRESSÃO

Depressão é você chegar no fundo do poço
e não ter como sair de lá.
É mergulhar no mar e se afogar,
por não ter forças pra nadar.
É você se deparar com o mundo de tristeza e dor.
É você querendo resistir sem poder
Depressão é se deparar na escuridão
onde todos os dias estão ruins
e não ter forças para vc viver
Sem vontade de nada fazer
Só com pensamento em morrer
Depressão é mundo sem razão
Você só enxerga decepção
e solidão que abala a alma e o coração.
Aí vem Deus, faz vc crer e vencer.



Rakel de Jesus Pinho

Literatura, força e fé



Rakel De Jesus Pinho nasceu em Caxias-MA em 1987. Desde de muito cedo, demonstrou interesse pela literatura, participando de grupos de centro da juventude na adolescência, quando seus educadores a incentivaram a publicar seu primeiro livro de poesias.

Em 2008, com incentivo financeiro da deputada da época, realizou o sonho e publicou o livro de poesias *Meu Eu*, com 500 exemplares vendidos em Caxias. Em janeiro de 2022, publicou seu segundo livro, na Academia Caxiense de Letras, *Salve a Mãe Natureza*, com 150 exemplares vendidos, no gênero literatura infantil com mensagem ecológica.

Participou da Bienal 2022, em São Paulo, cidade onde reside atualmente. A autora é professora de educação infantil, voluntária de trabalhos catequéticos, contadora de história e sonha em começar uma carreira pública na cidade de São Paulo e buscar parcerias para novas publicações.

MEU POEMA

Meu poema andar  livre pelas
Calçadas da vida,
Meu poema vai tirar o cigarro da boca do
Perverso,
Meu poema entrará nas filas
Para comprar o pão de cada dia,
Meu poema será livre feito os pássaros
No verão de outono,
Meu poema formar  família
Meu poema lutara por s l rios
Dignos,
Meu poema não terá
Nome para que ninguém o bajule
Meu poema será crítico
Democrático, será capaz de raciocinar
Meu poema não será hipócrita
E lutar  por segurança,
Meu poema saber  a hora de ir embora,
Meu poema lutar  por educação de qualidade
Por moradia adequada,
Meu poema dará uma qualificação
Na saúde pública que anda tão precária,
Meu poema terá nome
Chamar-se-  político antes das eleições.

O QUE É SER MÃE

É um amor incondicional,
É um amor que começa
Desde o momento da concepção
Até o dia do nascimento,
É querer estar presente em todos os momentos.
Ser mãe é sentir a dor pelo ser amado
Ser súbita a perdoar,
Ser mãe é dar tudo em troca do nada,
Ser mãe estar na alma
Ser mãe, só uma mãe
Saberá dizer o que é ser mãe.
Ser mãe é passar noites em claro,
Isso é ser mãe,
Ser mãe é ser a primeira acordar, a última
A dormir, a última a comer, a última a se arrumar,
A última a sair.
Sempre a última.
Ser mãe é trocar baladas, carreiras,
Amigos, sonhos,
Ser mãe é colocar sempre os filhos em primeira opção,
Ser mãe é deixar seus próprios
Sonhos para depois,
Ser mãe não é uma opção
Ser mãe é uma escolha
E eu escolhi ser mãe,
Ser mãe é saber que, de alguma forma,
Somos o único ser que gera vida...

MOTIVAÇÃO

Movimentação da alma,
Desejos movidos pela ansiedade,
Da realização de objetivos,
Ah, o que seria da vida sem a motivação
Dos nossos sonhos,
Nossas realizações
Nossas conquistas
A busca constante de desafios
Que a própria vida nos causa,
Os sonhos que não conseguimos realizar,
Não importa o quanto você se importa,
existem algumas
Pessoas que simplesmente não vão
Se importar com você
Mas só você é o responsável
Pela sua vida
Você é capaz de vencer
Os obstáculos e realizar
Seus sonhos
Seja capaz e seja feliz.

UMA HISTÓRIA DE FORÇA E FÊ

Numa cidade chamada Caxias, no Maranhão, nasceu uma menina forte, valente, cheia de coragem e fê, nunca teve nada fácil, sempre batalhou, estudou e, mesmo em tamanha dificuldade, nunca pensou em desistir. Filha de pais separados, sempre sonhou em ter uma família, passou a maior parte de sua infância ao lado de seu velho pai, na qual teve as maiores experiências de sua vida, seu tio rico como era conhecido pela vizinhança, contava histórias quase todos os dias para essa menina dormir, ao embalo de uma rede deitada sobre a pança do seu velho pai, se sentia segura e protegida, tinha muito medo do escuro e, quando apagava as luzes, ela via coisas mirabolantes. Roupas que viravam ursos ferozes, cobra gigante que aparecia atrás da geladeira, ladrões que saqueavam o pequeno comércio de seu velho, até vagalumes brilhantes apareciam, fadas madrinhas, essa menina tinha uma imaginação infinita.

Um dia essa menina cresceu, virou uma linda mulher, mas seu pai partiu dessa terra para nunca mais voltar. Aos poucos, mesmo com muita dor e saudades do seu velho pai, essa menina seguiu em frente, nunca perdeu sua fê de um dia ser feliz. Numa noite de carnaval de 2009, an-

dando pela cidade, encontrou um rapaz, muito rápido se apaixonou. Em meio a tantas idas e voltas, essa menina engravidou, esse rapaz, já muito longe, estava para São Paulo, essa menina viajou para encontrar seu grande amor. Teve sua filha, mas um dia esse rapaz a enganou. Mesmo decepcionada, ela perdoou, sua família cresceu.

Sabe quem é essa garota? Sim, sou eu. Filha de Luiz Gonçalves Pinho, mãe de Thalita Lorrane, Thaila Lorena e Luiz Miguel. Professora sonhadora e contadora de muitas e muitas historias...



Samanta Matos

literatura com força e sensibilidade



Samanta Barreto Matos de Souza é natural de Campinas – SP, veio para Imperatriz aos seis anos de idade, acompanhando a mãe e nesses mais de 30 anos construiu vivências e experiências em nossa cidade. Mulher, mãe, educadora e aprendente de poesia, como costuma se apresentar, Samanta tem dois filhos, um menino de

15 anos – Mathias e uma jovem mulher de 23 – Isadora.

É professora da rede estadual há 15 anos e atualmente trabalha com formação em Literatura e Ensino para professoras/es. Ativista social, atua como coordenadora do Coletivo Cromossomos +, grupo articulado em prol da defesa dos direitos da pessoa com Síndrome de Down. Feminista e simpática a outras causas sociais, já esteve em alguns movimentos pela luta por igualdade em causas diversas.

Teve seu primeiro livro de poesias – *(Re) leituras de mim*, publicado de forma independente em 2013 e, no momento, tem mais um livro a ser lançado ainda este ano – É sempre longe aqui dentro. Samanta se apresenta como aprendente de poeta, por considerar “a poesia um ofício, onde cada leitura, visão de mundo, vivência, ajuda a construir o caminhar. Assim, ofício sempre inacabado”.

POEMA PARA UM MENININHO

Um dia, assim sem avisos
uma sementinha de amor
brotou de mim
nem eu sabia
que neste dia e para sempre
eu podia gerar uma sementinha tão linda
quando ela eclodiu e subiu
às minhas terras
já trazia nos olhinhos o decreto de amar
e foi crescendo
e me fazendo forte
me ensinando a que veio
minha sementinha se chama amor
e espalha sementes
por onde quer que passe
semeia risos, abraços e beijos
só para quem está atento
minha sementinha
já virou flor
e anda por este mundo
espalhando beleza
dessas incomparáveis
semente, broto, flor de amor!

TU E EU

Faço versos com quem canta
Ou quem reza
Numa prece humilde, contrita
Num canto forte, rasgado
Verso, canto e rezo são para isso
Chegar mais para dentro de si
E olhar o universo todinho
UNI-VERSO
Somos um tu e eu
No acorde acertado
E na prece sincera
De gratidão e despertar.

A SEMENTE NOVA

De presente ganhei nova semente
Ela chegou fazendo barulho
Mostrando a que veio!
Ganhei uma outra semente de amor
Ela me ensinou
Que existem muitas sementes
Cada uma brotando a seu tempo
Carregadinha de carinho e afetos
Minha nova semente brotou
Trouxe festa à minha vida
Quis saber mais sobre sementes
E sobre brotos e sobre flor
Minha nova semente é muito curiosa
Atenta às coisas desse mundo
Questiona tudo!
Questiona até o broto e a flor
Ela brotou no meu ventre e no meu coração
Cresceu e tomou conta de tudo
Tomou conta de mim
E virou flor que gira
De um lado para o outro
Semente, broto, flor, beija-flor
Minha nova semente voa!
Alcança os céus para
De novo e de novo
Me ensinar o que é o amor.

POESIA PARA QUÊ?

Para suportar os dias
ou para morrer em cada verso
para ir mais longe
ou se perder dentro de si
seguir ou ficar
nem depende de poesia
mas ela ajuda
a embaralhar as ideias
só pra ter o gostinho amargo
na boca e depois
desatar os nós.

NADA MAIS ME CABE

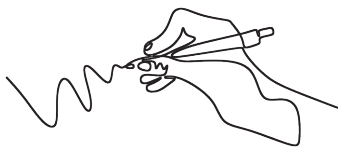
E as caixinhas? Estão por todos
Os lados
As coisas também não cabem
Em mim
Profusão
Não quero nada do que é
Alheio
Aprendi no Maranhão.

A TEMPO

Eu quero escrever a poesia
da mulher que sou
mas esses versos não cabem no papel
Eu quero escrever que agora
em quase meia jornada
me descobri
mas esses versos não cabem
nem em mim
Eu quero então escrever um poema
que me caiba e caiba em mim
mas, para a poesia, a única regra
é o descabimento.

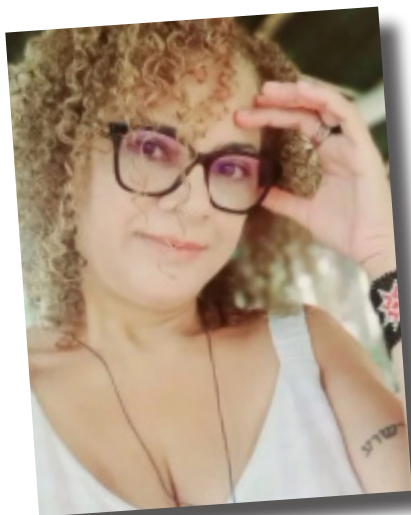
PROSA MÃE D'ÁGUA

O que aquele rio tem a me
dizer?
É que a vida, fia
(ouço-o assim com uma fala bem mansa),
não volta...
e é bem coisa de rio correr assim
impreciso
nunca duas vezes
sempre indo
e não se para num rio
ou se contorna ou se afoga.



Socorro Borges

A arte da palavra certa



Maria do Socorro Borges da Silva nasceu em Suçuarana, interior da zona rural de Caxias-MA. Reside atualmente no Piauí. É a mãe de Sofia de Yeshuah. É uma mulher, voz feminina polifônica no mundo fazendo de sua vida uma arte, ética e estética da existência em defesa da educação e dos direitos humanos.

É doutora e mestre em Educação, especialista em História Política Contemporânea e graduada em História. Docente da Universidade Federal do Piauí e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPI). Coordena o Laboratório de Experiências e Criações do Educar em Direitos Humanos (LECedh) e a Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos (ReBEDH), no Piauí. Atua no Núcleo de Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI/UFPI), no Observatório de Juventude, Violência e Cultura de Paz (OBJUVE/UFPI) e no Grupo de Trabalho da UFPI de Enfrentamento da Violência contra a Mulher. É membro do Instituto Histórico Geográfico de Caxias – MA (IHGC) e de outros coletivos.

Participou da coletânea poética do *Coletivo Mulherio das Letras – Portugal* (2020), e da coleção *Mulherio das Letras*, com o livro *Janelas do Devir* (2020). Em 2021, participou da IV Mostra Poetrix. Na Antologia *Resistência* (2022), juntou-se a outros grandes nomes nacionais. Na Antologia *Infinito* (2022), juntou-se a grandes nomes da Academia Internacional de Poetrix. Sua produção mais recente, financiada por instituição de pesquisa em concorrência de edital, é o livro *Filosofia do chão: experiências e criações de professoras no educar em direitos humanos* (2022). Seu mais

novo livro, intitulado *Ventos que sopram aquelas noites* (2023), é uma produção de consagração como poeta minimalista que resume muitas das experiências do período pandêmico de modo intenso, leve, profundo e com uma beleza estética.

MATERNIDADE

Mãos que tocam...
Acendi a luz!
Eu encolhi, o Amor cresceu.

ÍTERIM

Morrer (entre) mortes...
– última brisa que passou –
instante, ocupei-me da vida!

MEMÓRIAS

Mergulho em mim...
olhos d'água, desagui...
Vesti-me da Senhora do Tempo.

INTENSIDADES

Habito o sopro
Bambu ao vento
Vida e morte – posso!

MÃE

Parto do amanhã...
estranheza do ser – mundo (choro!)
arte do fazer viver!

VISÃO

entre um e outro – terceiro
ver nao é de olhar
– fechar os olhos e sentir.

TRECHO DE 'JANELAS DO DEVIR'

[...] nunca deixou de atravessar a fronteira que separa o campo da cidade. Volta ao povoado de nascença e infância, veste sua pele de onça parda e sai pela noite, no caminho da lua nova, para encontrar parentes e contar histórias antigas de vida!

*TRECHO DA ANTOLOGIA
'MULHERIO DAS LETRAS'*

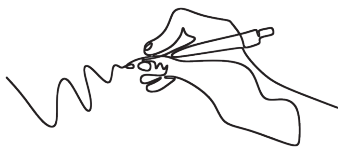
Não sabem que de lá fiz meu laboratório de criar tudo. Palavras e livros é o que mais me agrada. O que é da casa enferruja e cai. O que é do pensamento, cria asas e voa. Do meu microscópio enxergo suas costas e também, as estrelas!

**TRECHO DE ‘VENTOS
QUE SOPRAM AQUELAS NOITES’**

Todas as possibilidades de enxergar, no ínterim, entre o que não está posto, fala bem mais alto. Vai ter que pensar. Olho! Quebrar a cuca, forçar o juízo. Como um labirinto, é como quero que chegue. Gosto do enigma que se esconde na errância. Assim como a vida, cada palavra é uma queda... e um levantar do chão. Eu não sei falar correto. Abro a boca na emergência. Moléculas, disparadores molares, agregam, dissipam, cortam ou ungem. Nada permanece igual.

*TRECHO DE 'FILOSOFIA DO CHÃO:
EXPERIÊNCIAS E CRIAÇÕES
DE PROFESSORES NO EDUCAR
EM DIREITOS HUMANOS'*

Ela é o meu olho de ouvir, meu ouvir de ver, de sentir. É minha janela, por onde eu quero aprender a enxergar a realidade, o mundo, a educação e os direitos humanos. Quando abro essa janela, vendo pelo olhar da criança, enxergo outras tantas, o mundo delas e como elas vivem em diferentes situações. Não vejo só Yeshuah. Ela é o dispositivo de ver a criança, de ver o outro.



Lília Diniz
O sabor das palavras cantantes



Lília Diniz é maranhense. Escritora, atriz, cantora, brincante, produtora e gestora cultural. Tem cinco livros publicados, sendo eles: *Babaçu*, *Cedro e Outras Poéticas em Tramas*, *Miolo de Pote da Cacimba de Beber*, *Sertanejares*, *Mundo de Mundim* e um livro de contos, *Ao que Vai Chegar*.

Ocupa a cadeira nº 06 da Academia Imperatrizense de Letras e a cadeira “Leandro de Barros” da Academia de Letras do Brasil/Seção Brasília.

Transita entre os palcos do Maranhão e do DF, tendo sido premiada diversas vezes por seu trabalho literário na capital federal. Desenvolve um trabalho literomusical com os poemas do livro *Miolo de Pote*, do qual extraiu conteúdo para o espetáculo *Miolo de Pote em Cantigas e Versos*, e do livro *Sertanejares*, gestados ao longo de 20 anos de jornada e com influências do Brasil profundo, nas nascentes entre os babaçuais maranhenses.

A artista circula ainda, divulgando a obra da escritora goiana Cora Coralina e do Cearense Patativa do Assaré.

Está presente nas redes sociais: Instagram e Facebook:liliadinizpoeta; Site: www.liliadiniz.com.br; Youtube: LiliaDiniz.

CUIDADEIRA

Que eu saiba cuidar
das palavrinhas ainda crianças
que se achegarem ao terreiro
do meu pensar.
Traquinando
no balanço da minha retina,
se liquefazem e
evaporam no céu do meu poema,
ainda anuviada
de ignorâncias.
Que eu saiba agradecer
às palavrinhas anciãs,
enrugadas,
de tempos imemoriais,
com seus cajados
de pontos, vírgulas, interrogações
e parênteses.
Palavras avozinhas
que me ensinam, pacientemente, a
soletrar meu pouco entender,
de um vocábulo raquítico,
e iniciam meus dedos analfabetos
no labor de desentocar
metáforas semeadas
nos quintais do universo.

BRINCADEIRA DE MENINA

Então a gente brincava
imitando as lavadeiras
as dos açudes, dos poços
em cantigas corredeiras
fazendo espuma branquinha
lavando com as casquinhas
daquelas saboneteiras
as roupas das bonequinhas
todas bem prazenteiras.

CACIMBA DOS CAÇOTES

É verdade
eu bebi água da cacimba
dos caçotes
De lá pra cá
sinto coaxar das rãs
em minha pele costurada
com fios d'água serenada
Vez por outra
vagalumes saem dos meus ouvidos
Minha língua insiste
falar o vocábulo secreto
das cacimbas
cochichando a mim
estranhezas do lamaçal
que nutre bichinhos gosmentos
e borboletas azuis
À noitinha
é comum brotar raízes dos meus pés e
dos meus seios jorrar mel
lambuzando meu ventre de metáforas doces
A cacimba dos caçotes
fica ali entre a fonte dos tontos
e o córrego do urubu
Quem quiser beber de lá
saiba do risco que é
desvestir-se do que
já não cabe.

AFOGADA

Náufraga no açude
dos teus beijos
pesco estrelas
no céu da tua boca.

ALMAZÔNICA

Por um triz
minha alma não encarnou cigarra.
Talvez por carecer provar o
musgo da palavra
lamber
miudezas rimadas
rastejar
no visgo do poema
minha nascença
teve que ser assim
rastejante
coroadas de flores
anônimas
calçada de embiras retorcidas
vestida de folhas falantes e
com vocação
para eclodir cantando.

DÓI INTÉ A ALMA

Mode tua ida repentina
inda hoje é dia que
meus olhos e alma
estão diluridos
Pelejo dias e noites
pra arrancar o gosto
que ainda sinto
das tardes quentes
quando amantes em pecado
nos lençóis de carne ardente
breamos nossos corpos
na estação das mangas.

ALUMIADA

Careço de ti
iluminando os meus dias
com a lamparina
dos teus olhos.



MARCOS FÁBIO BELO MATOS

– Jornalista, professor universitário, escritor e revisor. Autor de várias obras, nos campos da literatura e comunicação, nos gêneros: livro acadêmico, poesias, contos, novelas e coletânea de artigos científicos, entre eles: *Crônicas de Menino* (relatos da infância, crônicas), ganhadora do Prêmio BNB de Cultura, em 2004; *O 18º Andar* (Novela), ganhadora do Edital Literário da Fapema em 2017; *Palavras no Averso* (Crônicas), ganhadora do Prêmio Edelvira Marques, da Fundação Cultural de Imperatriz, em 2018; *Veritas* (Contos), ganhador do Prêmio Literário da Academia Imperatrizense de Letras em 2023 e publicado pela Editora Estampa, em 2024.

É membro da Academia Imperatrizense de Letras, da Academia Bacabalense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Imperatriz.



JOSÉ NERES é graduado em Letras (Português/Espanhol), História, Pedagogia e Design Editorial. É mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília e Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (Uniderp-MS).

Pertence aos quadros de membro efetivo da Academia Maranhense de Letras, da Academia Ludovicense de Letras, da Academia Poética Brasileira e da Sobrames-MA.

É autor de diversos livros e artigos.

Mural das minas

(ANTOLOGIA LITERÁRIA FEMININA MARANHENSE)

Mural das Minas é uma obra brilhante que destaca o talento diversificado de cinquenta escritoras maranhenses. A iniciativa se destaca por oferecer uma plataforma valiosa para que essas vozes sejam ouvidas. Com uma seleção que abrange desde autoras consagradas até talentos emergentes, o livro proporciona uma experiência de leitura envolvente, refletindo a riqueza cultural do Maranhão. Além disso, ao seguir a cronologia dos textos, torna-se um documento precioso para as futuras gerações. Em suma, esta coletânea é uma celebração da diversidade e do talento literário feminino, essencial para todos os amantes da literatura.

WESLEY ALMEIDA
DESIGN EDITORIAL

